

# pierre teilhard de chardin

# CBISTO CBISTO

# CIENCIAe

#### P. TEILHARD DE CHARDIN

Diversamente dos demais conjuntos de escritos deixados por T. de Chardin, predominam neste os problemas religiosos. Apesar de ter sido antes de tudo um cientista, e de jamais ter alimentado a pretensão de ser um teólogo, era profundo o seu interesse pelos problemas religiosos e muito se preocupava com a expansão e o progresso do cristianismo. Neste livro, composto de vários ensaios fragmentários, com datas que vão de 1919 a 1955, podemos apontar pelo menos três grupos de temas que dirigem e unificam a obra: temas pertencentes à sociologia da religião, um esboço de fenomenologia do cristianismo e uma série de meditações sobre problemas de ordem diretamente teológica. Aqui T. de Chardin mostra várias exigências fundamentais que a experiência humana chega a impor ao pensamento teológico.

Que o aspecto fragmentário destes ensaios não nos engane. Aquele que os ler, logo perceberá toda a sua profundidade, tanto científica quanto religiosa, e verá como poderão ser frutuosos para um encontro entre o cristianismo e o mundo moderno.

#### LANÇAMENTOS VOZES SOBRE O PENSAMENTO E OBRA DE TEILHARD DE CHARDIN:

- Tellhard de Chardin, Ensaio de Leitura Crítica / E. Martinazzo.

  Universo Clentifico e Visão Cristã em Tellhard de Chardin / H. de Lima Vaz.

  A Visão de Tellhard de Chardin / Pieter Smulders.

  A Moral em Tellhard de Chardin / Denis Mermond.

  Cadernos Tellhard / uma série de folhetos em que diversos especialistas estudam temas específicos da obra tellhardiana.

Atendemos pelo Reembolso



Capa: Edeon Scorcelli

#### FICHA CATALOGRAFICA

(Preparada pelo Centro de Catalogação-na-jonte do Sindicato Nacional dos Editores de Livros, GB)

Teilhard de Chardin, Pierre.

Ciência e Cristo; tradução de Ephraim Ferreira
Alves. Petrópolis, Vozes, 1974.

204p. 21cm.

Do original em francês: Science et Christ. Apêndice.

1. Religião e ciência — 1946. I. Título.

74-0323

CDU — 215 CDU — 215 o 1006, Advivos du Seuit Teuro do original francês: Señeze es Clube

#### PIERRE TEILHARD DE CHARDIN

# E transport of the strain of t

Tradução de Ephraim Ferreira Alves



1974

© 1965, Editions du Seuil Título do original francês: Science et Christ

PIERRE TEILHARD DE CHARDIN

© da tradução brasileira, 1974 Editora **Vozes** Ltda. Rua Frei Luís, 100 25.600 Petrópolis, RJ Brasil

tale con os Co P Vozels Come by



#### INTRODUÇÃO

Neste novo tomo dos escritos deixados por Teilhard de Chardin, diversamente do que ocorria nos tomos anteriores, predominam os problemas religiosos. Excetuando a obra intitulada Le Milieu Divin, que constituía uma obra à parte, tinham prioridade, na medida do possível, os estudos e tratados referentes aos objetos de ordem mais científica ou relacionados com a filosofia da natureza. Se vez por outra se abordava um tema religioso, muitas vezes isto era feito apenas de passagem e no quadro de uma concatenação de idéias substancialmente pertencentes aos domínios que acabo de lembrar. Chegou agora o momento de reunir os escritos que abordam mais diretamente problemas religiosos e publicá-los em ordem cronológica. Em vista da extensão e do número desses escritos, tivemos de consagrar-lhes dois tomos. Em seguida, serão reunidos num volume, que deverá sair ulteriormente, os escritos de caráter predominantemente autobiográfico.

Para a boa compreensão destes textos, talvez não seja inútil chamar a atenção para o caráter particular destes escritos. Não 6 mister, sem dúvida, repetir que Teilhard de Chardin era primeiramente um homem de ciência, um investigador no campo da geologia e da paleontologia. Jamais alimentou a pretensão de ser sociólogo da religião ou historiador da religião ou ainda teólogo, malgrado se interessasse profundamente pelos problemas religiosos e se preocupasse com a expansão e o progresso do cristianismo.

Precisamente por ser um cientista, Teilhard via claramente muitas coisas, que para outros, menos familiarizados com o atual nível das ciências e movimentando-se num outro clima espiritual, permaneciam no domínio do desconhecido e cuja importância não conseguiam captar de maneira adequada. Sua qualidade de sábio permitia-lhe ver surgirem problemas e dificuldades que, segundo ele, ainda não tinham sido resolvidos de maneira satisfatória, pelo simples motivo de que as pessoas chamadas a resolvê-los não se davam conta de sua envergadura ou pareciam nem mesmo suspeitar de sua existência. Será razoável censurá-lo por ter levantado esses problemas em toda a sua agudeza, por ter convidado os que se dedicam à sociologia da religião e à teologia a estudá-los atentamente e por ter procurado, nesse meio tempo,

uma solução desses problemas para si mesmo e para aqueles que o consultavam, enquanto esperava que outros mais competentes do que ele se empenhassem no estudo de tais questões?

Não deveríamos, ao contrário, ser-lhe gratos precisamente pelos serviços que prestou assim aos teólogos, tornando-os conscientes de problemas cuja existência, ou ao menos cuja importância lhes escapara, o mais das vezes, fazendo-os além disso participar nas ricas intuições de sua fé bem como nas soluções que concebera para si mesmo?

Portanto, aqui não se trata de procurar nas páginas seguintes o enunciado de tratados teológicos, construídos de forma técnica, e menos ainda uma nova teologia professada com segurança. Entretanto, o que podemos perceber em todos estes textos é o testemunho de um sábio eminente, e ao mesmo tempo de um grande cristão que se debateu, com absoluta integridade e sincero amor a Cristo, contra os problemas que foi encontrando ao longo de sua vida.

Também não é nosso propósito comentar aqui todos os temas tratados nas páginas seguintes. Seja-nos, contudo, permitido destacar particularmente alguns pontos. Percorrendo os diversos temas que aparecem nos escritos em pauta, não é difícil reparti-los em três grupos. Com efeito, encontramos aí tratados que podem enquadrar-se no campo da sociologia da religião, ao passo que em outros se esboça uma espécie de fenomenologia do cristianismo. Por outro lado, destacam-se igualmente tratados relativos a problemas de ordem teológica. Ao ler estes escritos, será portanto necessário levar em conta o fato de que o cristianismo é neles abordado a partir de três diferentes pontos de vista. religiosos è publicá-los em ordem cronológica. Em vista

numero desses escritos, tivemos de consagratellies 1. Ao enfoque sociológico pertencem as diversas considerações elaboradas por Teilhard a propósito da situação religiosa atual da humanidade e, mais particularmente, a propósito da situação do cristianismo. A situação de crise, que enfrenta o sentimento religioso no mundo de hoje, foi nitidamente percebida por Teilhard, que muitas vezes tentou detetar-lhe as causas e indicar os remédios adequados. Embora seja possível qualificar esses tratados de fragmentários, apesar de traduzirem impressões pessoais (aqui, evidentemente, não se trata de investigações sociológicas propriamente ditas), deve-se reconhecer no entanto que as concepções apresentadas a propósito merecem nossa atenção e atestam muitas vezes um sutil discernimento da ecisamente por ser um cientista, Teilhard via lautanebabilatiem

Em virtude de sua formação e atividade científicas, Teilhard de Chardin era particularmente sensível à influência das concepções científicas sobre a consciência religiosa. Esta aliás tem relações íntimas com a visão geral do mundo. A concepção que o homem elabora do universo e de seu lugar no mundo influencia sua compreensão de Deus e determina sua opinião sobre a missão terrestre que deve assumir. Isto explica por que as grandes revoluções na visão do mundo coincidem sempre com tensões no pensamento religioso da humanidade, tensões muitas vezes suscetíveis de se desenvolverem numa crise real. Os progressos científicos que se manifestaram no curso destes dois últimos séculos suscitaram uma espécie de revelação no pensa-

mento do homem moderno: o cosmo se lhe manifestou em sua grandeza fantástica e coerência orgânica. "A história atual do sentimento religioso nos homens, sejam eles quais forem, parece-me dominada por uma espécie de revelação que se vai efetuando, na consciência humana. do Universo uno e grande". Desta nova visão do mundo surgiu uma nova forma de religiosidade natural, que era completamente inimaginável durante os séculos passados: "... Poder-se-ia dizer que uma forma desconhecida de religião (uma religião que ninguém poderia imaginar nem descrever até aqui, na falta de um Universo bastante grande e orgânico para contê-la) está germinando no coração do Homem moderno, no sulco aberto pela Idéia de Evolução".2

A humanidade contemporânea não é atéia, como pensam alguns. Pelo contrário, ela elaborou uma espécie de nova religiosidade natural, que lhe inspirou respeito e admiração diante do cosmo e lhe suscitou o sentimento segundo o qual a vida terrena implica uma grandiosa missão cujo objetivo é dominar e concluir o mundo. "Diga-se o que se disser, nosso século é religioso — mais religioso provavelmente que todos os outros... Falta-lhe apenas encontrar o Deus a quem possa adorar". Mesmo no ateísmo contemporâneo encontra-se muitas vezes oculto um fator religioso inconsciente, e parece-me ser preciso levar em conta não tanto um verdadeiro ateísmo quanto um teísmo insaciado. O sucesso de um livro como o de John A. T. Robinson, Honest to God, não será um sintoma da paixão com a qual o homem moderno milita a favor de sua idéia de Deus? Muito antes que o bispo anglicano frisasse esta situação, já escrevia Teilhard estas notáveis palavras: "Em torno de nós, há um certo pessimismo que não se cansa de repetir que o nosso mundo está mergulhado no Ateísmo. Não deveríamos antes dizer que o mal de que ele sofre é um teísmo insatisfeito?" 4

São claras as consequências desta situação religiosa da humanidade: "Definitivamente e para sempre, podemos crê-lo, o Universo se manifestou à nossa geração como um Todo orgânico, a caminho sempre de mais liberdade e personalidade. Por isso mesmo, a única Religião que a Humanidade deseja e poderá doravante admitir é uma Religião capaz de justificar, assimilar e animar o Progresso cósmico tal como ele se delineia na ascensão da Humanidade". 5 Coloca-se, ao mesmo tempo, a questão de saber em que medida o cristianismo, tal como se manifesta atualmente no mundo, preenche esta condição. Em teoria, os cristãos reconhecem indubitavelmente o valor das ciências e da nova concepção do mundo que elas suscitaram, mas na prática continuam exprimindo-se como se vivessem num mundo estático e num clima pré-científico. Dão a impressão de não terem participado na evolução psicológica, ou até de recusar sua aceitação integral. Parecem comprazer-se em minimizar as esperanças humanas e em destacar as fraquezas e imperfeições da sociedade e da ciência. Sua fé não anima as supremas aspirações de nossa época. Entre "crer em

Nota sobre Cristo Universal, 1920.
L'étoffe de l'Univers, 1953.

Carta de 10-12-1952, cf. C. Cuénot, Pierre Teilhard de Chardin, Plon 1958, p. 448.

L'activation de l'Energie, Oeuvres, t. VII, p. 248.

Introduction à la vie chrétienne, 1944.

Deus" e "crer no mundo" surgiu assim uma antinomia, que deve ser considerada a causa principal sempre mais importante.

Nem a grandeza da aventura científica nem o valor das aspiracões sociais à libertação do homem com respeito a suas alienações, econômica e cultural, encontraram no ambiente eclesiástico o eco e apreciação que poderiam, com toda a razão, reclamar. "Sejamos sinceros: a Igreja demorou muito a compreender, como agora o fazemos, a esplêndida nobreza humana e a paixão da pesquisa — estes dois elementos fundamentais do Pensamento moderno". Isto acarretou em consequência um trágico defasamento entre o mundo de nossos dias e a Igreja... "A fonte principal da incredulidade moderna... deve ser procurada no cisma ilegítimo que foi gradualmente, a partir do Renascimento, separando o Cristianismo daquilo que se poderia chamar a corrente religiosa natural HUMANA". 8

Eis a situação religiosa de nossa época. A explicação da crise religiosa que atualmente se vai manifestando deve ser procurada, de um lado, na aparição de um novo sentimento religioso originado da visão moderna do mundo e, de outro, no conservadorismo que durante muito tempo caracterizou o pensamento e a práxis dos cristãos. Somente uma profunda refontalização do relacionamento dos cristãos com a ciência poderá solucionar essa crise. "A obra de assimilação, escreve H. de Lubac, S.J., nunca cessa na Igreja, e nunca é cedo demais para empreendê-la!"

Sem dúvida. Teilhard não é o único que faz este diagnóstico. Outros igualmente já aventaram considerações similares. Recentemente ainda Dominique Dubarle, O.P., acentuava a necessidade de levar em conta, no ato de fé, não só os dados da ciência mas também o espírito e a atitude intelectual aí contidos. "É necessário que a inteligência crente adote não apenas aquilo que a concepção científica nos diz materialmente da realidade, mas (aceite) efetivamente um espírito interior da ciência, uma forma de filosofia vivida, instintiva, que a ciência traz em si de maneira implícita, e que sabe aliás tão bem explicitar sempre que necessário. Esse espírito, essa filosofia não poderiam ser dissociados dos conhecimentos propostos pela ciência, sem deixar de lado uma parte capital de seu ensinamento... Este é talvez o ponto em que mais se censura a religião, por desconhecê-lo..." 10 Onde não se reconhece esta necessidade, aí parece que a religião é apenas um resíduo de uma era pré-científica, uma bela recordação da infância humana. Sociologicamente falando, o cristianismo só tem um futuro diante de si na medida em que levar em conta essas exigências e conseguir integrar, desta sorte, a concepção moderna da vida.

2. Uma segunda série de meditações do pensamento religioso de Teilhard visa o enfoque do cristianismo enquanto fato histórico. Com efeito, podemos estudar o cristianismo como um simples fenômeno entre outros, exteriormente por assim dizer, sem nos pronunciar-

mos sobre seu caráter sobrenatural. Por conseguinte, trata-se aqui exclusivamente de um fenômeno histórico, cuja envergadura, alcance e sobretudo traços característicos podemos analisar, bem como a sua estrutura espiritual, e compará-los a outros dados experimentais. Da mesma forma, é possível estudar as outras grandes religiões universais. Uma vez efetuada essa tarefa, põe-se então a questão de saber qual a religião que melhor se associa, por sua estrutura interna, à estrutura fundamental de um mundo caracterizado por uma evolução convergente, noutras palayras, qual a religião melhor adaptada quando se trata de uma religião da evolução.

"Para mim 'fenômeno cristão' significa a existência experimental, no seio da Humanidade, de uma corrente religiosa caracterizada pelo grupo das seguintes propriedades: intensa vitalidade, curiosa 'adaptividade', que lhe permitem, diversamente das outras religiões, desenvolver-se da melhor forma e, principalmente, na própria zona de crescimento da Noosfera; notável similaridade, finalmente, nas perspectivas dogmáticas... com tudo aquilo que o estudo do Fenômeno humano nos ensinou" 11

Sem dúvida, uma fenomenologia das religiões e do cristianismo em particular não constitui uma inovação, mas a forma como Teilhard se comporta a propósito não é destituída de originalidade. Além da grande vitalidade e flexibilidade com que o cristianismo é capaz de integrar tudo o que é importante e acolher todo progresso da vida espiritual, pode Teilhard destacar algumas verdades fundamentais do cristianismo, constituindo assim a religião ideal de um mundo que deve atingir, por via da evolução, sua unidade e acabamento finais. Não se trata aqui de um concordismo barato, mas de uma sincera tentativa de situar o cristianismo no conjunto do mundo em que se manifesta e pôr desta maneira em evidência, mediante análise objetiva. a coerência harmoniosa entre essa religião e o mundo ambiente. Também não se trata, neste caso, de juntar artificialmente elementos heterogêneos, mas de um dado real que se depreende da análise dos fenômenos.

Limitemo-nos a alguns elementos fundamentais da estrutura do cristianismo, essencialmente característicos dessa religião e que a distinguem das outras religiões mundiais. Excetuando a crenca num Deus pessoal, o cristianismo se caracteriza pelos seguintes elementos:

1) Primeiramente, pelo fato de uma Pessoa histórica ocupar nele um lugar perfeitamente central. Cristo não é somente o fundador de um movimento religioso ou o arauto ou o pregador de uma mensagem: ele é o próprio conteúdo desta mensagem. Cristão não é aquele que adere a uma doutrina ou que pratica uma certa moral, mas antes aquele que se une a Ele, que se incorpora a Ele. Mostrarse cristão é "ser no Cristo". 12 Este elemento não se encontra de maneira idêntica nas outras religiões mundiais. Buda e Maomé são os fundadores de correntes religiosas importantes, mas limitam-se a ser os portadores e os arautos de uma doutrina de salvação. Budista é

<sup>&</sup>lt;sup>6</sup> A Incredulidade moderna, 1933.

Le Sens humain, 1929. 8 A Incredulidade moderna, 1933.

Le Drame de l'humanisme athée, 3<sup>8</sup> ed., p. 9, Paris, Spes 1945.
D. Dubarle, Pour un dialogue avec le marxisme, Ed. du Cerf, 1964, p. 33.

<sup>11</sup> Comment je crois, 1948. São Paulo.

aquele que compartilha a filosofia de Buda e segue "as oito vias". Maometano, aquele que aceita o Corão como o livro sagrado e observa suas prescrições. Aliás, a designação "maometano" não é empregada pelos próprios maometanos, mas foi inventada pelos europeus. Eles mesmos se chamam "muçulmanos", e sua religião é o Islã, ou seja, a religião do abandono confiante a Alá.

- 2) A pessoa histórica de Cristo anunciou seu regresso no fim dos tempos, como coroamento e acabamento da história. O cristianismo é profundamente escatológico, isto é, orientado para os fins últimos. Por conseguinte, o cristianismo orienta seus adeptos não para o passado, mas para o futuro. Ensina-os a viver na esperança do fim do mundo e com os olhos voltados para o Cristo glorioso da Parusia. Em algumas seitas do budismo fala-se numa reencarnação repetida de Buda, mas nem Buda nem Maomé anunciaram seu regresso no fim dos tempos como executores da história.
- 3) A volta gloriosa de Cristo deve ser preparada pela lenta edificação de seu Corpo místico, pois o Cristo total abrange a Cabeça e os membros (*Totus Christus*, caput et membra). <sup>12</sup> O mundo inteiro constitui o "pléroma" de Cristo, em quem tudo o que existe no céu e na terra deve ser "recapitulado", recolocado sob um só Senhor, Cristo, e unificado assim para todo o sempre. <sup>24</sup> Nem no budismo, nem no Islã, nem em qualquer outra religião se encontra algo semelhante.
- 4) A lei suprema da moral cristã pode resumir-se no amor a Deus e ao próximo. O cristão não pode contentar-se em não prejudicar o próximo (caridade passiva), mas deve procurar fazer o bem e promover a felicidade de toda a humanidade (caridade ativa). Segundo atestam seus representantes (Gandhi, Vivekananda, etc.), o hinduísmo, que já conhecia o amor passivo ao próximo, somente agora começa a descobrir a caridade ativa, sob a influência do cristianismo. O mesmo ocorre com o budismo. O Islã conhece muito bem a lei da caridade ativa, mas sua prática é fortemente limitada pelo fatalismo próprio a essa religião.

Assim, portanto, todas essas características pertencem essencialmente ao cristianismo e o distinguem das outras religiões importantes. Comparando esses elementos com a estrutura geral da evolução, vê-se facilmente como semelhante religião se integra de maneira harmoniosa e se associa à ordem geral do universo, ao qual confere um centro supremo e uma lei fundamental, plenamente adaptados a suas necessidades e exigências. Se alguém quisesse conceber uma religião no próprio prolongamento da evolução universal, seria bem difícil encontrar alguma que estivesse mais e melhor em harmonia com nosso mundo. Longe de manifestar-se como elemento heterogêneo, o cristianismo assume aqui a forma de complemento e coroamento natural de toda a criação.

Santo Agostinho.
 Ef 1,9-10. Cf. a propósito: L. Cerfaux, Le Christ dans la théologie de saint Paul, Ed. du Cerf 1951, p. 818-819.

Aprofundando este raciocínio, descobriremos aqui "uma harmonia de ordem superior", cuja grandeza e riqueza Teilhard não cessava jamais de celebrar. Esta harmonia entre a estrutura fundamental do cristianismo e as exigências de uma evolução convergente adquire, nele, o sentido de uma justificação racional de sua fé. A harmonia constitui, aliás, a característica da verdade.

Nada disso, é claro, tem ainda relações com a teologia propriamente dita. Quando muito, poderíamos ver aí o esboço de uma apologética adaptada à mentalidade moderna. O enfoque teológico propriamente dito começa apenas quando o crente, iluminado pela fé, procura aprofundar o conteúdo da revelação.

3. Precisamente enquanto fiel e cientista crente, Teilhard meditou sem cessar sobre o conteúdo e o significado de sua fé. Não devemos perder de vista que a teologia, apesar de seu objeto sobrenatural, nunca deixa de ser uma ciência humana e uma tentativa humana de apreender exatamente a revelação e formulá-la de maneira inteligente. Tal como todo pensamento humano, o pensamento teológico é também um pensamento que sempre toma como ponto de partida uma certa situação concreta, determinada entre outras por toda uma série de circunstâncias sociológicas e culturais. Em vista de seu caráter intimamente ligado ao homem, o trabalho teológico não conhece fim e deve ser retomado por toda nova geração.

Segundo Teilhard de Chardin, a experiência humana atual impõe, antes de tudo, três exigências fundamentais ao pensamento teológico. A teologia deve primeiramente tornar a verdade da fé inteligível ao homem de hoje, libertando-a de todas as concepções e fórmulas definitivamente ultrapassadas. Compete-nos em seguida orientar nossa atenção particular para o problema da relação entre Deus e o mundo, atribuindo a este último termo o sentido que lhe dá a ciência contemporânea. Finalmente, sentimos a necessidade de uma teologia do trabalho e do esforço humano em sua aplicação concreta à investigação científica e a criação técnica. Examinemos, mais de perto, essas três exigências.

a) É evidente que a revelação se apresentou numa fase da história cultural em que o cosmo era apenas considerado como um mundo fechado e estático. Por força das circunstâncias, foi então formulada em termos e concepções ligados intimamente à visão do mundo adotada geralmente naquela época. Também a patrística e a escolástica, em seu todo, não conheciam outra concepção do mundo. A teologia tradicional, cujos alicerces foram lançados durante os séculos passados, traz assim, inevitavelmente, a marca dessas circunstâncias. Os Padres da Igreja e os teólogos medievais aprofundaram o cristianismo partindo de sua situação cultural concreta e o explicitaram em termos tomados de empréstimo às experiências de vida de então. Não é conveniente retomá-los tais quais e proceder como se nada tivesse mudado desde então em nossa visão do mundo. Por conseguinte,

<sup>15</sup> Comment je crois, 1934.

Teilhard preconiza uma "transposição em dimensões de Cosmogênese da visão tradicionalmente expressa em termos de Cosmo". 16

Semelhante transposição supõe que se possa distinguir a verdade permanente de sua expressão variável: "Uma coisa é a substância da doutrina antiga, contida no depósito da fé, outra a formulação com que a revestimos". 17

Claro é que tal empreendimento não pode ser levado a termo por uma só pessoa, ainda mais alguém que não praticava ex professo a teologia. O objetivo essencial de Teilhard era chamar a atenção para a necessidade de suprimir definitivamente tudo o que lembrasse, o mínimo que fosse, a concepção antiga do mundo e de aspirar a uma nova formulação da fé, em cujos termos se levaria em conta com todo o rigor a moderna visão do mundo. As sugestões que ele colocou a propósito de noções como a criação, o pecado original, a redenção, a parusia, etc., merecem em todos os casos nossa atenção e nossa meditação. Poderiam forjar um material precioso para a edificação de uma teologia mais adequada.

b) Um dos problemas capitais no pensamento teológico de Teilhard de Chardin diz respeito à relação entre Deus e um mundo em evolução. "Seria o momento, numa época em que o pensamento humano tende a reconhecer o Cosmo como um Todo per se, de refletir um pouco nas relações que unem este Todo a Deus". 18 "Em todos os ramos da ciência sagrada, já é tempo de perscrutar, mediante o estudo e a oração, a região onde se tocam Deus e o Cosmo". 19

É com efeito difícil negar, por exemplo, que a teoria da criacão deva ser formulada algo diversamente quando consideramos o mundo como um dado estático, que apareceu subitamente da vontade criadora de Deus e somente é salvaguardado depois (creatio em oposicão a conservatio), ou antes como um dado dinâmico em que se realiza por assim dizer uma criação permanente que só será terminada no final dos tempos. Considerando este ato criador ex parte Dei, a partir de Deus, devemos conceder que ele é absolutamente inimaginável e ininteligível (seria preciso ser Deus para compreender o que é um Deus-Criador). Considerado no entanto a partir do mundo, isto é. na medida em que ele se deixe conhecer na base dos objetos criados. poderíamos com razão considerar que ele se mostra concretamente a nós como obra de unificação, como edificação gradual do múltiplo numa unidade final. É claro que desta maneira não se pretende depreciar, de forma alguma, a definicão metafísica de "ser criado" como relatio radicalis dependentiae, relação de dependência radical.

No entanto, o ponto de interferência mais importante entre Deus e o mundo se encontra para o fiel na pessoa de Cristo. A questão da relação entre Deus e o mundo é assim orientada para a questão da relação entre Cristo e o mundo. Por conseguinte, o teólogo deveria dedicar-se a "analisar e precisar as relações de existência e influência que ligam Cristo e o universo entre si". 20 Durante os séculos pre-

cedentes, tratava-se de examinar de perto a relação entre Cristo e a Trindade e dar-lhe uma formulação exata. Chegou agora o momento de aprofundar a relação de Cristo com o mundo.

As meditações que Teilhard elaborou sobre esse ponto se caracterizam por:

- 1º) sua tentativa de situar o Cristo no quadro da visão moderna do mundo, pois ele aspira a "uma Cristologia que se estenda às novas dimensões do Tempo e do Espaço". " e 2°) seu esforço por conceber o vínculo entre Cristo e o mundo não como puramente juridico ou moral, mas antes orgânico, isto é, por conceder a Cristo no conjunto do cosmo uma função orgânica enquanto sentido, termo e força motriz de toda a evolução, "de sorte que a Cristogênese apareca como a sublimação de toda a Cosmogênese". 22 Teologicamente falando. nada se pode objetar a essa aspiração como tal. Também São Paulo, nas suas cartas do cativeiro, atribui uma dimensão cósmica à Encarnação e à Redenção. Na teologia católica sempre se manifestou uma tendência a acentuar a relação orgânica que liga Cristo ao mundo. de sorte que o mundo conhece sua existência n'Ele e se vê levado à sua unidade por Ele. 22 Com toda a razão, pois, podia Teilhard escrever: "... Mais não faço que... transcrever em termos de realidade física as expressões jurídicas em que a Igreja depositou sua fé". 2 Com a teoria do primado de Cristo, Teilhard se acha sobre alicerces estáveis e sólidos. E claro, entretanto, que a síntese por ele edificada baseando-se nas perspectivas científicas e cristológicas depende em boa parte de sua concepção do mundo. Para pronunciar-se sobre este último ponto, porém, o teólogo não possui competência alguma.
- c) Como terceira exigência imposta por Teilhard à teologia. citávamos a necessidade de uma nova reflexão sobre o valor religioso do trabalho e do esforço humano e, em particular, sobre a pesquisa científica e a criação técnica. Trata-se aqui de um problema teológico de ordem primacial, pois o resultado dessa reflexão será determinante para a atitude do cristão diante da cultura moderna. Certamente. semelhante meditação não constitui mais hoje uma exceção, mas na época em que Teilhard escrevia era indubitavelmente menos comum. Além disso, ele desenvolvia também a este propósito algumas intuições novas que merecem nossa atenção e reflexões ulteriores. Ligam-se logicamente às idéias que ele lançava no domínio cristológico.

Apresentada de forma esquemática, a sequência de suas idéias equivale ao seguinte: na perspectiva de uma evolução de tipo convergente, que deve ser levada a termo pela livre colaboração do homem. o trabalho, a ciência e a técnica assumem um significado excepcional e devem ser considerados por conseguinte, pelo homem, como um dever supremo e uma sagrada missão. O trabalho, a ciência e a técnica

21 Le Phénomène chrétien, 1950.

 <sup>&</sup>lt;sup>16</sup> Carta de 1º-1-1951, cf. a propósito: C. Cuénot, op. cit., p. 880.
 <sup>17</sup> Alocução de João XXIII, na abertura do Concílio Vaticano II, 11-10-1962. 18 Nota sobre o Cristo Universal, 1920.

Note pour servir à l'Evangélisation des Temps nouveaux, 1920. 20 Christianisme et Evolution, 1945.

<sup>28</sup> Oct. a propósito: Col 1,15-20; Ef 1,10, etc. 24 Comment je crois, 1934.

E Quanto à teologia protestante, cf. por exemplo a importante obra de Karl Heim: Der evangelische Glaube und das Denken der Gegenwart (seis vol.); em particular, vol. 3: Jesus der Weltvollender, Hamburgo, Furche-Verlag 1952 (3ª ed.).

são necessários à ascensão do homem na direcão de uma unidade e espiritualização sempre maiores. Para o cristão, entretanto, acresce a esta uma nova dimensão. Pois se aceitamos que Cristo constitui o termo de toda a criação e que tudo deve encontrar n'Ele seu acabamento e coroamento, daí resulta que o mundo como um todo se manifesta por um caráter sagrado e tudo o que contribui para a futura expansão da criação está orientado intrinsecamente para Cristo. Levando em conta o papel excepcional representado a esse propósito pelo trabalho, a ciência e a técnica, daí se segue que eles constituem uma condição essencial, embora insuficiente em si, mas necessária contudo à edificação do Reino de Deus. Insuficiente, pois a salvação do homem só pode ser, em última análise, obra da graca; necessária todavia pois esses fatores preenchem uma função insubstituível nos desígnios divinos. Em seu amor a Cristo o cristão há de encontrar assim um novo estímulo a militar em prol do progresso da cultura e do melhor cumprimento de sua missão terrestre.

Esta concepção de Teilhard sobre o valor do trabalho humano constitui apenas a consequência lógica de sua cristologia: "Afirmar que Cristo é termo e motor da Evolução... é implicitamente reconhecer que Ele se torna atingível em e através do processo inteiro da Evolução". Aquele que a aprofundar até o extremo logo perceberá como ela pode ser frutuosa para um novo encontro entre o cristianismo e o mundo moderno.

Apesar do caráter fragmentário dos ensaios consagrados por Teilhard de Chardin aos aspectos sociológicos, fenomenológicos e teológicos do cristianismo, estas páginas apresentam, apesar de tudo, concepções ricas e estimulantes, merecedoras de exame complementar. Daríamos prova de acentuada estreiteza de espírito se as rejeitássemos sem mais nem menos. Não esqueçamos que o homem, também em matéria de religião, só tateando pode atingir a verdade.

N. M. WILDIERS,

Doutor em Teologia.

38 Super-humanidade, super-Cristo, super-caridade, 1948.

#### SUMÁRIO

Introdução, por N. M. Wildiers	
Observação Constitution de la constitucion de la constitution de la constitucion de la constitution de la constitution de la constitution de la constitution de la co	1'
Em que consiste o corpo humano, agosto de 1919	2
Nota sobre o Cristo universal, janeiro de 1920	24
Ciência e Cristo, 27 de fevereiro de 1921	30
Meu Universo, 25 de março de 1924	44
O Fenômeno humano, setembro de 1928	86
O Cristianismo no Mundo, maio de 1933	96
A Incredulidade moderna, 25 de outubro de 1933	109
Reflexões sobre a Conversão do Mundo, 9 de outubro	200
de 1936	113
Salvemos a Humanidade, 11 de novembro de 1936	122
Super-Humanidade — Super-Cristo — Super-Caridade,	
agosto de 1943	142
Ação e Ativação, 9 de agosto de 1945	162
Catolicismo e Ciência, agosto de 1946	173
Sobre os graus de certeza científica da idéia de	
Evolução, 15-20 de novembro de 1946	177
Ecumenismo, 15 de dezembro de 1946	181
Sobre o valor religioso da Pesquisa, 20 de agosto de 1947	
	183
Nota-Memento sobre a estrutura biológica da Hu-	
manidade, 3 de agosto de 1948	189
Que é a vida?, 2 de março de 1950	193
A Biologia, levada às últimas consequências, poderá levar-nos a emergir no Transcendente?, maio de 1951	405
Pesquisa, Trabalho e Adoração, março de 1955	195
APÉNDICE: Carta a Emanuel Mounier, 2 de novembro	197
de 1947	203

Security of the second of the

#### **OBSERVAÇÃO**

Repetimos, para este volume IX, a observação já feita:
Os escritos aqui reunidos não foram revistos pelo Autor
com vistas à publicação. Portanto, é sempre a título
de elementos de trabalho que os confiamos ao leitor.
Do conjunto destes ensaios convém afirmar, em graus
diversos, aqui o que o Pe. Teilhard precisou ao início de
um deles (Cristianismo e Evolução¹): "Escrevo estas
linhas apenas para dar ao trabalho comum da consciência
cristã uma contribuição individual, exprimindo as exigências
assumidas, no meu caso particular, pela fides quaerens
intellectum. Sugestões e não afirmação ou doutrina". Assim,
"aquilo que pode existir de fecundo, ou ao contrário de
criticável, em meu pensamento, aparecerá mais claramente.
O que é vivo terá oportunidade de sobreviver e crescer.
E assim minha missão estará cumprida".

Nota dos Editores.

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> Que aparecerá no tomo especialmente consagrado às obras religiosas.

Nyos, para este volume IX a diagramma ja jugan aseritas aque ecunidos via foras necesar militario gali, santos sistam à gridhes per trata en secripe a vialidemaceles de trabello agua escent

A financial territorio de la completa de la efitació de la completa del la completa de la completa del la completa de la completa del la completa de la completa del la completa d

"Estou convencido, quanto a mim, de que não existe mais poderoso alimento natural para a vida religiosa que o contacto com as realidades científicas bem compreendidas (...). Ninguém como o homem debruçado sobre a Matéria compreende até que ponto o Cristo, por sua Encarnação, é interior ao Mundo, enraizado no Mundo até ao coração do menor dos átomos".

(Ciência e Cristo, 27 de fevereiro de 1921)

"Impressiona-me o fato de faltar à Igreja, quase completamente, um órgão de pesquisa (diversamente de tudo o que vive e progride a seu redor). Ora, ela só conservará a Fé luminosa, para seus filhos e para os estranhos, pesquisando e com uma pesquisa que se sente como questão de vida ou de morte (...). Portanto, urge que, sob o controle da Ecclesia docens, se organize e se desenvolva a Ecclesia quaerens".

(Carta ao Pe. Fontoynont, 26 de julho de 1917)

spaneters no tomo especialmente consagrado da obras religiones.

19

# Em que Consiste o Corpo Humano?

(A) Basta ter uma vez tentado determinar precisamente em que consiste o corpo de um ser vivo para perceber que esta entidade, tão clara quando se fica no domínio prático: «meu corpo», é excessivamente difícil de definir e limitar, em teoria.

— ou se pretende restringir o corpo aos elementos que vivem estritamente da vida do vivente — e então vemo-lo reduzir-se a um simples novelo de fibras nervosas...

— ou então se procura estendê-lo a tudo o que sofre a ação dominadora e organizadora da alma — e então devemos anexar-lhe elementos notoriamente privados de vida no sentido habitual da palavra (assim como as células mortas dos ossos e do sangue) ou dotados de vida perfeitamente autônoma (amebas) — a cujo respeito é bastante difícil afirmar que são propriedade pessoal, incomunicável, do vivente.

(B) A dificuldade ganha forma e vivacidade renovadas quando se passa, de um corpo qualquer, ao de Cristo. Qual é, em Jesus, a matéria sujeita à união hipostática, a matéria adorável?

Será necessário adorar as gotas de sangue deixadas pelo Mestre sobre os espinhos da estrada?

E as células, quase independentes, que percorriam a carne de Cristo aqui na terra (como toda carne humana) gozavam da honra — em sua vida própria de ameba — de estar unidas hipostaticamente ao Verbo — honra que não foi concedida nem mesmo à Bem-Aventurada Virgem Maria?...

(C) Todas essas aporias e questões estranhas provam, com evidência, que a noção usual de «corpo humano» não se coaduna com a crítica filosófica. Pode-se tentar atenuálas, contorná-las, uma por uma. No fundo, trata-se de esforço perdido. As sutilezas e explicações de pormenor que se acumulam para salvar em filosofia a noção experimental de «Corpo» são remendos cosidos em pano velho. A própria base de nossas especulações sobre a Matéria é deficiente. É mister compreender os corpos de maneira diferente da que empregamos até aqui. — Como?

Talvez da seguinte maneira:

- (D) O corpo (isto é, a Matéria incomunicavelmente unida a cada alma) é, conforme se afirmou sobretudo até aqui, um fragmento do Universo um pedaço adequadamente separado do Resto e confiado a um espírito que o informa.
- (E) O Corpo, di-lo-emos doravante, é a própria Universalidade das Coisas, enquanto centradas sobre um espírito animador, enquanto o influenciam a ele e também enquanto são influenciadas e sustentadas por ele. Ter um corpo significa, para a alma, ser ἐγκεκοσμισμένη. <sup>1</sup>
- (F) Sem dúvida, a ação individual se irradia a partir de um centro orgânico mais especialmente móvel a partir de um grupo de mônadas inferiores melhor colonizadas. Mas a esfera de operação imanente se estende, na realidade, a algo de todo o Universo.
- (G) Meu corpo pessoal não são estas ou aquelas células que eu monopolizaria: é aquilo que, nestas células e em todo o Resto do Mundo, me sofre e reage contra mim. Minha Matéria não é uma parte do Universo que eu possuiria totaliter; é a totalidade do Universo possuída por mim partialiter.
- (H) Desta sorte, os fragmentos limitados, palpáveis que, na linguagem corriqueira, chamamos de mônadas, moléculas, corpos, não são seres completos. Não são mais que

seu núcleo, seu centro econômico. A extensão real desses corpos constitui, para cada um deles, as próprias dimensões do Universo.

(I) O Mundo, sob esse ponto de vista, não mais se apresenta semelhante a um agregado de elementos soldados entre si, é uma esfera única de inúmeros centros de perspectivas e de ação. É múltiplo, não como um monte de pedras (soma de partes justapostas) mas como uma mistura gasosa (onde cada gás ocupa todo o volume da mistura) (comparação lamentavelmente grosseira, claro).

Cada elemento, sendo estritamente coextensivo a todos os outros, ao todo, é realmente um *microcosmo*.

Mundo Universal=Mundo centrado sobre Pedro+Mundo centrado sobre Paulo... \*

<sup>&</sup>lt;sup>a</sup> Enkekosmismene: enraizada no cosmos (Nota dos Editores).

<sup>\*</sup> Estudo sem data.

Talvez houvesse uma alusão a estas páginas na carta que o Pe. Teilhard enviou a Marguerite Teillard-Chambon, no dia 5 de setembro de 1919: "Afinal, escrevi recentemente oito páginas sobre a maneira como convém compreender os limites do corpo humano. Digo-te isto, porque Valensin ficou impressionado com elas e deseja enviálas a Blondel... (Genèse d'une Pensée, p. 402, Ed. Grasset). Mas a brevidade deste texto (talvez um resumo ou um primeiro esboço) suscita difficuldades (N.E.).

Nota sobre
o Cristo Universal

Cristo Universal, para mim, significa o Cristo centro orgânico do universo inteiro:

- centro orgânico, isto é, do qual depende fisicamente, de forma definitiva, todo desenvolvimento, mesmo natural;
- do universo inteiro, isto é, não só da Terra e da Humanidade, mas também de Sirius, de Andrômeda, dos Anjos e de todas as Realidades das quais dependemos fisicamente, próxima ou remotamente (ou seja, provavelmente de todo o Ser participado);
- do universo inteiro, ainda, isto é, não só do esforço moral e religioso, mas igualmente de tudo aquilo que este esforço supõe, a saber, de todo crescimento do corpo e do espírito.

Este Cristo Universal é aquele que os Evangelhos nos apresentam, especialmente São Paulo e São João. É aquele, portanto, de quem viveram os grandes místicos. Nem sempre, aliás, foi aquele que mais ocupou a atenção da Teologia.

O objetivo desta nota é relembrar a meus amigos, mais peritos que eu na Ciência sagrada e mais bem situados que eu para agirem sobre os espíritos, a necessidade vital em que nos achamos atualmente de explicitar esta noção tão católica de Cristo a e o. 1

(A) Em primeiro lugar, como já expus noutro contexto, a história atual do sentimento religioso entre os homens,

<sup>a</sup> Alfa e ômega (N.E.).

sejam eles quais forem, parece-me dominada por uma espécie de revelação que se vai efetuando, na consciência humana, do Universo uno e grande.

Na presença da Imensidade concreta que se desvenda assim à nossa geração, uns (incrédulos) se afastam a priori de Cristo, porque muitas vezes lhes apresentamos uma imagem de Cristo notoriamente menor que o Mundo. Outros (muitos crentes), melhor instruídos, sentem-se no entanto, em seu íntimo, envolvidos numa luta de morte. Quem será o maior diante deles, e portanto, adorável: Cristo ou o Universo? Este cresce, sem cessar, desmesuradamente. Urge absolutamente que Aquele seja colocado oficialmente, explicitamente, acima de qualquer medida.

Para que uns comecem, para que os outros continuem a crer, é mister que levantemos diante dos Homens a Imagem do Cristo Universal.

(B) Essa necessidade do Cristo Universal poderá parecer, para alguns, injustificada, artificial. Eles porém não sentem assim.

A estes eu responderia de bom grado: — Tanto pior para vocês.

Mas posso acrescentar: Independentemente de toda aspiração subjetiva, o Cristo Universal se impõe mesmo a vocês. Ele é com efeito a única Realidade capaz, hoje, de equilibrar o Dogma in se. Acumulamos (e desde o início, felizmente) sobre Cristo os atributos de Mediação universal: «Omnia in ipso, per ipsum...» Já observamos que esses atributos se tornam, para nossa Filosofia e nossa Teologia clássicas, singularmente pesados de levar, à medida que o Universo se vai revelando mais imenso em seus determinismos, seu passado e sua extensão? Um certo Cristo de escola, de dimensões reduzidas, desintegra-se sob este afluxo contínuo de ser revelado pela Ciência. Mas, por outro lado, o grande Cristo da Tradição e da Mística vai se descobrindo e se impondo. É a este último que nos devemos dirigir.

(C) Estudar o Cristo Universal não é, portanto, apenas apresentar ao Mundo (crente e não-crente) uma Imagem mais atraente. É submeter a Teologia (dogmática, mística, moral) a uma imprescindível refusão. Ora, essa refusão será efetuada automaticamente, de maneira vital e suave,

exercite<sup>2</sup>, pelo simples fato de que o pensamento cristão procurará destacar os traços do Cristo Universal tal como ele sempre o adorou, mas sem compreender de forma bastante explícita qual era o imenso valor desse atributo. Com efeito:

1º Para que Cristo seja deveras universal é mister que a Redenção, e portanto a Queda, se estenda a todo o Universo. O pecado original assume, por conseguinte, uma natureza cósmica que sempre foi reconhecida pela Tradição, mas que, dadas as novas dimensões que conhecemos do Universo, nos obriga a reformar profundamente a representação histórica e o modo de contágio (demasiado puramente jurídico) que lhe atribuímos comumente.

2º Para que o Universo possa ter sido afetado em bloco por um acidente ocorrido em algumas almas, é mister que sua coesão, «in unitate materiae et in unitate spiritus», seja infinitamente maior que a vulgarmente concebida. O Mundo, para satisfazer aos dados dogmáticos, não pode ser mais um aglomerado de coisas justapostas: é preciso reconhecê-lo como um grande Todo, ligado, e evoluindo organicamente. — Toda a Metafísica do Uno e do Múltiplo deve ser retomada pelos teóricos do Cristianismo, se quisermos que nossa Filosofia esteja à altura das exigências de nossa Teologia.

3º Se Cristo é universal (isto é, consuma-se pouco a pouco a partir de toda criatura), segue-se que seu Reino ultrapassa essencialmente o domínio da vida chamada estritamente sobrenatural. Não só por um revestimento (acrescentado) de intenção, de fidelidade e obediência, mas pelo próprio material de suas obras, a ação humana pode referir-se a Cristo, concorrer para o acabamento de Cristo. Todo progresso, quer na vida orgânica, quer no conhecimento científico, quer ainda nas faculdades estéticas ou na consciência social, é portanto cristianizável até no seu objeto (pois todo progresso, in se, integra-se organicamente no espírito, o qual depende de Cristo). Esta concepção muito simples derruba de uma vez a barreira funesta que subsiste apesar de tudo, em nossas atuais teorias, entre o Esforço

cristão e o Esforço humano. Como o Esforço humano se vai tornando divinizável in opere (e não só in operatione), o Mundo para o cristão se torna inteiramente divino. — Com isto a Ascese e a Mística se acham inteiramente renovadas.

4º Para que todo esse trabalho, finalmente, do acabamento de Cristo tenha um sentido, compense o esforço que custa a Deus, é preciso que o misterioso Composto formado por Cristo e o Universo (pelo Universo centrado em Cristo) tenha um preço específico, excepcional. A adoração do Cristo Universal há de orientar o pensamento cristão para esta questão tão importante, muitas vezes tão facilmente escamoteada, do valor das almas in se, isto é, do valor do Mundo, ou seja, em suma, do porquê da Criação. Seria hora, numa época em que o pensamento humano tende a reconhecer o Cosmos como um Todo per se, de refletir um pouco nas relações que unem este Todo e Deus. Logo se diria: criação por amor, glória externa. Não haveria mais alguma outra coisa depositada na Revelação?

Abordar a questão do Cristo Universal é, finalmente, vemo-lo, levar a reflexão, a oração, o progresso, ao centro natural de todo o pensamento cristão, ao ponto-chave da vida da Igreja presente.

Depois de termos compreendido este ponto, se compararmos os desenvolvimentos dados respectivamente pela Tradição ao «««χαριτομένη» da saudação angélica, por exemplo, e à teoria do Cristo Universal, tal como exposta por São Paulo ao longo de capítulos inteiros, ficamos impressionados: ali, saindo de um pequeno rebento lateral, um galho amplamente desenvolvido; aqui, o próprio tronco da árvore cristã, repleta de seiva, e no entanto quase imutável desde o primeiro século da Igreja.

Como explicar uma diferença tão profunda?

Respondo: pelo próprio jogo, inicialmente, do desenvolvimento do pensamento humano. Para amar apaixonadamente a Nossa Senhora, bastava aos cristãos se tornarem mais plenamente delicados, sensíveis, humanos. Tal estádio

<sup>\*</sup> Exercite: sem interrupção, incessantemente (N.E.).

<sup>&</sup>lt;sup>8</sup>O valor de minha ação não 6 somente medido pela pureza de minha intenção, mas pela retidão objetiva de seu termo: "Aquele que age na verdade aproxima-se da luz" (Jo 3,21). Reconhece-se um dos temas principais do Milieu divin (N.E.).

<sup>6</sup>Kexaritomene: cheia de graça (N.E.).

foi alcançado desde a Idade Média. Para amar apaixonadamente o grande Universo, e sentir a imperiosa necessidade de revestir com ele a Cristo, era preciso que os homens fizessem um esforço prolongado de observação, de reflexão, de tomada de posse de si mesmos. Somente há pouco tempo é que essas preocupações de ordem nova começam a nos solicitar explicitamente, hoje.

Existe um outro motivo, penso eu, menos profundo mas mais imediato, da imobilidade em que se fixou, desde São Paulo, a nocão do Cristo Universal: é o abuso, em filosofia, das relações lógicas, morais, jurídicas. É mais simples, mais seguro (tutius), mais econômico (foi o próprio Nosso Senhor que deu o exemplo) exprimir as relacões entre Deus e o homem sob forma de relações familiais ou sociais. Essas analogias são verdadeiras, pois a união em Cristo se realiza entre pessoas. São no entanto incompletas. Para ficarmos na verdade, temos de corrigilas por analogias tomadas das realidades propriamente naturais, físicas. A amizade e a adoção divinas são expressões que abrangem uma adaptação, uma transformação, uma refusão, orgânicas, irremediáveis, do Universo. Uma vontade livre de Deus é uma especial acomodação de todos os determinismos do Cosmo. Enquanto permanecemos no domínio fácil das relações jurídicas e morais, a realeza universal de Cristo não apresenta muitas dificuldades para a explicação da teologia infantil de certos teólogos. -Mas, quando nos colocamos, ao contrário, do ponto de vista do «orgânico», então a dignidade central de Cristo se manifesta como Realidade imensa, absorvente - que modifica e reforma toda crença, toda prática e todo sistema a seu servico. Agirty o light additionates had a francial man adday

Foi por esse motivo — creio eu — por não terem um pensamento bastante dominado por este princípio do primado orgânico sobre o jurídico, que os teólogos puderam, durante tanto tempo, permanecer insensíveis ao mistério fundamental do Cristo Universal.

Hoje, a consciência «popular», humana e cristã, encarrega-se de lembrar aos mestres de Israel que em momento algum dos séculos teremos o direito de cruzar os braços, definitivamente, sobre uma doutrina, por mais cômoda que seja. «Queremos o Uno, o orgânico, pois assim é que o Cristo aparece no fundo de nosso coração». Assim falam muitas almas nestes últimos tempos.

Não teria chegado o momento de o tronco da árvore, ainda adormecido, reiniciar seu crescimento? Sem exagero, não se está abrindo para a Igreja um ciclo novo, ciclo maravilhosamente adaptado à idade presente da humanidade: o ciclo do Cristo adorado através do Universo?

Aqueles que crêem ouvir o Senhor se aproximando vigiem, desejem e trabalhem.\*

teliginos sejam tão chires qualito possivel. Esta

Basta, com efeito, considerá-la como destinação extrinseca do Mundo a Jesus ("destinação" análoga a nosso "direito de propriedade", por exemplo).

Paris, janeiro de 1920.

#### Ciência e Cristo ou Análise e Síntese

OBSERVAÇÕES SOBRE COMO O ESTUDO CIENTÍFICO DA MATÉRIA PODE E DEVE SERVIR DE AUXÍLIO PARA ASCENDER ATÉ AO CENTRO DIVINO

Meu amigos,

para homens destinados, como vós, a associar numa mesma existência o trabalho científico e o esforço cristão, é indispensável que as relações mútuas dos dois domínios «Ciência e Religião» sejam tão claras quanto possível. Esta concepção precisa se faz tanto mais necessária ao se recordar que as tentativas da Apologética, nesta matéria, nem sempre se mostraram muito equilibradas. Ora os apologetas se opuseram a descobertas incontestáveis, ora procuraram tirar dedutivamente, dos fatos científicos, conclusões filosóficas ou teológicas que o estudo dos fenômenos é incapaz de oferecer. Ora a Ciência é apresentada como uma Força maligna, tentadora, como uma mágica do mal; ora é exaltada como uma luz divina, como um nobilíssimo esforço proposto à ambição cristã.

Sem pretender abordar aqui de frente a questão de saber em que a Ciência é boa, indispensável mesmo, para o pleno desenvolvimento do cristão, tentarei (à guisa de introdução a esta questão fundamental) fazer-vos amar cristâmente a Ciência, estabelecendo as duas proposições seguintes:

- 1) O estudo científico do Mundo, uma vez que é essencialmente analítico, faz-nos inicialmente caminhar em sentido inverso das realidades divinas.
- 2) Mas, por outro lado, essa mesma penetração científica das coisas, ao nos revelar a estrutura sintética do Mundo, leva-nos a dar meia-volta, e torna a lançar-nos, por seu prolongamento natural, para o Centro único das Coisas, que é Deus Nosso Senhor.

#### I. Impotência da Ciência para encontrar a Deus no decurso de seus esforços analíticos

Digam o que disserem os ultrapragmatistas, os utilitaristas, aquilo que o homem procura durante todo o curso de sua existência, o que ele persegue mais que o pão e todo o bem-estar material — é o saber. A própria essência de nossa vida é tender não a ser melhores, mas a ser mais. Ora, um instinto mais forte que todas as admoestações dos céticos e dos falsos Sábios nos adverte a propósito: para ser mais, é mister inicialmente saber mais.

Arraigada em nosso espírito trazemos todos a convicção de que, nalgum lugar ao redor de nós, se acha oculto um Fogo misterioso, que é preciso arrebatar para sermos felizes — chama para iluminar nossa visão sobre o sentido profundo do mundo, instrumento para dominar e refundir as coisas. A humanidade sempre viveu, e vive ainda, desta esperança tenaz, segundo a qual podemos, de tanto perscrutar a natureza, descobrir o segredo do Real, apreender as forças do crescimento dos Seres: encontrar o Segredo, encontrar a Fonte. — E a pesquisa do sábio, por mais positivista que se afirme, se matiza, se orla — ou antes é animada invencivelmente, no fundo, por uma esperança mística...

Assim, pois, a tendência essencial de nosso espírito é procurar penetrar no coração do Mundo. Mas para onde deveremos dirigir os passos para chegar ao ponto desejado onde toda obscuridade deve fundir-se em luz, todo antagonismo tornar-se o dócil servo de nossa ação?

É provável que os Homens tenham podido, durante algum tempo, imaginar que o Segredo do mundo se ocultava

no longínquo geográfico. Se pudéssemos, pensavam eles, chegar até às regiões mais distantes ou mais inacessíveis da Terra, conquistar o cimo do Olimpo, penetrar a profundeza das florestas, atingir a nascente dos grandes rios, colocar os pés nos antípodas, descer até às entranhas do solo impenetrável, encontraríamos sem dúvida a morada das Almas ou dos Deuses. Atingiríamos um prolongamento, ou mesmo uma outra face das coisas. Uma grande viagem, uma excursão arrojada, talvez isto tivesse bastado para nos colocar na presença do mistério que nos inquieta. O divino se nos ocultava apenas pela opacidade dos corpos ou então pelas névoas do horizonte.

Muito antes que uma exploração metódica tivesse terminado o circuito da Terra e a sondagem dos abismos, sorrimos, amigos meus, dessas fantasias de criança. A simples reflexão fez-nos ver que percorrendo o Universo na superfície apenas poderíamos encontrar, e sempre, algo semelhante a nós mesmos. O Mundo é formado por zonas sucessivas, por planos sobrepostos de esferas concêntricas de existências, que se comandam umas às outras. Para saber mais, urge deixar o círculo no qual se move a vida presente. Só conseguiremos a luz na profundeza. Só a veremos brilhar se, abandonando a casca dos seres, chegarmos a descobrir aquilo que se oculta neles, no fundo. O Homem, uma vez que compreendeu que poderia rodear todas as coisas sem nada encontrar que pudesse fazê-lo compreendê-las, decidiu-se a penetrar nelas.

Mas o que é, exatamente, «penetrar na profundeza» das coisas? Que significa essa metáfora? Todo ser possui dois pólos, um pólo inferior de onde sai, e um pólo superior para o qual ascende. Qual a dimensão que o torna penetrável, explicável? Deveremos enveredar pelo caminho preciso que desce até o segredo dos corpos, ou então o caminho velado que ascende aos prolongamentos da alma?

Para a grande maioria dos homens, até parece que a questão nem chega a se pôr. Quando queremos saber o que existe num apartamento, abrimos a porta — num relógio, desmontamo-lo — numa noz, quebramo-la. O primeiro movimento do espírito, que pretende saber em que consiste uma coisa, consiste em desmontá-la, analisá-la. Toda a Ciência surgiu deste gesto instintivo. A Ciência é essencialmente

uma análise. Seu método de pesquisa e suas conclusões são dominados pelo seguinte princípio: o segredo das coisas reside nos seus elementos, de sorte que para compreender o mundo, basta chegar aos termos mais simples de onde saiu.

Conheceis tão bem quanto eu os espantosos progressos realizados, em nosso século, pelo homem, no seu trabalho de análise do Real.

1) No domínio da Matéria inanimada, chegamos a uma separação visual extraordinária dos elementos superiores e inferiores da Matéria — acima de nós (graças a medidas bem exatas que permitem situar os astros no espaço e apreciar-lhes a velocidade, graças a ampliações e a métodos fotográficos que individualizaram os elementos das nebulosas e fizeram surgir, aos milhares, as novas estrelas na abóbada celeste), começamos a formar uma idéia da estrutura sideral do Universal. E ficamos «esmagados», ao descobrir que a unidade superior, «macroscópica» do mundo, sua maior molécula conhecida é a nebulosa-espiral: milhões de Vias-Lácteas gravitando no espaço, a perder de vista.

Estendendo agora a análise ao domínio microscópico, vimos revelar-se a nossos olhos o segundo infinito de Pascal. Primeiro visualmente, depois indiretamente, por métodos de engenho e precisão admiráveis, fizemos aparecer, no seio da Matéria, uma série espantosa de unidades naturais decrescentes: partículas coloidais dançando sob o ultramicroscópico, moléculas circulando nos eletrólitos ou agitando-se nos gases, fragmentos de átomos eletrizados que agora sabemos contar e pesar, e acompanhar nas minúsculas fases de sua gravitação.

2) A dissociação que efetuava, ótica ou quimicamente, na Matéria bruta, a Ciência realizou-a também, paralelamente, no domínio da Matéria organizada. Sucessivamente, o ser vivo pareceu-nos formado de células — as células, compostas de protoplasma e de um núcleo. Julgávamos terminada a separação. De forma alguma. O núcleo revela-se agora de complicação extrema, e sua estrutura nuclear, in-

crivelmente complicada, é armada também sobre um edificio molecular «protéico» ainda incompletamente analisado, mas delimitado com precisão. Eis portanto, no próprio coração de nossa carne, descoberta a multiplicidade, não somente celular, mas química: por esta ligação, a substância viva irá atingir a série decrescente das moléculas e dos elétrons.

3) Enquanto deslocava os elementos materiais do Mundo, a Ciência ao mesmo tempo ia desmontando as suas forcas energéticas. A extrema complexidade dos movimentos físico-químicos, desde aqueles que fazem gravitar majestosamente os astros até aqueles que fazem vibrar os últimos corpúsculos atingidos por nossas pesquisas, foi pouco a pouco se reduzindo a um grupo de componentes relativamente simples. Todo o equilíbrio do mundo pode reduzir-se a um grupo de equações que regem duas energias (a eletromagnética e a gravitacional), e a algumas condições, exprimíveis num grupo de equações de quatro variáveis. Amparando-se reciprocamente, a análise das massas e a das energias chegaram a uma decomposição tão extrema das coisas em seus elementos naturais que conseguimos apenas discernir. como trama última do mundo, uma incrível pluralidade de partículas desmesuradamente simplificadas. E a propósito dessas partículas não poderíamos dizer o que é que as distingue entre si nem o que as separa do meio que as envolve. Essas parcelas últimas são tão numerosas, tão pouco individualizadas, que parecem formar uma camada contínua de energia.

4) Ora, quanto a este Mundo infinitamente dissociado ao qual nos faz chegar a análise ativa, experimental, efetuada pela Ciência, um método diferente vem garantir-nos que ele não é uma realidade fictícia, um produto artificial de nossas operações sobre o Real. Se, ao estudo espacial dos corpos considerados no presente fazemos suceder o seu estudo no tempo, a observação de sua história, vemo-los dissolverem-se, dispersarem-se conforme a mesma lei. Nenhum ser orgânico (ou inorgânico) aparece deveras plena-

mente feito, plenamente formado. Manifesta-se porém à experiência como que apoiado numa série interminável de estados anteriores (estados diversos de condensação da Matéria, formas gradualmente esboçadas da Vida). Procuremos seguir até a origem essa cadeia de estados sucessivos: no extremo de uma queda no Passado, que só pode ser comparada à queda no pequeno realizada pela análise química das massas materiais, reencontramos o mundo das partículas. A análise histórica do Passado torna a alcançar a análise físico-química do Presente. Quer remontemos cientificamente às origens temporais do Mundo, quer penetremos nos segredos de sua estrutura atual, tudo se reduz de maneira semelhante a um fervilhar de elementos guiados apenas pelas leis estatísticas dos grandes números e do acaso.

Assim portanto, meus amigos, parece que a análise científica obteve pleno êxito em suas tentativas, de maneira inesperada. Quisemos quebrar a casca, abrir as Coisas: as Coisas cederam com espantosa facilidade. Sob nossos golpes, por sucessivas clivagens, foram-se gradualmente reduzindo a algo do qual não mais podemos afirmar se é Matéria ou se é energia. Tudo se fundiu numa espécie de energia dotada de um rudimento de massa e de estrutura, que representa ao mesmo tempo a forma mais geral das substâncias atuais do Mundo e o reservatório inicial de onde parece emergir todo o seu passado.

Ao termo deste magno esforço coroado de sucesso, ternos-emos aproximado do ponto central que desejávamos atingir? Teremos chegado mais perto do coração das coisas, de seu Segredo, de sua Fonte? Teremos enfim alcançado a explicação?

Sim, mas não da maneira como em geral se compreendeu.

A primeira idéia que acode ao homem que chegou, pela análise científica, aos extremos limites inferiores da Matéria, é que possui realmente, nas partículas últimas da Matéria, a própria essência das riquezas do Universo: Os elementos contêm em si a virtude do todo: quem apreende os elementos possui o todo. Eis o princípio admitido implicitamente por um sem-número de sábios e mesmo de filó-

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup>Se o próprio autor publicasse hoje este texto, acrescentaria as interações constatadas a partir de 1921; as chamadas interações fracas (radioatividade beta) e a interação nuclear (N.E.).

sofos... Se tal princípio fosse verdadeiro, deveríamos dizer que a Ciência nos acua ao materialismo. Pouco a pouco, com efeito, à medida que ia progredindo a análise científica, tudo o que é «alma» parecia se esvair de nossas perspectivas: o poder criador e providencial que conduz o Mundo se decompôs, para a Ciência, num feixe de leis evolutivas — a liberdade em determinismos; a vida orgânica em fenômenos físico-químicos; a luz em vibrações; as moléculas em elétrons. Uma após outra: a Divindade, a moralidade, a vida, a sensação, a continuidade... se foram apagando, para dar lugar a um fervilhar de elementos sempre mais impessoais. Se a análise, deveras, nos levou ao centro das coisas, isto é, ao ponto extremo de sua realidade e consistência, então acabou-se o espírito — acabaram-se o reinado do espírito e a prioridade do espírito! Tudo não passa, afinal de contas, de pluralidade e inconsciência.

Que se deve responder a isto?

Meus amigos, para quebrar o encanto mortal do materialismo, para encontrar novamente o Mundo espiritual sem renegar a Ciência, temos apenas de colocar a seguinte observação: «a análise é necessária, é boa; mas ela não nos levou aonde estávamos pensando». O materialismo nasce de um erro fundamental de perspectiva: pela Ciência, pensamos muitas vezes ter atingido as esferas essenciais do Mundo, as regiões mais densas do Universo, o domínio da Consistência e do Absoluto. Mas de fato, ao segui-la, chegamos apenas aos extremos limites inferiores do Real, onde os seres se acham mais empobrecidos e rarefeitos. Queríamos a unidade, a síntese: encontramo-la, tanto a uma como a outra, mas não a síntese superior de riqueza, não a unidade de concentração — o que temos é a unidade de empobrecimento no homogêneo, a síntese por atenuação dos caracteres.

Olhemos um pouco, com efeito, aquilo que a Ciência nos deixou, afinal de contas, para reconstruir o Mundo: átomos mais ou menos dissolvidos numa energia sem imagem. É muito inferior. Mas será ao menos alguma coisa? Será algo sólido, estável, imortal, absoluto? — De forma alguma. Se observamos mais de perto o resíduo material

último onde se detém atualmente a análise, reconheceremos que representa apenas uma espécie de nebulosa inferior: é o insolucionado. É possível que jamais consigamos levar a decomposição do Real além do ponto a que chegamos. Não devemos daí concluir que tocamos um fundo de resistência, um primeiro elemento das coisas, uma simplicidade indecomponível, um substrato eterno. Toda a nossa experiência científica nos adverte: abaixo do elétron, da energia, a Matéria é ainda analisável, é indefinidamente decomponível em elementos naturais, no tempo e no espaco - não existem átomos, no sentido etimológico do termo. A Matéria é essencialmente pluralidade sem limites, poeira: é portanto impossível construir sobre ela. E quem pretendesse segui-la até ao seu extremo, tenderia ao nada. A Matéria não é um fundamento estável do Mundo: é uma direção, na qual as coisas vão desaparecendo sempre um pouco mais à medida que vão perdendo um pouco mais de unidade.

Era necessário que descêssemos até aos «átomos» para compreender esta verdade; mas agora é mister que não o esqueçamos mais: pela análise deixamos escapar-nos aquilo que representa o preço e a solidez dos seres: a única consistência dos seres lhes é dada por seu elemento sintético, isto é, por aquilo que é, em grau mais ou menos perfeito, sua alma, seu espírito.

Voltemos atrás, para criticá-la, e retomemos a operação de análise que nos levou gradualmente desde as alturas da vida racional até ao borborinho particular dos elétrons. Procedemos por fraccionamentos sucessivos. A cada operação separávamos dois elementos: um princípio ordenador, imponderável, inanalisável, sintético - e elementos ordenados (ponderáveis). A cada vez, em virtude mesmo da análise, o princípio ordenador se desvanecia. Portanto, concentramos nossa atenção sobre os elementos ordenados que nos pareciam de natureza mais estável. Estes, por seu turno, cederam à análise, revelando uma nova ordem e reduzindo-se a subelementos. E assim por diante. Desta forma. deixamos a estátua para estudar o grão de mármore; a sensação luminosa, para conservar a vibração do éter; a vida celular, para nos apegarmos aos grupamentos químicos, etc. Em assim fazendo julgamos dirigir-nos para o mais

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> A chamada "síntese" científica (cf. teoria geral das radiações da gravidade) mais não é que a redução do Real a *um minimo elemento comum*.

sólido, para algo que seria um elemento primário não ordenado. Era uma busca impossível. Sem dúvida, descobrimos desta maneira uma certa lei segundo a qual é construída a realidade, lei de hierarquia e complicação crescente na unidade. Mas a própria Realidade como tal, a Coisa suprema que desejávamos atingir, escapou-nos — e mesmo se afastava de nós sempre mais a cada nova análise, tal como se afasta a luz daquele que persegue o seu refluxo. Caminhamos com efeito na direção em que tudo se decompõe e se atenua: ora, o Absoluto, o Compreensível, achase no centro, na direção em que tudo se acentua até não fazer mais que um só. Toda coisa é algo mais que os elementos de que se compõe. E esse algo mais, essa alma, é o verdadeiro liame de sua solidez.

Poderíamos dizer que, tomadas individualmente ou em bloco, as coisas possuem uma estrutura semelhante à de um cone. Num cone existem um vértice e uma base. um centro de convergência e uma região de indefinida divergência. Um observador que segue o eixo de um cone indo para o vértice acaba por atingir o ponto onde todas as geratrizes se encontram e se ligam. Um caminho em sentido inverso o conduz a uma dissociação sem limite dos elementos da figura. Pois bem, pela exploração analítica do Mundo caminhamos rumo à base do cone: eis por que o Mundo aparentemente se dissipou entre nossas mãos. Não se trata de um fracasso. Pelo contrário, é uma grande descoberta. Com este sinal da pulverização crescente dos seres que nos cercam, podemos finalmente fixar o ponto do Universo até onde chegamos, compreender sua estrutura, obter a respeito das coisas uma perspectiva verdadeira, decidir em que direção se oculta aquilo que procuramos. Sabemos agora o que significa: «penetrar no coração das coisas». Para atingir a zona luminosa, sólida, absoluta, do Mundo, não se trata de ir ao mais profundo para baixo ou ao mais distante para trás, mas rumo ao mais interior na alma e ao mais novo no futuro. O Elementar e o Passado são tão vazios de mistério quanto a profundeza geográfica dos continentes e dos abismos. Somente por uma miragem que nos faz ver o segredo dos seres em sua origem (as «origens» fogem sem cessar diante de nós como o horizonte): não se encontra a origem das coisas assim como também não se acha a nascente de um rio: «crescit eundo». A explicação e a consistência do Mundo devem ser procuradas numa Alma superior de atração e solidificação progressivas, sem a qual a radical pluralidade do Universo jamais teria saído de sua poeira. Aquele que sabe ver, a análise da Matéria revela a prioridade e o primado do Espírito.

#### II. O retorno «científico» ao Centro divino

Meus amigos, qual há de ser nosso método — qual será o nosso guia, para penetrar o Real na direção nova que acaba de nos aparecer como o verdadeiro caminho da pesquisa e da descoberta? — Como, depois de haver descido o declive que leva automaticamente ao mais elementar, o mais dividido, o mais antigo, conseguiremos reconhecer os caminhos imprevisíveis e complicados que sobem ao mais sintético, ao mais novo? Poderemos, no curso desta nova jornada, pedir ainda à ciência que nos conduza? Mas ela nos conduziu ao pólo de dissociação das coisas. Será ela capaz de nos fazer remontar ao de sua suprema associação?

Muitos assim o crêem, e com certeza já os ouvistes afirmar: «A Ciência tem forca suficiente para nos salvar, ela sozinha». Precisamente, por haver decomposto todas as coisas, a Ciência tem o segredo de tudo recompor: ela se apoderou portanto da força da qual fazíamos o apanágio de Deus. «Vejam — dizem — a que resultados já chegamos. Sabemos (ou breve o saberemos) fazer o éter vibrar a nosso bel-prazer, construir edifícios moleculares extremamente complicados que se acham no caminho da Matéria organizada. Chegaremos talvez um dia a realizar artificialmente condições tais que poderemos fazer germinar, como nos aprouver, a vida. Por que não seria possível apoderar-se de energias consideradas mais sagradas ainda? As ciências médicas e psíquicas ainda estão tateando no empirismo. Mas não proferiram a última palavra. Será que não conseguiremos, dominando as energias do corpo e da alma, libertar-nos metodicamente dos limites de nosso organismo, e espiritualizar-nos cientificamente?...»

<sup>8</sup> Cresce correndo (N.E.).

Encontramos, ainda há pouco e tentamos superar a ilusão, a tentação, que nos queria fazer acreditar que não passávamos de matéria. Como iremos superar esta outra perspectiva, falsamente científica, segundo a qual já nos tornamos como deuses?

Seria muito imprudente, reconheço, fixar de antemão à síntese científica um ponto que ela jamais consiga ultrapassar. Evitarei portanto apoiar-me em quaisquer predições desse gênero, predições que os fatos na maioria das vezes se encarregaram de desmentir. Direi mesmo o seguinte: Nosso dever de Homens é agir como se não existissem limites a nosso poder. Tornando-nos, pela existência, os colaboradores conscientes de uma Criação que vai prosseguindo em nós para nos levar provavelmente a um fim (mesmo terrestre) bem mais elevado e afastado que imaginamos, devemos ajudar a Deus com todas as nossas forças e manipular a matéria como se nossa salvação dependesse exclusivamente de nossos esforços.

Mas, concedido isto, farei a seguinte observação que, bem compreendida, basta para desembaraçar a conquista científica do Mundo de todo espírito de soberba e endurecimento: sejam quais forem os progressos da Ciência no domínio da Matéria e na arte de desencadear as potências da vida, jamais devemos recear que tais progressos nos obriguem alguma vez, logicamente, a diminur nossos esforços; pelo contrário, devemos estar certos de que servirão apenas para fortalecer mais imperiosamente, em nós, as molas do esforço moral e religioso.

Impossível, contraditória, quando se reflete a propósito, é a tentativa de forçar a- ou i-moralmente como Titãs as portas da mais-vida. O esforço para a unidade orgânica é agravado essencialmente (por estrutura) por uma atitude interna do coração e da vontade. A síntese científica do Homem (se assim podemos falar) prolonga-se tão necessariamente em progresso moral quanto a síntese química das substâncias protéicas em manifestações biológicas. Proceder como os Titãs? — impossível. E por quê? 1) porque síntese unificante in se = a centro. Somos sempre tentados a considerar a moralidade da vida, a visão mística das coisas, como fenômenos subjetivos superficiais, como energias de um

estofo físico inferior. Na realidade, tanto uma como outra representam em nós o prolongamento direto das potências que construíram, sob o influxo criador, os sucessivos círculos do Mundo. São elas o índice, a medida, os fatores da verdadeira síntese orgânica do espírito.

Quanto mais avançarmos, pelos caminhos da matéria, rumo ao aperfeiçoamento de nosso organismo, tanto mais será necessário que se manifeste a unidade conquistada por nosso ser, e se conclua, nas fibras de nossa consciência, pelo domínio do espírito sobre a carne, pela harmonização e sublimação das paixões.

E quanto mais nos aproximarmos, pela convergência laboriosa de nossos esforços, do centro comum para onde tendem os elementos do Mundo, tanto mais também deveremos, átomos conscientes do Universo, subordinar-nos «por construção» às ligações sempre mais vastas, à influência dominante, universal, deste centro melhor conhecido — e tanto mais deveremos adorar.

Longe de mim, meus amigos, a idéia de deduzir os dogmas cristãos apenas de inspeção das propriedades reconhecidas por nossa razão na estrutura do Mundo. O Cristo, assim diremos, é a plenitude, o princípio sintético do Universo: Ele é portanto algo mais que todos os elementos deste Mundo ao mesmo tempo, isto é, ele não pode ser deduzido a partir deles, embora seja por eles esperado.

O que é legítimo e reconfortante, como vamos fazer, é constatar até que ponto as concepções cristãs vêm harmoniosamente responder àquilo que procuramos. A Ciência, vimo-lo já, pelas próprias impotências de seu esforço analítico, ensinou-nos que deveria existir, na direção em que as coisas se complicam na unidade, um Centro supremo de convergência e de Consistência, onde tudo se une, e pelo qual tudo se sustém. Gozemos (o termo não é forte demais) ao observar como Jesus Cristo, por sua moral mais fundamental e seus atributos mais seguros, vem admiravelmente preencher esta lacuna marcada pela expectativa de toda a Natureza.

Jesus pregou-nos a pureza, a caridade, a abnegação. Mas qual é o efeito específico da pureza, senão a concentração e a sublimação das múltiplas potências da alma, unificação do Homem em si? — Que realiza, por sua vez,

a caridade, senão a fusão dos indivíduos múltiplos num só corpo e numa só alma, a unificação dos Homens entre si?

— Que representa, finalmente, a abnegação cristã, senão a desconcentração de cada Homem em favor de um Ser mais perfeito e mais amado, a unificação de tudo em um?

E agora, o próprio Cristo, quem é ele? Abri as Escrituras em suas passagens mais graves e mais autênticas. Interrogai a Igreja sobre suas crenças mais essenciais. Aprendereis o seguinte: Cristo não é um acessório acrescentado ao Mundo, um ornamento, um rei como os que constituímos, um proprietário... Ele é o alfa e o ômega, o princípio e o fim, a pedra do alicerce e a chave de abóbada, a Plenitude e o Plenificante. É aquele que consuma e aquele que dá a tudo sua consistência. Para Ele e por Ele, Vida e Luz interiores do Mundo, realiza-se, no gemido e no esforço, a universal convergência de todo o espírito criado. É ele o Centro único, precioso e consistente, que resplandece no vértice futuro do Mundo, no oposto das regiões obscuras, eternamente decrescentes, aonde se aventura nossa Ciência quando desce o caminho da Matéria e do Passado.

Em face desta harmonia profunda, que liga e subordina, aos nossos olhos de cristãos, a zona do múltiplo e a da unidade, o domínio essencialmente analítico da Ciência e o ultra-sintético da Religião, parece-me, meus amigos, que podemos tirar as seguintes conclusões, que constituem a moral deste discurso longo demais:

A) Antes de mais nada, não tenhamos medo, nós cristãos, e não nos escandalizemos a torto e a direito com os resultados da pesquisa científica, quer em física, quer em biologia, quer em história. Há católicos que se mostram desconcertados quando se lhes mostra — ou que as leis da Providência se decompõe em determinismos e em acaso — ou que sob nossas potências mais espirituais se ocultam edifícios materiais muito complicados — ou que a religião cristã tem raízes num desenvolvimento religioso natural da consciência humana — ou, finalmente, que o corpo humano supõe uma série imensa de desenvolvimentos orgânicos prévios. Esses católicos negam os fatos, ou então os receiam. Mas isso é um grande erro. As análises da Ciência e da História são muitas vezes exatas; mas nada tiram, em absoluto, da onipotência divina, nem da espiritualidade da al-

ma, nem do caráter sobrenatural do Cristianismo, nem da superioridade do Homem sobre os animais... A Providência, a alma, a vida divina, são realidades sintéticas. Como têm a função de «unificar», supõem, fora e abaixo delas, um sistema de elementos: mas esses elementos não as constituem, esperam delas, ao contrário, sua «animação».

- 2) A Ciência não deve portanto perturbar-se em nossa Fé, por suas análises. Deve, ao contrário, ajudar-nos a melhor conhecer, compreender e apreciar a Deus. Quanto a mim, tenho a convicção de que não existe mais poderoso alimento natural para a vida religiosa que o contacto das realidades científicas bem compreendidas. O homem que vive habitualmente na companhia dos elementos deste mundo, o homem que pessoalmente experimentou a esmagadora imensidade das coisas e sua miserável dissociação este, tenho certeza, adquire uma consciência mais aguda que ninguém tanto da imensa necessidade de unidade que impele o Universo sempre para a frente quanto do inaudito futuro que lhe está reservado. Ninguém como o Homem debrucado sobre a Matéria compreende até que ponto o Cristo, por sua Encarnação, é interior ao Mundo, enraizado no Mundo, até ao coração do menor dos átomos. Comparamos a estrutura do Universo à de um cone: só é capaz de apreciar devidamente a riqueza incluída no vértice do cone aquele que previamente avaliou a dimensão e o poder da base.
- 3) É inútil, por conseguinte e injusto, opor a Ciência e o Cristo, ou separá-los como dois domínios estranhos um ao outro. A Ciência, sozinha, não pode descobrir a Cristo mas o Cristo sacia os anseios que nascem em nosso coração na escola da Ciência. O ciclo que leva o Homem a descer até às entranhas da Matéria em pleno Múltiplo, para, daí, remontar até ao centro da unificação espiritual, é um ciclo natural. Poderíamos afirmar que é um ciclo divino, pois foi seguido primeiramente por Aquele que teve de «descer aos infernos» antes de elevar-se até aos céus, a fim de preencher todas as coisas: «Quis ascendit nisi qui descendit prius, ut impleret omnia». 4\*

Segundo Ef 4,9 e 10. Conferência proferida em Paris, no dia 27 de fevereiro de 1921.

## Meu Universo

21 A client competition and analysis continues of an abssauce of the algorithms of an anossauce of the algorithms. Consideration and the analysis of the analy

As páginas que se seguem não têm, de maneira alguma, pretensão de fornecer uma explicação definitiva do Mundo. Não visam diretamente estabelecer nenhuma teoria geral do pensamento, da ação e da mística, como se os horizontes que descobrem tivessem de impor-se como tais, imediatamente, a todos os espíritos, à custa de algumas outras formas de ver. consideradas (com ou sem razão) mais tradicionais ou mais comuns. Proponho-me simplesmente aqui expor a maneira pessoal de compreender o Mundo à qual me senti progressivamente conduzido pelo inevitável desenvolvimento de minha consciência humana e cristã. Reagindo sobre minha natureza individual, as verdades e a prática religiosa produziram, por um processo ao qual sinto minha liberdade completamente estranha, os resultados que procuro agora traduzir. É este determinismo (ou, se se prefere, esta irresistível espontaneidade) que constitui o principal interesse do Ensaio que apresento. Será fácil, evidentemente, de um ponto de vista intelectual, criticar o sistema que proponho. Tais críticas não poderiam de forma alguma tirar-lhe seu valor especial, o de trazer um testemunho psicológico irrefutável. Quanto à maior ou menor habilidade de minha filosofia, será sempre admitido, como questão de fato, que um homem médio do século XX, uma vez que participava normalvente nas idéias e preocupações de seu tempo, só conseguiu encontrar o equilíbrio de sua vida interior numa concepção fisicista e unitária do Mundo e de Cristo — e aí encontrou uma paz e uma expansão sem limites.

Ora, esse êxito objetivo, por si próprio, tem sua importância. Prova que, malgrado a inabilidade e a aproximação dos termos que emprego, houve uma tendência espiritual que foi ganhando forma em mim e que outros, mais tarde, irão observar de maneira mais feliz do que eu. Na verdade, sinto-o, não fui eu mesmo que concebi estas páginas: mas foi, em mim, um Homem maior que eu — um Homem que reconheci, sempre o mesmo, cem vezes ao redor de mim. Por mais limitada que tenha sido, minha experiência destes últimos dez anos me provou que, tanto no Cristianismo como fora dele, um número insuspeitável de espíritos se alimentam (mais ou menos explicitamente) das mesmas intuicões e dos mesmos pressentimentos que encheram minha vida. Como a sorte me colocou numa privilegiada encruzilhada do Mundo onde, na minha dupla qualidade de padre e homem de Ciência, pude sentir passar através de mim, em condições particularmente variadas e exaltadoras, a dupla onda dos poderes humanos e divinos; uma vez que, nesta situação privilegiada na fronteira de dois mundos, encontrei amigos excepcionais para abrir meu pensamento, e lazeres prolongados para amadurecê-lo e fixá-lo: creio que eu seria infiel à Vida, infiel igualmente aos que necessitam que os ajude (como outros me ajudaram), se não tentasse transmitir-lhes os lineamentos da esplêndida imagem que se desvelou diante de mim no curso de vinte e cinco anos de reflexões e experiências de todo tipo. Repito-o: encontrarão aí apenas um esboço. Mas quanto a este esboço, a felicidade de sua vida, como da minha, será trabalhar sem desfalecimento para precisar-lhe os traços.

O que propicia ao ponto de vista que tentarei definir seu poder de sedução e seu valor de paz é a maneira flexível e feliz como, a partir dele, os inúmeros elementos do Mundo físico, moral, social, religioso... se encadeiam, se ordenam, se iluminam mutuamente — a perder de vista, e no seu fundo mais íntimo. Mostrar esta coerência sólida, natural, total, eis toda a minha «apologética». Não me demorarei discutindo proposições particulares. Não me preocuparei com multiplicar os postulados. Também não me darei ao trabalho de acompanhar em seus últimos prolonga-

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> Este escrito é o segundo intitulado Meu Universo (Mon Univers). O primeiro, de 1918, acha-se publicado pela Srta, Alice Teillard-Chambon em Ecrits du Temps de la Guerre, Editions Grasset (N.E.).

mentos os corolários que irão surgindo inumeráveis ao longo das diretrizes que iremos traçando a grandes pinceladas. Minha única preocupação será mostrar como é possível, abordando sob determinado ângulo a imensa desordem das Coisas, ver de repente como sua obscuridade e sua discordância se transmudam em vibração inefável, inesgotável na riqueza de seus matizes e suas notas, interminável na perfeição de sua unidade. Se conseguir de alguma maneira que outros compreendam e compartilhem este êxito, terei dado a melhor das provas: para realizar sem esforço a Síntese do Real, só mesmo em presença da própria Verdade.

#### I. FILOSOFIA. A UNIÃO CRIADORA

#### A. Os princípios fundamentais

Antes de abordar a exposição sintética da filosofia que sustenta e organiza o edifício de minhas construções morais e religiosas, penso ser útil destacar um certo número de Princípios ou Postulados fundamentais onde se mostra «o espírito» em que nasceu e se foi desenvolvendo minha representação do Universo.

#### 1) O primado da consciência

Lógica e psicologicamente, o primeiro destes princípios é a convicção profunda de que o ser é bom, isto é:

- a) é melhor ser que não ser;
- b) é melhor ser mais que ser menos.

Admitindo como princípio auxiliar que o ser «acabado» é o ser consciente, podemos dar a este princípio uma forma mais prática e mais clara, a saber:

- a) é melhor ser consciente que não-consciente;
- b) é melhor ser mais consciente que menos consciente.

A primeira vista essas proposições poderão parecer evidentes ou estéreis. Na realidade, mostram-se extremamente fecundas e exigentes uma vez que se procure levá-las às suas últimas conseqüências. E ficamos surpreendidos, na experiência, ao ver como são contestadas prática ou teoricamente pelos agnósticos, pessimistas, amantes do prazer e pusilânimes. Talvez seja mesmo a partir da opção primordial entre o valor ou o não-valor absoluto da maior consciência que se produz a grande ruptura entre os Homens bons ou maus, eleitos ou reprovados.

#### 2) A fé na vida

Imediatamente ao lado desta primeira pedra fundamental de minha vida interior — o primado da Consciência — distingo uma outra que é a Fé na Vida, isto é, a certeza inabalável de que o Universo, considerado em seu conjunto,

- a) tem um fim;
- b) e não pode enganar-se em seu rumo, nem deter-se no seu caminho.

Tomados isoladamente, os elementos do Mundo não conseguem êxito, infelizmente: — a não ser em proporção irrisória. Invencivelmente, recuso-me a estender à sua coletividade esta total contingência. Não posso admitir que o Universo fracasse. Que esse privilégio (a garantia do sucesso) se deva a uma ação providencial transcendente ou à influência de uma energia espiritual imanente ao todo (alguma Alma do Mundo) — ou àquela espécie de infalibilidade que, negada às tentativas isoladas, pertence às tentativas indefinidamente multiplicadas («infalibilidades dos grandes números») — ou que se deva antes à ação hierarquizada desses três fatores simultaneamente — pouco importa aqui. — Antes de qualquer explicação da coisa, creio no fato de que o Mundo, tomado como um Todo, tem seu êxito assegurado, isto é, (em virtude do Princípio 1) há de chegar a um certo estado superior de consciência.

Creio-o por inferência: se o Universo teve até aqui êxito no incrível trabalho de fazer nascer o pensamento humano no seio daquilo que nos parece um inimaginável feixe de acasos e fracassos, isto significa que ele é, no fundo de si mesmo, dirigido por um poder soberanamente senhor dos elementos que o compõem. Creio-o também por necessidade: pois, se eu pudesse duvidar da solidez a toda prova da substância em que me encontro engajado, sentirme-ia então absolutamente perdido e desesperado. Creio-o, enfim, e sobretudo talvez por amor. Pois amo demais o Universo que me cerca para não ter confiança nele.

#### 3) A fé no absoluto

Uma vez que o Mundo atinge o êxito (Princípio 2), e ter êxito consiste em tornar-se mais consciente (Princípio 1), concluo, como acabamos de ver, que o Universo vai amadurecendo em si o fruto de uma certa Consciência. Que atributo essencial iremos exigir desta consciência mais elevada, desta superior maneira de ser, para reconhecer que é deveras um sucesso? — Pedir-lhe-emos que represente um estado adquirido para sempre, isto é, uma perfeição absoluta.

De fato, isto é bem óbvio, noventa e nove homens entre cem não chegam jamais a se pôr distintamente esta questão: «Vale a pena viver?» Nem vêem este problema, pois a vida ainda os arrasta automaticamente, como o fez com os seres irracionais que conduziram sozinhos, até ao Homem, o trabalho da evolução. Mas, de direito, existe o problema, e é de se prever que se colocará com acuidade crescente à Humanidade à medida que a obra realizada por esta se for tornando mais preciosa e mais grave. Podemos deveras esperar construir uma obra duradoura, ou estaremos apenas moldando cinzas? Com a inteligência surgiu, no coração do Mundo terrestre, um temível poder de criticar este Mundo. Os animais vão puxando, passiva e cegamente, o carro bem pesado do Progresso. O Homem. não. antes de continuar o trabalho comum pode, e deve, perguntar-se se vale a fadiga que exige: o trabalho de viver e o temor de morrer. Ora, a única recompensa que pode satisfazer-nos (apelo aqui à reflexão leal de todo homem capaz de descer ao verdadeiro fundo de si mesmo) é a garantia de que o resultado tangível de nossos esforços, por algo de si mesmo, é recolhido numa Realidade onde não poderá ser atingido por nenhum verme nem ferrugem.

A exigência que aqui exprimo poderá parecer desmesurada. Julgo-a no entanto absolutamente natural ao Homem, pois a leio tão claramente no coração de mim mesmo que não posso admitir que falte, de direito, a algum de meus semelhantes. Quanto mais reflito a propósito, tanto melhor vejo que eu seria psicologicamente incapaz de fazer o mínimo esforco se não pudesse acreditar no valor absoluto de alguma coisa neste esforço. Provem-me que um dia não restará coisa alguma de minha obra, pois haverá não somente uma morte do indivíduo e da Terra, mas também uma morte do Universo — com isso matarão em mim o estímulo para qualquer atividade. Prometam a meu ser milênios de vida pessoal ou de utilização sobre-humana em algo Maior que ele mesmo. Se, ao cabo desse período, o aniquilamento está à sua espreita, então é exatamente como se eu tivesse de morrer amanhã: não mexeria nem o dedo mínimo para me tornar melhor. A vontade livre só pode ser posta em movimento, na mínima coisa, pela atração de um resultado definitivo, de um «ktema eis aei», prometido a seu esforco.

E como precisamente (Princípio 2) não posso admitir que o Mundo seja mal construído, fisicamente contraditório, incapaz de saciar a fome essencial dos seres que produziu em seu seio — então, agarro-me tenazmente à certeza de que a Vida, em seu conjunto, se dirige rumo ao estabelecimento de uma Terra nova e eterna.

matten do Universo, nascida em mim da necessidade de

## 4) A prioridade do todo inblios ambientos mun dell'inco

Sob que traços, agora, hei de representar a Realidade terminal, a única preciosa, que abraça tudo o que existe de absoluto no meu trabalho e no trabalho da Vida? — Inevitavelmente, sob os de uma imensa Unidade. Como a Vida em seu conjunto, e não nos seus elementos, é infalível (Princípio 2); como também, no esperado fruto do crescimento do Mundo é que se deve destilar o mais puro da Seiva ela-

um priquismo, nos seres vivos que conhecemes, tanto mais

<sup>2</sup> De uma "obra para sempre" (N.E.). Taine 200 Mill a obseil 200197 C

borada em cada mônada (Princípio 3), assim o Absoluto para o qual nos elevamos só poderia ter a face do todo — de um Todo depurado, sublimizado, «conscientizado».

Assim, gradualmente, se foi precisando e enriquecendo minha fé no valor do ser individual, até lançar-me aos pés de uma Realidade universalmente esperada. O processo intelectual é lógico. Historicamente meu espírito seguiu, tenho certeza, um caminho inverso. Não descobri laboriosamente o Todo. Mas foi ele que, por uma espécie de «consciência cósmica», se apresentou e impôs a mim. Foi sua atração que tudo pôs em movimento dentro de mim, tudo animou e tudo organizou. É por sentir e amar apaixonadamente o Todo que eu creio no primado do ser — e não posso admitir um fracasso final da Vida — e não poderia desejar recompensa menor do que esse próprio Todo.

Filosófica e psicologicamente, a continuação há de mostrá-lo sempre, nada é compreensível no Mundo a não ser a partir do Todo, no Todo.

#### B. A União Criadora

Os diversos princípios que acabo de recordar circunscrevem o campo dentro do qual é mister procurar a solução do problema da vida — mas não fornecem ainda uma interpretação do Mundo. Tal interpretação, procurei elaborá-la mediante a teoria da União criadora.

A União criadora não é exatamente uma doutrina metafísica. É antes uma espécie de explicação empírica e pragmática do Universo, nascida em mim da necessidade de conciliar, num sistema solidamente ligado, as concepções científicas da Evolução (admitidas como definitivas na sua essência) com a tendência inata que me levou a procurar o Divino, não em ruptura com o Mundo físico, mas através da Matéria e, de qualquer ponto, em união com ela.

Cheguei a esta explicação das Coisas muito simplesmente refletindo sobre as tão desconcertantes relações que existem entre o espírito e a matéria. Se há um fato bem estabelecido pela experiência é este: «quanto mais elevado um psiquismo, nos seres vivos que conhecemos, tanto mais o vemos ligado a um organismo complicado». Quanto mais

Ciencia e Cristo Ed) 2771 - 3

espiritual a alma, tanto mais frágil e múltiplo o seu corpo.

— Esta curiosa lei de compensação parece que não atraiu de maneira especial a atenção dos filósofos, salvo para fornecer-lhes ensejo para aprofundar ainda mais o abismo que gostam de cavar entre o Espírito e a Matéria. Quanto a mim, pareceu-me que longe de ser uma relação paradoxal ou acidental, mostrava uma ótima oportunidade de desvelar a secreta constituição dos seres. Em lugar de tomá-la como dificuldade ou objeção, transformei-a portanto no próprio princípio de explicação das Coisas.

A União criadora é a teoria segundo a qual admitimos que, na atual fase evolutiva do Cosmos (a única que conhecemos) tudo se passa como se o Um se formasse por unificações sucessivas do Múltiplo — e como se ele fosse tanto mais perfeito quanto centralizasse sob si mais perfeitamente um Múltiplo mais vasto. Para os elementos agrupados pela alma num corpo (e elevados, por esse próprio fato, a um grau superior de ser) «plus esse est plus cum pluribus uniri». E para a própria alma, princípio de unidade, «plus esse est plus plura unire». Para ambos, receber ou comunicar a união é sofrer a influência criadora de Deus «qui creat uniendo».

Essas fórmulas devem ser cuidadosamente pesadas, para não serem mal interpretadas. Não significam que o Um seja composto de Múltiplo, isto é, que nasça da fusão em si mesmo dos elementos que ele associa (pois então, ou não seria algo de criado, ou seja, totalmente novo, ou então os termos do Múltiplo se iriam reduzindo progressivamente, o que vai contra a experiência). Apenas exprimem o fato seguinte: o Um só nos aparece após o Múltiplo, no domínio do Múltiplo, pois sua ação essencial, formal, é unir. — E isto nos leva a enunciar um princípio fundamental, a saber: «A União criadora não funde entre si os termos que agrupa (a beatitude que traz não consiste precisamente em vir a ser um com o outro permanecendo idêntico a si mesmo?). Conserva-os: leva-os mesmo a termo, como o vemos nos corpos vivos onde as células têm tanto maior especialização quanto pertencem a um ser mais elevado na série cue sein uma unidade natural, é uma mônada

Ser mais é ser melhor unido com um maior número de elementos (N.E.).
 Ser mais é melhor unir um maior número de elementos (N.E.).

<sup>&</sup>lt;sup>5</sup> Que cria unindo (N.E.).

animal. Cada alma superior diferencia melhor os elementos que une».

No domínio aberto a nossas investigações históricas ou experimentais, as leis da União criadora estão já suficientemente verificadas. A consciência elevando-se gradualmente numa pirâmide sempre mais ampla e mais alta de matéria animada, eis a mais objetiva e mais satisfatória expressão do Real, na medida em que os nossos sentidos podem atingi-lo, em distância e profundidade. — Mas a alegria do espírito humano é procurar prolongar ao redor de si, para além de toda visão direta, a harmonia de suas perspectivas. A este jogo sagrado presta-se com flexibilidade maravilhosa a lei de recorrência, que é a União criadora. E eis as grandes linhas da organização que ela traz à massa obscura do último Passado e do Futuro derradeiro.

No limite inferior das Coisas, num ponto verdadeiramente inacessível, ela nos revela uma pluralidade imensa - a diversidade completa correlata à desunião total. Na verdade, essa multiplicidade absoluta seria o nada, e jamais existiu. Mas é a direção de onde sai, para nós, o Mundo: na origem dos tempos, o Mundo se nos revela como emergindo do Múltiplo, impregnado e inundado de Múltiplo. Agora, como já existe alguma coisa, começou o trabalho de unificação. Nos primeiros estágios em que se nos torna imaginável, o Mundo é já, de há muito, presa de uma multidão de almas elementares que disputam entre si a sua poeira para existir unificando-a. Não podemos duvidar: a chamada Matéria bruta é certamente animada à sua maneira. Completa exterioridade ou «transiência» a total são, como também a absoluta multiplicidade, sinônimos de nada. Atomos, elétrons, corpúsculos elementares, sejam o que forem (contanto que sejam algo fora de nós), devem possuir um rudimento de imanência, isto é, uma centelha de espírito. Antes de, sobre a Terra, as condições físico-químicas permitirem o nascimento da vida orgânica, ou o Universo não era ainda nada em si, ou então formava já uma nebulosa de consciência. Cada unidade do Mundo, contanto que seja uma unidade natural, é uma mônada.

No mundo material, as mônadas unem pouco e mal: eis por que são tão desmesuradamente estáveis em relação aos seres vivos propriamente ditos. Nos animais, unem mais — bastante para serem muito frágeis; muito pouco para resistirem à desagregação que as ameaça. No Homem somente, ao que saibamos, o espírito une tão perfeitamente em torno de si a universalidade do Universo que, malgrado a momentânea dissociação de seu ponto de apoio orgânico, nada poderia mais destruir o «vortex» b de operação e consciência cujo centro subsistente é ele mesmo. A alma humana é o primeiro ponto de apoio definitivo em que se pode sustentar o Múltiplo elevado à Unidade pela Criação.

Em redor de nós, no Universo, as coisas chegaram a este ponto. Como uma esfera radiante a partir de inúmeros centros, o Mundo material se nos apresenta como suspenso, hoje, à consciência espiritual dos homens. Que nos diz a União criadora sobre o equilíbrio e o futuro deste sistema? - Adverte-nos formalmente que o mundo que vemos é ainda profundamente instável e inacabado: instável, porque os milhões de almas (vivas ou desaparecidas) incluídas hoje no Cosmos formam um múltiplo vacilante que necessita, mecanicamente, de um Centro para «suster-se»; inacabado, pois sua própria pluralidade, além de representar uma fraqueza, é igualmente uma potência e uma esperança de porvir — a exigência ou a expectativa de uma ulterior unificação no espírito. Por conseguinte, em face de todo o peso da evolução passada, eis-nos obrigados a olhar para cima de nós mesmos, Homens, nas séries espirituais. Se o Mundo infra-humano é consolidado por nossas próprias almas, o Mundo humano, por sua vez, só é concebível apoiado por centros conscientes mais vastos e mais poderosos que os nossos. E, assim, de próximo em próximo (de mais múltiplo em menos múltiplo) somos levados a conceber um Centro primeiro e supremo, um ômega, no qual se ligam todas as fibras, os fios, as geratrizes do Universo - Centro ainda em formação (virtual) se consideramos o estágio final do movimento que dirige, mas Centro já real também, pois, sem sua atração atual, o fluxo geral de unificação não poderia elevar o Multiplo. la conantación sobiles A cirart rem fazer nos acreditar que toda consistência vem da Ma-

<sup>5</sup>a Transiência, como define o Vocabulário Teilhard (Ed. Vozes, 2<sup>8</sup> ed., 1968), significa ligação das mônadas entre si e por efeito de interação (Nota do trad.).

<sup>&</sup>lt;sup>55</sup> Vórtex, segundo o mesmo *Vocabulário*, designa metaforicamente o turbilhão do Universo em espiral sobre si (Nota do trad.).

Vemo-lo portanto: à luz da União criadora o Universo assume a forma de um imenso cone, cuia base se estenderia indefinidamente para trás, na noite, enquanto o vértice se elevaria e se concentraria sempre mais na luz. De alto a baixo, a mesma influência criadora se faz sentir, mas sempre mais consciente, mais depurada, mais complicada. Originalmente, a Matéria é agitada por afinidades obscuras; depois, logo, faz-se sentir a atração do vivente — movimento quase mecânico nas formas inferiores mas que se torna, no coração humano, o infinitamente rico e temível poder do amor; mais acima, enfim, nasce a paixão pelas Realidades superiores aos círculos humanos, nas quais nos sentimos confusamente mergulhados. A Ciência, necessariamente, ocupa-se principalmente em estudar os arranjos materiais sucessivamente realizados pelo movimento da Vida. Em assim fazendo, não vê senão a casca das Coisas. A verdadeira evolução do Mundo passa-se nas almas, e na união das almas. Seus fatores íntimos não são mecanicistas, mas psicológicos e morais. Eis por que (voltaremos ainda a este ponto) os desenvolvimentos ulteriores, físicos da Humanidade, isto é, os verdadeiros prolongamentos de sua evolução sideral e biológica, devem ser procurados num acréscimo de consciência obtido pelo desencadeamento de poderes unitivos psíguicos.

#### Alguns corolários da União Criadora

Se aceitamos a supracitada representação do Universo, é surpreendente ver com que facilidade descobrimos, como conseqüências da União criadora, toda uma série de proposições extremamente preciosas para a melhor compreensão e melhor utilização do Mundo.

1) À frente desses corolários vemos destacar-se, com o realce de uma verdade de primeira ordem, este princípio fundamental: «Toda consistência vem do Espírito». É a própria definição da União criadora. A experiência imediata e brutal do Mundo tenderia a fazer-nos admitir o contrário. A solidez do inorgânico, a fragilidade da carne, querem fazer-nos acreditar que toda consistência vem da Matéria. É mister, decididamente, inverter esta concepção gros-

seira das Coisas, que a própria Física está levando à ruína ao descobrir o lento desaparecimento de substâncias que julgávamos indestrutíveis. — Não, nada subsiste a não ser por um efeito de síntese, isto é, em suma, por mais humilde que seja esta síntese, por um reflexo do Espírito. Sendo assim, o filósofo materialista que procura abaixo da alma o princípio sólido do Universo nada mais apreende que a poeira que se lhe dissipa entre os dedos. E, por conseguinte, também o carnal, que tenta alcançar o objeto de sua paixão não indo rumo à elevação de seu ser, isto é, sem procurar formar pela união de dois seres vivos uma espécie de nova alma mais rica e mais alta — o carnal, repito, coloca em sua tentativa de adesão um incurável princípio de separação: cada novo passo no gozo material afasta-o de seu amor.

Através do imenso feixe da multiplicidade universal, desde o mais modesto elemento ao mais sublime, das construções mais materiais da Natureza até aos mais requintados edifícios de nosso pensamento, da menor associação de mônadas até aos mais vastos conjuntos organizados. «Tudo subsiste a partir do alto».

- 2) Tudo se sustém pelo alto. Daí se segue, em primeiro lugar, que toda realidade que nos cerca (por mais espiritual que seja) é indefinidamente decomponível em termos de natureza inferior à sua. Cada um à sua maneira, os organismos vivos são redutíveis a elementos físico-químicos: — a hipótese científica em fatos mais ou menos brutos; o ato livre em determinismos; a intuição em silogismos; a fé em razões de crença; a inspiração sagrada em elucubrações humanas... Mas cada novo grau de redução ao múltiplo (de materialização) deixa escapar uma alma. A análise, admirável e poderoso instrumento de dissecção do real, abandona entre nossas mãos termos sempre menos compreensíveis e sempre mais empobrecidos. Revela-nos a lei de construção das coisas; mas os próprios resíduos de sua operação, longe de fornecer-nos a essência estável do Mundo, acham-se cada vez mais próximos do nada.
- 3) Tudo se sustém pelo alto, ainda. Este princípio consagra, antes de mais nada, a realeza do Espírito. Mas, ao mesmo tempo, salva e enobrece a Matéria. E com efeito, se

é o Espírito que arrasta e sustenta constantemente a Matéria na ascensão rumo à Consciência, é a matéria, por seu turno, que permite ao espírito subsistir em si fornecendo constantemente um ponto de ação e alimento. Já o dissemos: o Espírito que tudo sustenta, ele mesmo, só acha razão para ser e consistir, só «subsiste», «fazendo subsistir». Sua sublimidade e riqueza estão ligadas à multiplicidade organizada que ele abrange em seu «ângulo sólido». A pureza do ápice espiritual de um ser é proporcional à grandeza material de sua base.

4) Não é possível, de resto, no sistema da União criadora, continuar opondo brutalmente Espírito e Matéria. Para aquele que compreendeu, com efeito, a lei de «espiritualização por união», deixaram de existir dois compartimentos no Ûniverso, o dos Espíritos e o dos Corpos: existem apenas dois sentidos num mesmo caminho (o sentido da pluralização má, e o da unificação boa). Todo ser, no mundo, acha-se de alguma forma no aclive que sobe da sombra para a luz. Diante dele o esforço para dominar e simplificar sua natureza; atrás dele a negligência na dissociação física e moral de suas potências. Se ele progride, encontra o Bem: tudo é para ele o espírito. Se fracassa, encontra sob seus passos apenas o mal e a matéria. — Assim, entre o Mal absoluto (isto é, o nada, a pluralidade total em que se recai), e o Bem supremo (isto é, o Centro de universal convergência para onde tudo tende) se escalona uma infinidade de degraus — degraus cortados, sem dúvida, por alguns patamares (por exemplo, o que separa o Animal do Homem, ou o Homem do Anjo), mas degraus que esboçam um idêntico movimento geral. E a cada degrau corresponde uma distribuição particular do Bem e do Mal, do Espírito e da Matéria. O que é mal, material, para mim, é bem, espiritual, para outro que caminha à minha retaguarda. E aquele que se acha à minha frente sobre a montanha se corromperia, usando aquilo que me unifica.

Matéria e Espírito não se opõem como duas coisas, como duas naturezas, mas como duas direções de evolução no interior do Mundo.

5) Assim se desfazem as inúmeras dificuldades em que esbarra toda filosofia que procura reconstruir o mundo a partir de elementos isolados (da mônada), ao invés de erigir em princípio a unidade fundamental e substancial do Universo. A influência recíproca do Espírito e da Matéria, a interação dos seres, o conhecimento do Mundo «exterior» são questões insolúveis apenas porque nos colocamos o falso e impossivel problema que consiste em querer compreender o Todo com as parcelas deste Todo, sem recorrer a propriedades especiais do Todo (como se um Todo natural não fosse mais que suas partes). Essas «cruces philosophorum» 6 se dissipam como ilusão, assim que compreendemos que não existe, afinal de contas, no Cosmos senão uma só realidade física em devir, uma só Mônada. Não é mais necessário procurar a «ponte» entre as naturezas ou as Coisas num Universo onde a unidade (e por conseguinte a inter-influência completa) é o estado de equilíbrio ao qual tendem os seres que se vão espiritualizando. Jam abous pada

Sem dúvida, a idéia de substâncias inacabadas e hierarquizadas encadeando-se entre si, segundo uma lei orgânica uniforme (e encontrando nesta ligação a plenitude de sua diferenciação individual e de seu poder de ação), há de causar espécie aos espíritos deformados por uma ontologia exageradamente intelectualista e geométrica. Há de escandalizar os que pretendem dividir o Real em substâncias (todas igualmente substanciais) e acidentes. Tanto pior para eles. A verdadeira sabedoria consiste em colocar as obscuridades deste Mundo nos pontos em que se encontram na realidade, e não em deslocá-las artificialmente sob pretexto de salvaguardar princípios que são claros apenas aparentemente (ou que só valem para um Universo que chegou ao termo de sua evolução). Quando um mistério é bem localizado, torna-se tão fecundo quanto verdades as mais bem investigadas. Tal o caso deste princípio admitido pela União criadora segundo o qual não existe, «in natura rerum», substância acabada, nem por conseguinte isolada, mas cada substância é sustentada por uma série de Substâncias de Substância que se apóiam, de degrau em degrau, até ao Centro supremo, para onde tudo converge. B) & enquanto ômega que Lie se apresenta como atin-

<sup>&</sup>lt;sup>6</sup> Aporias filosóficas (N.E.). — Aporias filosóficas (N.E.). — Aporias filosóficas (N.E.).

Sem essas duas noções de «Substância inacabada» e «Substância de Substância», toda filosofia permanece incoerente e embaraçada. Ao contrário, admitidas essas noções, então tudo se explica luminosamente e tudo assume um realce extraordinário ao redor de nós — não só em Metafísica, mas, e mais ainda talvez, em Moral e Religião.

#### II. RELIGIÃO. O CRISTO UNIVERSAL

Verossímeis quando se trata das representações do passado do Universo, as perspectivas abertas pela aplicação da lei de recorrência, que chamamos União criadora, tornam-se até certo ponto fantásticas quando nos voltamos para os mistérios do futuro. Admitir que as mônadas humanas são os elementos de uma síntese orgânica superior — aceitar que se acham destinadas a formar o corpo de uma alma ainda mais espiritual que a nossa, ultrapassa de muito os limites de nossa imaginação para que não sintamos a necessidade de apoiar em alguns dados positivos nossas inquietantes extrapolações.

Inúmeros místicos pagãos não hesitaram, dando crédito a seus desejos e a suas atrações, em dar o passo e lançar-se no abismo delicioso da crença numa alma do Mundo. Quanto ao Cristão, basta-lhe meditar sobre seu Credo para encontrar, na Revelação que admite, a inesperada realização do sonho a cujo limiar o conduz logicamente a filosofia. Gostaria de mostrar neste capítulo que o Cristianismo assume tão bem seu pleno valor em função das idéias da União criadora que essa teoria, em vez de ser considerada como filosofia confirmada e substituída pelas concepções cristãs, mereceria ser antes chamada uma extensão filosofica da fé na Encarnação.

Chamemos, para resumir, de ômega o Termo superior cósmico revelado pela União criadora. Tudo que direi se reduzirá a três pontos:

- A) O Cristo revelado outra coisa não é senão o ômega.
- B) É enquanto ômega que Ele se apresenta como atingível e como inevitável em todas as coisas.

#### A. Cristo outra coisa não é senão ômega

Para demonstrar esta proposição fundamental, bastarme-á remeter à longa série de textos joaninos e sobretudo paulinos onde se afirma, em termos magníficos, a supremacia física de Cristo sobre o Universo. Não posso enumerálos aqui. Reduzem-se todos a estas duas afirmações essenciais: «In eo omnia constant» (Col 1,17) e «Ipse est qui replet omnia» (Col 2,10; cf. Ef 4,9), de tal sorte que «Omnia in omnibus Christus» (Col 3,11). Eis a própria definição de ômega!

Bem o sei: existem duas escapatórias por onde os espíritos tímidos pensam fugir ao formidável realismo destas repetidas afirmações: ou imaginam que os atributos cósmicos do Cristo paulino pertencem apenas à Divindade; ou então procuram amortecer a força dos textos supondo que os vínculos de dependência que sujeitam o Mundo a Cristo não passam de vínculos jurídicos e morais, de direitos de proprietário, de pai ou chefe de associação. Quanto à primeira escapatória, contento-me em remeter ao contexto, que é formal: mesmo em Col 1,15ss São Paulo tem manifestamente diante dos olhos o Cristo teândrico; no Cristo encarnado foi o Universo pré-formado. — Quanto à interpretação atenuada das palavras do Apóstolo, rejeito-a pura e simplesmente por ser menos conforme ao espírito de São Paulo tal como anima o corpo de suas epístolas, e menos conforme também à minha visão geral do Mundo. Mas renuncio a converter os que me contradizem. Com efeito, cheguei à convicção de que existem, entre os Homens, duas categorias de espíritos irredutíveis: os fisicistas (que são os «místicos»), e os jurídicos. Para os primeiros, o ser só é belo quando se revela organicamente ligado; e por-

<sup>&</sup>lt;sup>8</sup> Cf., especialmente, em S. Paulo: Rom 8,18ss; 14,7.9; 1Cor 4,22; 6,15ss; 10,16; 12,12ss; 15,23-29; 39ss; 2Cor 3,18; 4,11; 5,4.19; Gál 3,27.28; Ef 1,10.19-23; 2,5.10.18. 14; 3,6.18; 4,9.12.13.16; Flp 2,10; 3,10.11.20-21; Col 1,15-20.28; 2,9.10.12.19; 3,10; 1Tes 4,17; Hbr 2,7-8... (N.E.).

tanto Cristo, soberanamente atraente, deve irradiar fisicamente. Para os outros, o ser é inquietante uma vez que aí se oculta algo mais vasto e menos definível que nossas relações sociais humanas (consideradas naquilo que têm de artificial). Por conseguinte, para estes Cristo não é senão um rei e um proprietário. — Estes (os jurídicos), pouco lógicos com sua teologia da graca, hão de sempre compreender «místico» (por exemplo, em corpo místico) por analogia com uma associação familial ou amigável, um tanto reforçada. Aqueles ao contrário (os fisicistas) verão neste termo a expressão de uma relação hiper-física (super-substancial), mais forte, e portanto mais respeitadora das individualidades incorporadas, que a atuante entre as células de um mesmo organismo animado. Uns e outros jamais se compreenderão mutuamente. É mister optar entre as duas atitudes, não por raciocínios mas por uma questão de ponto de vista. Quanto a mim, pessoalmente, a opção está irrevogavelmente feita, e desde sempre. Sou fisicista por instinto. Eis por que me é impossível ler São Paulo sem ver aparecer, sob suas palavras, de maneira esplendorosa, o domínio universal e cósmico do Verbo encarnado.

Observemo-lo bem. Em caso algum o Cosmos poderia ser concebido, realizado, sem um Centro supremo de consistência espiritual. Não somente em virtude das fórmulas especiais da União criadora, mas, em toda Metafísica que se preze, seria um absurdo imaginar a criação isolada de um átomo, ou de um grupo de mônadas. O que se quis e obteve, na Criação, em primeiro lugar, foi o Todo, e depois o resto nele, após ele. Em qualquer hipótese o Mundo, para ser pensável, exige ser centrado. Por conseguinte a presença, à sua frente, de um ômega, nada tem que ver com o fato de sua «elevação sobrenatural». O que constitui exatamente a característica «graciosa» do Mundo é que o lugar de Centro universal não foi concedido a um intermediário supremo qualquer entre Deus e o Universo; mas an-

tes foi tomado pela própria Divindade — e esta nos introduziu, assim, «in et cum Mundo», no seio trinitário de sua imanência.

Dito isto para precisar minha posição teológica, contemplemos mais de perto, em seu vigor físico, o Mistério de Jesus.

## B. A influência do Cristo-ômega. O elemento universal

Uma vez constatado que o Cristo paulino (o grande Cristo dos místicos) coincidia com o termo universal, o ômega, pressentido por nossa filosofia — o atributo mais grandioso e mais urgente que lhe poderíamos reconhecer é o de uma influência física e suprema sobre toda a realidade cósmica sem exceção.

Já o vimos: aos olhos da simples razão, no Universo nada é inteligível, vivo, consistente, a não ser por um elemento de síntese, isto é, por um espírito, ou seja, pelo alto. No âmago dos Cosmos todos os elementos, na ordem crescente de seu verdadeiro ser (isto é, de sua consciência), acham-se suspensos uns aos outros ontologicamente; e o Cosmos, todo ele, como um só bloco, é sustentado, «informado» pela poderosa energia de uma Mônada superior e única, que confere a todas as coisas, abaixo dela, sua inteligibilidade definitiva, e seu definitivo poder de ação e reação.

Pois bem, esta energia, «qua sibi omnia possit subjicere» (Flp 3,21), deve sem temor ser atribuída ao Verbo encarnado, sob pena de deixar crescer e transbordar, em torno da imagem de Jesus, um Mundo mais belo, mais majestoso, mais orgânico, mais adorável que Ele! — Jesus não seria o Deus de São Paulo, nem o Deus de meu coração, se em face da Criatura mais humilde, mais material, não pudesse eu dizer: «Esta coisa não posso compreendê-la, apreendê-la, nem ser por ela tocado plenamente, a não ser em função d'Aquele que dá ao Todo natural de que ela faz parte sua plena realidade e sua determinação última. Sendo Cristo o ômega, acha-se o Universo fisicamente impregnado, até no seu âmago material, da influência de sua sobre-humana natureza. A presença do Verbo encarnado

Este raciocínio — que supõe a Realidade de Cristo definida gradualmente pelas exigências crescentes de nosso Ideal — é legítimo. Não por ser Cristo o ser mais belo possível absolutamente falando (terá isto algum sentido, de resto?), mas por ser ele o ser mais belo possível em relação a nós (pois nos acaba) temos o direito de afirmar: "Isto é mais belo que aquilo: portanto, é isto, e não aquilo, que pertence a Cristo". — A difícil missão do pensamento cristão (a mola da evolução do dogma) é precisamente salvaguardar a todo instante, em Cristo, a plenitude destes três atributos: ser ao mesmo tempo histórico, universal e ideal. Ser "ideal" é uma maneira de ser universal; é ser capaz de convir às aspirações da Humanidade de todos os tempos. Poderíamos afirmar também, reciprocamente, que Cristo deve ser universal por ser nosso ideal que ele o seja.

tudo penetra como um Elemento universal. Brilha no coração comum de todas as coisas, como um Centro infinitamente íntimo e, ao mesmo tempo (por coincidir com o acabamento universal), infinitamente distante.

Essencialmente, a influência vital, organizadora do Universo, a que nos referimos, é a graca. Mas vemos até que ponto, sob o ângulo da União criadora, esta realidade maravilhosa da Graca deve ser compreendida com intensidade e extensão maiores que habitualmente. Quanto à graca, para exprimir que ela não nos faz deixar de sermos nós mesmos, os teólogos classificam-na, miseravelmente, na categoria dos «acidentes», ao lado da sonoridade, das cores ou das boas qualidades da alma. Tiranizados por suas categorias filosóficas, classificam-na (contrariamente a toda a prática dos místicos) como algo infra-substancial. " Isto porque (já o vimos) não se decidem a admitir a existência de substâncias inacabadas, hierarquizadas, ou seja. Substâncias de Substância. Mas nós que colocamos esta nova classe de seres na base de nossa explicação do Mundo, diremos que a graça não é em nós menos íntima, menos substancial que a própria Humanidade. Ela o é, pelo contrário, mais ainda. Pelo Batismo na Matéria cósmica e na água sacramental somos mais Cristo que nós mesmos — e apenas sob esta condição, precisamente, da predominância de Cristo em nós é que podemos esperar ser um dia plenamente nós mesmos, oxinda sacios as about a sistem om

Isto quanto à intensidade física da Graça. No que diz respeito à extensão de sua influência «morfogênica», esta não tem limites. E com efeito, por ser o ômega, Cristo não estende sua ação organizadora sobre uma simples zona de nosso ser — a das relações sacramentais e dos «habitus» virtuosos. Para poder unir-nos a Ele pelo vértice de nossas almas, teve ele de assumir a missão de nos levar a uma realização totalmente plena, mesmo em nosso corpo. Em face disso, sua influência diretora e informadora penetra toda a gama dos trabalhos humanos, dos determinismos materiais e das evoluções cósmicas. A tais movimentos inferiores do Universo chamamos «naturais», mas por convenção.

Na realidade, em virtude do estabelecimento do Cristo como Cabeça do Cosmos, acham-se penetrados de finalidade, de vida sobrenatural, até na sua realidade mais tangível. Tudo está sendo fisicamente «cristificado», ao nosso redor, e tudo pode sê-lo (vê-lo-emos) cada vez mais.

Este «pan-cristismo», facilmente podemos constatá-lo, nada apresenta de falsamente panteísta. O defeito ordinário do panteísmo consiste em colocar abaixo da consciência e das mônadas o Centro universal e, por conseguinte, conceber «ômega» como um centro de dissociação mental, de fusão, de inconsciência, de menor esforço. Assim que se restabelece, como o fizemos, a justa perspectiva das coisas, desaparecem todos esses inconvenientes. Sendo nosso ômega, Cristo acha-se situado no termo superior da espiritualização consciente e, assim, sua influência universal, longe de dissociar, consolida; — longe de confundir, diferencia; - longe de deixar a alma adormecer numa união vaga ou preguiçosa, impele-a sempre mais para o alto pelos caminhos precisos da ação. Desapareceu então o perigo dos falsos panteísmos; e no entanto conservamos o insubstituível poder de vida religiosa que os panteístas monopolizam injustamente, i dree da pluralidade, Serie in stramatarini

Em torno de nós, o Cristo age fisicamente para dirigir todas as coisas. Desde a ínfima agitação atômica até à mais sublime contemplação mística, — desde a mais ligeira brisa que perpassa o ar até às mais amplas correntes de vida e pensamento, anima ele sem cessar, sem perturbálos, todos os movimentos da Terra. E, reciprocamente, beneficia-se, fisicamente, de cada um deles: tudo que é bom no Universo (isto é, tudo que se dirige à unificação mediante o esforço) é recebido pelo Verbo Encarnado como um alimento que ele assimila, transforma, diviniza. " - Na consciência deste duplo e imenso movimento, descendente e ascendente, pelo qual prossegue a elaboração do Pléroma (isto é, a maturação do Universo), pode o crente encontrar luz e vigor incríveis para dirigir e alimentar seu esforço. A fé no Cristo universal mostra fecundidade inesgotável em moral e mística. Mas, antes de estudar num capítulo especial estas conclusões práticas de nosso sistema, convein reconhecer em Cristo esta mistriosa pré-exis

<sup>&</sup>lt;sup>10</sup> S. Tomás, embóra afirme que a graça é uma qualidade (um "acidente"), por ser ela o esplendor da alma, designa-a igualmente e, ao que parece, preferentemente, como nova natureza, que torna o homem partícipe, "segundo certa similitude, da natureza divina por uma espécie de nova geração ou criação" (S. Th. I. II., q. 110, art. 4) (N.E.).

<sup>&</sup>lt;sup>11</sup> Em suma Cristo, assim compreendido, é o meio no qual e pelo qual se realiza concretamente, para nós, o atributo (abstrato) da *imensidade divina*.

perguntemo-nos quais são as etapas pelas quais se estabelece, e qual o mecanismo pelo qual se constitui o admirável ciclo que liga dinamicamente, por toda a sua história, o Céu e a Terra, o Espírito e a Matéria.

at constitution of the fire of the constitution of the constitutio

# c. A Animação do Mundo a master dos abases que esta en esta en

A concentração do Múltiplo na suprema unidade orgânica de ômega representa um trabalho extremamente penoso. Cada elemento participa, conforme seu grau, nesta síntese laboriosa. Mas o esforço exigido do Termo superior da unificação teve de ser o maior de todos. Eis por que a Encarnação do Verbo foi infinitamente mortificante e dolorosa — até o ponto de poder ser simbolizada por uma cruz.

O primeiro ato da Encarnação — a primeira aparição da Cruz — está marcado pela imersão da Unidade divina nas últimas profundezas do Múltiplo. Nada pode entrar no Universo a não ser aquilo que dele sai. Nada conseguiria misturar-se às coisas a não ser pelo caminho da Matéria, pela ascensão fora da pluralidade. Seria incompreensível uma intrusão do Cristo no Mundo por um caminho lateral qualquer. O Redentor só pôde penetrar o estofo do Cosmo. infundir-se no sangue do Universo, fundindo-se inicialmente na Matéria para em seguida renascer dela. «Integritatem Terrae Matris non minuit, sed sacravit». A pequenez do Cristo em seu berço, e as pequenezas bem maiores que precederam sua aparição entre os Homens não são uma lição moral de humildade. São primeiramente a aplicação de uma lei de nascimento e, consecutivamente, o sinal de uma influência definitiva de Jesus sobre o Mundo. Uma vez que Cristo se «inoculou» na Matéria, já não é mais-separável do crescimento do Espírito - acha-se de tal forma incrustrado no Mundo visível que já não poderíamos daí arrancá-lo, a não ser abalando os alicerces do Universo.

Acerca de cada elemento do Mundo poderíamos perguntar-nos, em boa filosofia, se não estende suas raízes até aos derradeiros limites do Passado. Com quanto maior razão convém reconhecer em Cristo esta misteriosa pré-exis-

<sup>12</sup> Ele não diminuiu a integridade da Terra Mãe, mas consagrou-a (N.E.).

tência! — Não somente «in ordine intentionis», mas «in ordine naturae», «omnia in eo condita sunt». As prodigiosas durações que precedem o primeiro Natal não se acham vazias dele, mas penetradas por seu influxo poderoso. É a agitação de sua concepção que abala as massas cósmicas e dirige as primeiras correntes da biosfera. É a preparação de seu parto que acelera os progressos do instinto e a eclosão do pensamento sobre a Terra. Não nos escandalizemos mais, totalmente, com as esperas intermináveis que o Messias nos impôs. Eram necessários nada menos que os terríveis e anônimos trabalhos do Homem primitivo, e a longa beleza egípcia, e a inquieta expectativa de Israel, e o perfume lentamente destilado das místicas orientais, e a sabedoria cem vezes requintada dos gregos, para que pudesse desabrochar a Flor no caule de Jessé e da Humanidade.

Todas essas preparações eram cósmica e biologicamente necessárias para que Cristo pudesse aparecer no cenário humano. E todo esse trabalho era movido pelo despertar ativo e criador de sua alma, na medida em que esta alma humana era eleita para animar o Universo. Quando o Cristo apareceu nos braços de Maria, acabava de soerguer o Mundo.

Começou então para ele uma segunda fase de esforço e crucifixão — a única que podemos até certo ponto compreender, por ser a única que corresponde à nossa atual consciência: a fase da «simpatia» humana, após a da «quênose» na Matéria. Para conquistar a vida humana, para dominá-la com sua própria vida, não bastava que o Cristo se lhe justapusesse. Foi preciso que a assimilasse, isto é, que a experimentasse, saboreasse e domasse no fundo de si próprio. Portanto, não se haveria de compreender sua existência histórica, ou mesmo se poderia desfigurá-la e profaná-la, se aí não vissemos mais que um gigantesco duelo entre o Princípio da unidade suprema e o Múltiplo a ser unificado.

Cristo, em primeiro lugar, experimentou em si o coração humano individual, aquele que é fonte de nossa tortura e alegria. Mas, nele, não existia somente um homem — existia o Homem; não apenas o Homem perfeito, o Ho-

<sup>&</sup>lt;sup>13</sup> Não apenas "na ordem da intenção", mas "na ordem da natureza", "tudo está contido n'Ele" (N.E.).

mem ideal — mas o Homem total, o que reunia, no fundo de sua consciência, a consciência de todos os homens. A este título, teve ele de passar por uma experiência do universal. Experimentemos reunir num só Oceano toda a massa de paixões, expectativas, temores, penas e felicidade, do qual cada homem representa uma gota. Foi neste mar imenso que o Cristo se imergiu, até absorvê-lo, por todos os poros, até a última gota. Foi este mar tempestuoso que ele transfundiu para seu coração poderoso, até que tivesse domado suas ondas e marés segundo o ritmo de sua própria vida. — Eis o sentido da vida ardente do Cristo benfeitor e orante. Eis o inacessível segredo de sua agonia. E eis também a incomparável virtude de sua morte na Cruz.

Em si, a morte constitui um escândalo e um fracasso. É ela a cega desforra que os elementos insuficientemente dominados tiram da alma que perturba sua autonomia. Introduz-se no Mundo como a pior das fraquezas e o pior dos inimigos. No entanto, apesar dessa tara original, pode encontrar uma utilização e um sentido inesperado nas tentativas da união criadora. Morrer, para um ser, é normalmente recair no Múltiplo. Mas pode ser também, para ele, a transformação indispensável para entrar sob o domínio de uma alma superior. O pão que comemos parece decompor-se em nós; e no entanto se transforma em nossa carne. Por que não haveria dissociações no decurso das quais os elementos jamais deixariam de ser dominados por uma unidade que só os deslocaria para reformá-los? Em toda união, o termo dominado só pode tornar-se um com o termo dominador se deixar previamente de ser ele mesmo. No caso da união definitiva com Deus em ômega, concebe-se que o mundo deve, para ser divinizado, perder sua forma visível, em cada um de nós e na sua totalidade. Tal é, do ponto de vista cristão, a função vivificante da morte humana, em virtude da morte de Jesus.

Para que a morte fisiológica (resto, em nós, da dominação do Múltiplo) pudesse transformar-se em meio de união, era necessário (por necessidade física) que as mônadas condenadas a padecê-la soubessem aceitá-la com humildade, amor e, sobretudo, imensa confiança. Era preciso que superássemos, intelectual e vitalmente, o horror que a destruição nos inspira. — Experimentando em si mesmo

a morte individual, morrendo santamente a morte do Mundo, Cristo operou essa reviravolta de nossas concepções e temores. Foi ele que venceu a morte. Deu-lhe fisicamente o valor de uma metamorfose. E com Ele, por ela, o Mundo penetrou em Deus.

E então o Cristo ressuscitou. — Quanto à Ressurreição. em geral procuramos olhá-la mais como um acontecimento apologético e momentâneo, como uma pequena desforra individual de Cristo sobre o túmulo. Mas ela é bem outra coisa, e muito mais que isto. É um «tremendous» acontecimento cósmico. Marca a efetiva tomada de posse, por Cristo, de suas funções como Centro universal. Até então, era ele em tudo como uma alma que afanosamente reúne seus elementos embrionários. Agora, ele irradia sobre todo o Universo como uma consciência e atividade senhoras de si mesmas. Emergiu do Mundo, depois de haver sido nele batizado. Estendeu-se até aos céus, depois de ter tocado as profundezas da Terra: «Descendit et ascendit ut impleret omnia» (Ef 4,10). Pensemos na Ressurreição quando, em face de um Universo cuja imensidão física e espiritual cada vez mais vertiginosa se nos revela, nos sentimos aterrados com o peso sempre crescente de energia e glória que devemos colocar sobre o filho de Maria para termos o direito de continuar a adorá-lo.

Como a Criação (cuja face visível constitui), a Encarnação é um ato coextensivo à duração do Mundo. Como é que se transmite atualmente, a nós, a influência do Cristo universal?

— Pela Eucaristia. Mas pela Eucaristia concebida, por sua vez, com<sup>o</sup> seu poder e realismo universais.

Na Eucaristia, a fé cristã sempre reconheceu e adorou, com felicidade, o prolongamento natural do ato redentor e unitivo de Cristo. Mas pode-se dizer que sob este ponto de vista (como também sob muitos outros) a piedade dos fiéis seja plenamente satisfeita com a explicação atualmente dada pelas fórmulas para o crescente atrativo que a Comunhão exerce sobre eles? Será que a Hóstia (isto é, a presença real do Cristo) não é ainda apresentada quase sempre como um elemento localizado, exterior, do qual, ainda que se comungasse todos os dias, não nos aproximaríamos

<sup>&</sup>lt;sup>14</sup> Palavra inglesa = formidável, tremendo (N.E.).

afinal de contas senão temporariamente — e do qual, por conseguinte, é preciso viver quase sempre fora? — Para dignamente interpretar o lugar fundamental que a Eucaristia possui de fato na economia do Mundo, para satisfazer a legítima exigência daqueles que, amando a Jesus, não podem suportar encontrar-se um instante sequer fora d'Ele, penso que é necessário dar um grandioso lugar, no pensamento e na oração cristãos, às extensões reais e físicas da

Presença Eucarística.

A Hóstia, com toda a razão, é primeiramente e antes de tudo o fragmento de matéria onde, graças à transubstanciação, «se afixa» entre nós, isto é, na região humana do Universo, a Presença do Verbo Encarnado. Na Hóstia se fixa, realmente, o Centro de energia pessoal de Cristo. E. como denominamos propriamente «nosso corpo» o Centro local de nossa irradiação espiritual (sem que, talvez, a nossa carne seja mais nossa que qualquer outra matéria), deve-se assim também afirmar que o Corpo inicial, o Corpo primário do Cristo, se acha limitado às espécies do pão e do vinho. Mas será que Cristo pode permanecer nesse Corpo primário? Evidentemente, não. Por ser ele antes de tudo ômega, isto é, «forma» universal do Mundo, não poderia encontrar seu equilíbrio e plenitude orgânicos a não ser assimilando misticamente (acima já mostramos qual o sentido hiper-físico que devemos dar a este termo) tudo que o cerca. A Hóstia se assemelha a um foco ardente de onde irradiam e se espalham as chamas. Como a centelha lançada na urze logo se cerca de um amplo círculo de fogo, assim também, no decurso dos séculos, a Hóstia sacramental (pois há uma só Hóstia, a crescer, entre as mãos dos padres que se vão sucedendo), a Hóstia de pão — repito-o — vai-se envolvendo sempre mais intimamente de uma outra Hóstia infinitamente maior, que é nada menos que o próprio Universo — Universo gradualmente absorvido pelo elemento universal. Assim, quando se pronuncia a fórmula «Hoc est Corpus Meum», «Hoc» designa «primario» o pão. Mas, «secundario», num segundo tempo da natureza, a matéria do sacramento é o próprio Mundo no qual se difunde, para levá-lo a termo, a presença sobre-humana do Cristo Universal. O Mundo é a definitiva e real Hóstia aonde, aos poucos, vai descendo o Cristo, e até à consumação de sua idade. Uma só palavra e uma só operação repletam, desde todo o sempre, a universalidade das coisas: «Hoc est Corpus Meum». Tudo na criação só coopera, direta ou remotamente, para auxiliar na consagração do Universo.

Bem compreendida, esta verdade constitui o mais sólido fundamento e o mais forte atrativo que poderíamos encontrar para nosso esforço em direção ao bem e ao progresso.

### III. MORAL E MÍSTICA. un todo superiores asservados de APRÉ-ADESÃO de algor medito é abiyob significados

Do ponto de vista da União criadora, a lei e o ideal de todo bem (moral e físico) se exprimem numa regra (que é igualmente uma esperança) única: «em todas as coisas, promover e suportar a unidade orgânica do Mundo». Promovê-la, enquanto ela necessita — para se consumar da cooperação de seus elementos. Suportá-la, enquanto sua realização é antes de tudo efeito de um domínio sintético. superior ao nosso poder. Confirmada, precisada, transfigurada pela fé na Encarnação, esta regra de ação assume urgência e docura incomparáveis, e traduz-se também, sem esforço, num sem-número de deveres imediatos e práticos. Veremos que, para o cristão dedicado à unificação do Mundo em Cristo, o trabalho da vida interior moral e mística se reduz totalmente a dois movimentos essenciais complementares: conquistar o Mundo e dele fugir. E ambos os movimentos nascem naturalmente um do outro, além de representarem duas formas conjugadas de uma mesma tendência: alcancar a Deus através do Mundo.

# A. A Conquista do Mundo. O Desenvolvimento O Desenvolvimento

O primeiro impulso que abala o Múltiplo em direção à Unidade, a energia fontal que anima toda seqüência da unificação e da espiritualização cósmicas é — supomo-lo compreendido — a atração de ômega. Sem essa gratuita atração do Ser, sem esse amável gosto da união, a máquina universal permaneceria imóvel, os elementos do Mundo não sairiam de sua pluralidade infinitamente desatada.

Mas havendo a «concepção» de um ômega ter acendido nas mônadas o desejo de alcançar o Espírito, então logo se alvoroçam, inquietas, e sentem-se impelidas à ação. A vontade primeira de Deus, que se traduz no elã da Vida em nós, é que suas criaturas cresçam e se multipliquem. Para serem fiéis, devem estas em primeiro lugar desenvolver-se e conquistar o mundo.

A natureza desta obrigação é muitas vezes compreendida, pelos espíritos que chamamos de «jurídicos», como uma obediência devida à ordem mais ou menos extrínseca e arbitrária de um Senhor. Segundo alguns, parece que o Homem não deveria trabalhar a não ser para dar uma prova de boa vontade. As obras que se lhes pede que realizem nesta terra são vasos frágeis, destinados a cair no pó: pouco importa! O que conta não são os resultados materiais do trabalho humano: é a obediência que há de atestar fazendo obras inúteis.

Oh! - como a descoberta pelo cristão desta magnifica verdade, que Cristo é o ômega, transforma essas idéias pobres e desanimadoras! — Se Cristo é ômega, nada é estranho à edificação física de seu corpo universal. Procurem não importa onde na série indefinida dos movimentos materiais ou vivos que, a todo instante, se realizam no Mundo, a ação que lhes aprouver: por mais humilde e abscôndita que seja esta ação, contanto apenas que seja executada no sentido da unificação, realiza ela um átomo de maisser, e este, pelo melhor de si próprio, se acha imediatamente assimilado, para sempre, pelo Cristo total. No Universo, todo movimento de crescimento material destina-se em última análise ao espírito, e todo movimento de crescimento espiritual se destina em última análise a Cristo. Por conseguinte, seja qual for o trabalho, grosseiro ou sublime, aborrecido ou apaixonante, a que me prende o instante presente, tenho a felicidade de poder pensar que o fruto de meu trabalho é esperado pelo Cristo: — o fruto, compreendam-no bem, quer dizer, não só a intenção de meu ato, mas também o resultado tangível de minha ação: «opus ipsum et non tantum operatio». menerte salves inhi il manto

Se tem fundamento esta esperança, deve então o cristão agir, e agir muito, e agir com tanto mais seriedade que o mais convicto operário da Terra, para que Cristo nasça sempre mais no Mundo que o cerca. Mais que qualquer incrédulo, deve ele venerar e promover o esforço humano, o esforço sob todas as suas formas — sobretudo o esforço humano que visa diretamente aumentar a consciência (isto é, o ser) da Humanidade. Quero referir-me à pesquisa científica e à busca organizada de melhor ligação social. Nessas direções, aqueles que amam ao Cristo Universal jamais se deveriam deixar superar em esperança e audácia. Ninguém, com efeito, possui tantos motivos quanto eles para crer no Universo e lançar-se sobre ele para conquistá-lo.

Ora, não devemos recear que buscando desta sorte o seu desenvolvimento e o do Mundo, os homens de que falamos se apeguem à Terra. Pelo contrário, dela se vão desapegando à medida que vão amadurecendo. De um lado (voltaremos a este ponto), aquilo que buscam na Matéria e os progressos da Vida não são diretamente nem a Matéria nem a Vida: mas, unicamente, a Luz divina que supera as camadas transparentes do Real, e só pode ser atingida quando nos misturamos decididamente às águas profundas do devir cósmico. Por outro lado (em virtude precisamente do secreto movimento comunicado às coisas pela unidade que os domina), o gesto que fazem para apreender o Mundo tem como resultado imediato fazê-los gradualmente se evadirem.

#### B. O Desapego do Mundo. A Diminuição

#### 1. A morte pela ação

Tal é, com efeito, a viva lógica da ação: só podemos conquistar-nos e crescer quando nós mesmos morremos pouco a pouco. Agir digna, utilmente, já o dissemos, é unirse. Mas unir-se — é transformar-se em alguém maior que ele próprio. Agir, portanto, é afinal sair do material, do imediato, do egoísta, para avançar na Realidade universal

<sup>45</sup> A multidão dos seres vivos não é um regresso ao plural, mas a constituição de um Múltiplo de ordem superior (nova Matéria) destinado a suportar uma nova alma. Por mais progressiva e espiritualizante que seja, esta multiplicação não deixa de ser um perigo: criando "a multidão", introduz no Mundo uma nova oportunidade (mais grave que as anteriores) de emancipação insana e de revolta. É o risco do ser.

que está nascendo. — Esta fraseologia um tanto complicada quer apenas traduzir a experiência mais trivial e mais geral de nossa existência: a pena do esforço.

Nada mais crucificante que o esforço, sobretudo o esforço espiritual. Perguntem aos mestres da ascética qual a primeira das mortificações, a mais segura e mais sublime. Todos lhes responderão, de forma equivalente, que é o trabalho de desenvolvimento interior, pelo qual nos arrancamos a nós mesmos, ultrapassamo-nos, abandonamo-nos. Cada existência individual, fielmente levada, acha-se juncada das carapaças abandonadas por nossas sucessivas metamorfoses — e o Universo, em sua totalidade, deixa atrás de si uma longa série de estados nos quais teria talvez se comprazido, mas dos quais o arrancou continuamente a impiedosa necessidade de crescer. Esta ascensão no despojamento contínuo já é o caminho da Cruz.

Sob o aguilhão que o impele desta forma a se deixar incessantemente para atingir o termo de si próprio, isto é, o Termo do Mundo, o Homem que segue fielmente o aclive naturalmente ascendente 16 do Universo sempre menos se interessa por seu sucesso individual (enquanto individual). Mas depois de haver almejado aperfeiçoar-se para si mesmo, apaixona-se gradualmente por realidades mais altas, mais vastas, mais duradouras, mais próximas do absoluto, que sua realidade pessoal. Um ideal terrestre do qual se aproximam uma Causa a defender, uma beleza nacional — humana ou cósmica — a contemplar e a conquistar, tais são os objetos luminosos por detrás dos quais se revela e se vai progressivamente tornando tangível para ele a Divindade. Em virtude da estrutura do Mundo (isto é, da convergência universal em direção ao Cristo), o homem que age religiosamente acaba quase nem pensando mais em si mesmo. Em breve começa a sentir-se quase como uma espécie de átomo consciente dedicado a uma grande missão; e, para estar à altura dessa missão, experimenta a necessidade de recorrer a energias sempre mais sublimes. Depois de se ter quiçá mostrado sobretudo sensível aos corpos, e principalmente preocupado com os crescimentos palpáveis que os meios materiais proporcionam ao Mundo, tende, por inevitável inclinação, a só interessar-se pelos

# nur abengurer ser son pole ser comparation and a lenda com a lenda

Assim o quer a União criadora. Assim que no fundo de nossa natureza o elemento de Cristo (que somos, cada um de nós) começa a tomar consciência de si mesmo, simultaneamente, também se acende nele o ardor de alcançar o Princípio que o domina. Eis por que, depois de termos agido, fielmente e com intensidade, para nos desenvolver, procuramos com inquietude em torno de nós uma mão todopoderosa que possamos adorar, «si forte attractent Eum».

É infinitamente doce, sem dúvida, ao Cristão crescer para Cristo (tanto mais doce quanto é o próprio Cristo, totalmente no fundo de nós, que deseja despertar e crescer em nosso corpo e nossa alma: já é tanto uma passividade quanto o fervor e o gosto de sê-lo!). Mas esse crescimento, afinal de contas, não tem sentido nem interesse a não ser na medida em que nos permite expor-nos mais amplamente ao contacto divino. É este contacto que devemos agora encontrar. Onde o encontraremos? - Sem dúvida, será ele misterioso, raro, parcimonioso, distante?.... Sem dúvida, para nos oferecermos a ele, teremos de alcancar alguma região muito elevada ou muito profunda?... — Oh! como a realidade é portanto mais simples e mais bela que imaginávamos! «In eo vivimus, movemur et sumus». Sobre o fiel que sabe agir e crer opera o Cristo, exerce sua paixão vivificante, por toda a superfície e toda a espessura do Mundo. Ele é quem nos envolve e nos molda, a cada instante, por todas as passividades e as limitações de nossa existência. tropica proportion transcription more description and transcription and transcriptio

Aqui, prestemos muita atenção, e distingamos cuidadosamente duas fases no estabelecimento, em torno de nós, da vontade de Deus, isto é, na animação das causas segundas pelo influxo do Cristo universal. Em si, imediata-

<sup>18</sup> Em face de sua atração por ômega.

mente consideradas, as servidões do Mundo — sobretudo aquelas que nos importunam, nos diminuem, nos matam não são divinas nem de maneira alguma desejadas por Deus. Representam a parte de inacabamento e desordem que deteriora uma criação ainda não perfeitamente unificada. E, a esse título, desagradam a Deus. E Deus, num primeiro tempo, luta conosco (e em nós) contra elas. Um dia há de triunfar sobre elas. Mas, como a duração de nossas existências individuais não pode ser comparada com a lenta evolução do Cristo total, é inevitável que não conheçamos, no decurso de nossa jornada terrestre, a vitória final. Mais ou menos a todo instante nosso esforço para crescer é contrariado, minado - e, cedo ou tarde, conheceremos todos a queda e a morte. Cristo, no entanto, não pode ser vencido. Como então se alcançará, de alguma forma, a onipotência que ele possui, por sua função cósmica, de salvar e beatificar todos os elementos dóceis de seu Corpo em crescimento? — Por uma admirável transformação. As limitações e diminuições, que o andamento geral do Cosmos não lhe permite fazer desaparecer, são pelo Verbo encarnado dominadas (tal como um escultor habilidoso dominando as deficiências do mármore!), integrando-as (sem mudá-las!) numa mais alta espiritualização de nossos seres. Eis por que, quando, após termos lutado até ao extremo para nos desenvolver e conseguir êxito, nos encontramos detidos, derrotados pelas forças deste Mundo, então, se cremos, a potência com a qual esbarramos dolorosamente deixa de súbito de ser uma energia cega e má. A Matéria hostil se desvanece. E, em seu lugar, encontramos o divino Senhor do Mundo que, «sob as espécies e aparências» dos acontecimentos, sejam quais forem, nos vai moldando, esvaziando de nosso egoísmo, e penetrando em nós. «Oportet illum crescere, nos autem minui». " Esta é a mais grandiosa prerrogativa do Cristo universal: o poder de operar em nós não somente pelos impulsos naturais da vida, mas também pelas desordens escandalizadoras da derrota e da morte. Il sa e sessividades e as linearem ab e

Essa maravilhosa transformação, repito-o, não se produz logo imediatamente, nem sem nós. Não temos o direito de nos resignar com o mal a não ser que já lhe tenha-

<sup>17</sup> Importa que ele cresça e que nós diminuamos. Segundo a palavra de João Batista: "É mister que ele cresça e eu diminua" (Jo 3,80) (N.E.).

Estabelecida porém essa dupla condição (nosso esforço leal e nossa confiança), a porção mais obscura e mais detestável do Mundo se torna a mais luminosa e a mais divina de todas. Sob as inúmeras servidões e decepções do Mundo descobre-se o poder plasmático do Cristo, que nos molda e nos vai substituindo.

As vezes o Cristo aproveita nossas misérias e nossos fracassos para nos dirigir por caminhos mais altos, onde nos aperfeicoamos experimentalmente: quantos Santos não se tornaram tais por terem sido vencidos num domínio terrestre? Mas muitas vezes também nossas diminuições e nossos fracassos parece que não são compensados por nenhuma vantagem apreciável, mesmo espiritual. Então, menos que nunca, não duvidemos de Deus. O mundo não pode chegar a Deus, in Christo Iesu, a não ser por uma total refusão na qual deve aparentemente soçobrar todo ele, sem compensação experimental (de ordem terrestre). Quando semelhante morte, rápida ou lenta, penetrar em nós, abramos largamente os corações às esperancas da união: nunca, se o quisermos, o poder animador do Mundo terá sido tão senhor de nós. Vegleg nomo om as olaro, otiolo mo sen une stinge e une toca. Não poderia en portanto pas

#### C. O Meio Místico — A Comunhão

Ação, paixão: estas duas metades de nossa vida — estas duas respirações de nossa natureza — se transfiguraram e explicaram aos raios da União criadora. Façamos o que fizermos, é o próprio Cristo que operamos. Soframos o que sofrermos, é Cristo mesmo que opera em nós. — Desde sempre, a piedade cristã se alimentou com estas palavras

<sup>18</sup> Para aqueles que amam, tudo se transforma em bem (N.E.).

de universal e constante união. Mas será que ela soube ou ousou sempre dar-lhe o poderoso realismo a que, a partir de S. Paulo, temos direito?

Para quem deseja compreender bem literalmente, conforme as aspirações de toda verdadeira religião, as palavras da Revelação, o Universo se ilumina, gradualmente, em sua massa inteira. E, como nos limites inferiores da Matéria a Ciência nos revela um fluido etéreo em que tudo se acha mergulhado, e de onde tudo emerge — assim também nos limites superiores do Espírito se nos desvela um meio místico, no qual tudo se banha e para onde tudo converge.

Nesse meio, rico e vivo, os atributos (até os mais opostos, aparentemente) do apego e do desapego, da ação e da contemplação, do uno e do múltiplo, do espírito e da matéria, se conciliam facilmente, conforme as concepções da União criadora. Tudo se torna uno ao se tornar idêntico a si mesmo.

Apego-me ao Mundo e a mim mesmo quando trabalho por fazer o Universo progredir para preparar a Jesus um corpo menos indigno d'Ele; mas, ao mesmo tempo, dele me desapego, pois este mesmo mundo, em relação a Cristo e à sua luz, parece-me tenebroso e já não me atrai. De zona em zona, foge-me a luz diante dos olhos; e para segui-la devo alcançar as regiões onde a atividade é a mais ampla em suas ambições, menos egoísta em seus objetivos, mais casta nos seus sonhos de União.

No decorrer desta caminhada ascendente, nunca deixam os objetos de me aparecer distintamente. Por eles, com efeito, Cristo se me tornou palpável — por eles também me atinge e me toca. Não poderia eu portanto passar sem eles; e, logicamente, serei o primeiro dos realistas, pois só posso afirmar Deus enquanto consumador do Mundo. — Mas, se não me canso de perseguir as criaturas e aperfeiçoá-las, só o faço na esperança de nelas apreender o Fogo divino que nelas se manifesta como num puro cristal. Não é na Jerusalém celeste que os elementos da Nova Terra hão de ser tão transparentes, e tão refringentes, a ponto de nada mais subsistir na aparência, senão os raios, materializados em nós, da Glória divina?

<sup>19</sup> "Et civitas non eget sole neque luna... nam claritas Dei illuminavit eam, et lucerna eius est Agnus" (Apc 21).

Discutem os autores místicos para saber se a ação deve preceder a contemplação, como uma preparação, ou dela jorrar como uma superabundância divina. Confesso, não compreendo esses problemas. Quer esteja agindo ou rezando, quer abra laboriosamente minha alma pelo trabalho, ou então seja ela invadida por Deus mediante as passividades do exterior e do interior, tenho consciência igualmente de unir-me. Ora, nessa consciência reside, «formalmente», a atividade mística. Impelido ativamente ao desenvolvimento pelas aspirações sensíveis de meu ser, ou dolorosamente dominado pelas ligações materiais, ou visitado pelos carismas da oração, nem por isso me estou movendo mais ou menos no meio místico. Em primeiro lugar estou in Christo Iesu; só depois atuo, ou sofro, ou contemplo.

Se fosse mister dar um nome mais exato ao Meio místico, diríamos que é uma Carne — pois, como a carne, tem todas as propriedades de domínio palpável e interminável amplexo. Vivificado pelo Cristo universal, o Mundo é tão ativo e tão quente que nenhuma impressão que dele recebo deixa de me «informar» um pouco mais de Deus. Como um poderoso organismo, o Mundo me transforma naquele que o anima. «O pão eucarístico é mais forte que nossa carne — diz São Gregório de Nissa — é por isso que ele nos assimila, não nós a ele, quando o comemos». Mas ao mesmo tempo esse Mundo transformado, essa carne universal, tão próxima e tão palpável, só nos parece apreensível num sublime distante. Quando é sublime e nobre a paixão. o homem e a mulher que se unem só hão de encontrar-se ao cabo de seu crescimento espiritual. Esta lei da união humana é também a de nossa união cósmica. Cristo nos sustenta pelas fibras mais materiais da natureza. No entanto não o possuiremos perfeitamente a não ser no dia em que, de degrau em degrau, o nosso ser pessoal, e com ele o Mundo, tiver chegado aos limites de sua unificação.

Seria absurdo lamentar esses demorados prazos, essas lentas tentativas. Não constituem imediatamente uma prova gratuita ou um castigo. Exprimem a própria lei da evolução do espírito. Cristo nasce sobre o Múltiplo unificado. Eis por que, em sua Carne universal e luminosa, existe uma infinidade de zonas, círculos, habitações. O Meio místico se desvanece para tudo aquilo que desce o declive do

Múltiplo por menos esforço e por egoísmo. Mas, ao contrário, ilumina-se (como já divino) em torno de tudo aquilo

que se esforça por subir e unificar-se.

Os moralistas muitas vezes encontram dificuldade para legitimar (na Arte, particularmente) algumas obras humanas, reprovadas pelos preceitos absolutos e estáticos da Teologia moral, mas sem as quais a vida humana não poderia evidentemente passar. É porque não compreenderam (cf. p. 56) que o Bem e o mal não constituem dois departamentos, mas duas direções na atividade humana. — Para ti, homem mais espiritual, seria em geral censurável rebaixar-se a certos espetáculos, e certos prazeres, e certas dúvidas (embora, em alguns casos, pudesses ainda ter necessidade de neles retemperar as raízes de tua alma). Mas para muitos outros, essas realidades que agora deixaste para trás estão, ao contrário, no caminho da luz. Devem portanto passar, todos eles, por esses elementos inferiores antes de subir mais alto. — Toda realidade, para alguém ou para alguma coisa, encerra um dinamismo, uma atração de Cristo. E nada (nem os indivíduos nem o conjunto dos seres) pode chegar ao espírito a não ser por um trajeto determinado através da matéria. Neste percurso, não se poderia queimar as etapas. É preciso percorrê-las uma a uma; e seria muito difícil afirmar até que profundidade descem ainda, abaixo de nós, as raízes do espírito. Tu, portanto, que te gabas de só poderes viver da própria luz, fu te alimentas, sem suspeitar, da seiva mais grosseira que outros refinam humildemente nas profundezas da matéria. A Carne de Cristo alimenta-se de todo o Universo. O Meio místico recolhe tudo aquilo que é energia. Nada é impotente e condenado, no Mundo, a não ser aquilo que volta as costas à unificação do espírito. " tim em a cardin salsq start

O Universo, aos olhos do crente, manifesta-se como uma Carne. Encontramo-nos reduzidos, por esta constatação, às considerações pelas quais terminávamos acima (p. 68s) nossas reflexões sobre o Cristo universal. A visão mística nada mais faz que descobrir — e a ação mística, promover — a universal e sacramental consagração do Mundo.

Aquele que compreendeu esta imensa simplicidade das coisas, aquele que ouviu a Nota única sob o ruído universal, este possui o Mundo. Misturado intimamente com as coisas, pelo tenaz esforço de acabá-las e compreendê-las, nem por isso entretanto experimenta as suas agitações. Toca-as, mas atinge a Deus através delas. E na plenitude que sobre ele jorra desta pré-adesão a Deus em Tudo, não sabe qual a mais preciosa destas duas graças: ter achado a Cristo para animar a Matéria; ou a Matéria para tornar tangível, universalmente, a Cristo. \*\*

#### IV. HISTÓRIA. A EVOLUÇÃO DO MUNDO

Até aqui procuramos sobretudo descobrir a estrutura íntima do Mundo, sem tentar representar — numa visão de conjunto — as grandes linhas de sua história. Tentemos, à guisa de resumo e aplicação das teorias da União criadora, fixar os traços que assume, à sua luz, a evolução interior do Cosmos onde estamos mergulhados.

## A. O Passado

Até onde alcança no passado nosso olhar, aí vemos enfurecer-se, como se viessem de um pólo negativo do ser, as ondas do múltiplo. As franjas de nosso Universo, já o dissemos, perdem-se na pluralidade material e inconsciente. Não tem limites experimentais este Oceano, como também não os tem o espaço material que nos envolve. — Ouve-se muitas vezes falar de um primeiro instante do Mundo: falsa expressão e inútil procura! O ato criador não se intercala na cadeia das antecedências. Coloca-se sobre o Universo

<sup>&</sup>lt;sup>20</sup> Não poderíamos insistir demais no fato de que a santificação das almas, por mais pessoal que seja, continua sendo essencialmente coletiva. Espiritualizamo-nos levados pela espiritualização de tudo. Unimo-nos a Cristo comungando com todos. Seremos salvos por uma eleição que escolheu o Todo. E a visão beatifica não será tanto um ato individual quanto um ato específico do Corpo místico, uma vez que o Divino se descobrirá a cada um de nós pelos olhos de Cristo.

<sup>&</sup>lt;sup>21</sup> A única diferença, mas a diferença essencial, que separa estas considerações da teoria habitual, comum, da Presença de Deus, reside no seguinte: do ponto de vista aqui admitido, a Presença de Deus só atinge os elementos do Mundo peto (s no) Corpo de Cristo.

tomado em toda a sua extensão e toda sua duração. Impossível, então, para o elemento do Mundo, sair do Mundo, chegar somente a um limite inferior do Mundo. Impossível para ele conceber (judiciosamente) um termo físico do Mundo, ou mesmo imaginar (razoavelmente) a criação isolada de um elemento do Mundo, fora do Mundo, à parte do Mundo. A perder de vista, em torno de nós, difunde-se o tecido de séries temporais e espaciais - tecido sem fim, tecido indestrutível, tecido tão bem tecido de uma só peca, que não existe nele um só nó que não dependa de todo o conjunto. — Deus não quis isoladamente (e não teria podido fabricar como peças separadas) o sol, a terra, as plantas, o Homem. Ele quis seu Cristo — e, para ter seu Cristo, teve de criar o mundo espiritual, os Homens em particular, sobre os quais germinaria Cristo; — e, para ter o Homem, teve de lançar o enorme movimento da vida orgânica (que não é portanto um luxo, mas um órgão essencial do Mundo) - e a fim de que esta nascesse, foi necessária toda a agitação cósmica.

No começo do Mundo sensível existia o Múltiplo; e este Múltiplo, como um bloco indissociável, já ia subindo rumo ao espírito na atração do Cristo universal que nele se gerava. geint ab armet ash osespidan e omnger ab saing

Ora, esta ascensão era lenta e dolorosa; pois, sendo assim, o Múltiplo era mau por algo de si próprio.

Donde vem ao Mundo sua mancha original? Por que somos forçados a identificar, de certa maneira, Mal e Matéria, Mal e Determinismos, Mal e Pluralidade? — Seria somente porque as zonas baixas do Universo e da União são, relativamente a nossas almas, um terreno ultrapassado — e portanto proibido — e retroceder a eles significaria corromper-se? Ou não seria antes, como parece indicar formalmente a Bíblia, porque o Múltiplo original nasceu da dissociação de um ser já unido (Primeiro Adão), de sorte

que, em seu período atual, o Mundo não subiria, mas tornaria a subir em direção a Cristo (Segundo Adão)?2

Seja qual for a hipótese admitida, que o Mal\* tenha pluralizado o Mundo em consequência de um ato pecaminoso; ou que o Mundo, sendo plural (imperfeito, evolutivo), tenha produzido o Mal, desde o primeiro momento, como um objeto à sua sombra , — a União criadora apresenta este caráter particular de ser uma União redentora. Parece que Deus não pôde criar sem entrar em luta contra o Mal, ao mesmo tempo que contra o Múltiplo.

Já mencionamos acima (p. 64ss) as peripécias históricas da Encarnação e do Resgate. Transponhamos portanto este período mais ou menos claro da Evolução do Mundo e, debruçados à proa do navio, tentemos, como num sonho, perscrutar as obscuridades da noite que se vai aos poucos iluminando à passagem do Mundo. «Custos, quid de nocte?»

#### B. O Futuro

Ah! que escuridão diante de nós! e já não há estrelas quando é preciso determinar a posição do Universo. — Uma coisa, no entanto, parece certa. O ruído dos vagalhões que ouvimos não é apenas o choque desordenado das ondas contra os flancos de nosso navio. A ele se ajunta o ronco particular da água sob a querena da nave. A terra para a qual navegamos é provavelmente incerta. Não importa. Não somos, todavia, um objeto que flutua ao acaso. Existe um sentido das coisas. Avançamos. Progredimos.

Os sábios sorriem, ou se aborrecem, quando falamos de progresso. Enumeram, prazerosos, os escândalos de nossa época, ou então apelam ao pecado original para provar que nada de bom pode sair da Terra. — Deixemos de lado esses pessimistas, que parece não terem nunca interrogado nem a história, nem a razão, nem o coração. Será que esses homens não suspeitam que o ceticismo deles iria, logica-

recusa da perfeição exigida por sua natureza espiritual (N.E.).

<sup>22</sup> O Pe, Teilhard sempre se mostrará hesitante quanto ao poder que a ciência experimental teria para demonstrar e fixar a data, mesmo aproximativa, do início do Mundo. Nossa razão, remontando o curso da história, armada com a noção aristo-télica de causalidade eficiente, "terá atingido um 'começo natural', um 'ponto zero' natural, um ponto de esmaecimento para trás (fora do tempo e do espaço), que seria a forma de 'início' de um Universo em expansão'. Duvido muito!" Santo Tomás, num outro ponto de vista, também duvidava, apesar de afirmar a possibilidade de a razão demonstrar a criação, mas incapacidade para demonstrar que o mundo não fora criado ab aeterno (N.E.).

<sup>23</sup> Neste caso, antes da atual fase de evolução (do espírito fora da matéria), colocar-se-ia uma fase de involução (do espírito na matéria), fase evidentemente nãoexperimental, pois se teria desenvolvido numa outra direção do Real.

2 Existe um só Mal = a desunião. Chamamo-lo de "moral" quando atinge as

áreas livres da alma. Mas (assim como o Bem, de resto, que "une") não deixa de ser, mesmo então, de essência física.

50 mai — dizem os escolásticos — 6 uma privação de ser: para o homem, uma

mente, tornar o Mundo incompreensível e matar em nós a ação? — Poderia alguém afirmar que a consciência não é melhor que a inconsciência. Ou também que o Homem, para agir, não precisa saber que seu esforço é útil. Mas neste caso teria negado a existência e a necessidade do Progresso. E, ao mesmo tempo, teria destruído, com semelhantes teorias, nossas verdadeiras razões de viver.

Nós que só reconhecemos como fio condutor, no dédalo das evoluções orgânicas, a concentração gradual das faculdades psíquicas; nós que não pomos diretamente o mais ser no conforto nem na virtude, mas no crescente domínio do Mundo pelo pensamento (ou seja, numa força crescente tanto para o Mal como para o Bem); nós que pensamos só valer a pena trabalhar caso reste para sempre algo da obra de nossas mãos — cremos no progresso e o reconhecemos em torno de nós na extensão das descobertas científicas, no esboco dos organismos coletivos, no despertar dos sentimentos humanitários e das simpatias pelo universal. — «Progressos quantitativos: conhecimentos aditivos, isto sim!» — diria alguém. — «Progresso deveras qualitativo e orgânico» — responderemos. Como a Evolução parece ter chegado a um ponto em que seus progressos se efetuam, não já no corpo humano individual (que atingiu a maturidade), mas na alma humana, e mais ainda, talvez, na coletividade das almas, alguns a imaginam parada. De forma alguma. Todo acréscimo de consciência transforma fatalmente, em seu ser físico, as mônadas e o Mundo. Sendo assim, a prodigiosa extensão de nossos conhecimentos sensíveis sobre o Cosmo. a multiplicação incessante das relações «unitárias» em toda a ordem de coisas, representam inevitavelmente um acréscimo entitativo do Universo. A Unificação que continua ocorrendo, hoje, com tanta intensidade no espírito humano e na coletividade humana, é o prolongamento autêntico do processo biológico que deu origem ao cérebro humano.

Assim o quer a União criadora.

Para onde se deve dirigir, hoje, para ser o mais eficaz possível, nosso esforço? Em que sentido, sob nosso impulso, se prepara o Real para ceder? Sem dúvida alguma, do lado da pesquisa unânime da Verdade.

Seria prematuro suprimir imediatamente as vigorosas, embora ainda demasiado brutais, expressões da força belicosa. Temos ainda necessidade de canhões cada vez mais fortes e de encouraçados cada vez mais poderosos, para materializar nossa agressão ao Mundo. — Mas deve-se prever e esperar que tais instrumentos de domínio e conquista cederão gradualmente lugar a meios de ataque, tão poderosos, mas atuando em um domínio mais vasto e mais espiritual. Em nosso século os seres humanos ainda se acham absorvidos pela preocupação de organizar o aprovisionamento de seus corpos e distribuir oportunamente, pela superfície do Globo, sua crescente multidão. Acham-se ainda distraídos, igualmente, pelo prazer de inventariar e utilizar-se dos objetos que a Natureza lhes apresenta de maneira mais imediata. — Mas esta estação há de durar apenas um tempo. Cedo ou tarde, a Sociedade se organizará. Esgotar-se-ão as curiosidades fáceis da Terra. Então, experimentando mais distintamente em si a necessidade essencial de saber para ser mais, descobrindo diante de si problemas mais vastos, mais urgentes e mais bem colocados, os Homens se agruparão afinal para a pesquisa, com tanto entusiasmo como o fazem hoje para ajuntarem ouro ou para se matarem uns aos outros. A pesquisa intelectual terá então deixado de ser uma distração de diletante, um hobby de amador. Terá assumido a dignidade de função primordial e coletiva. Para a Humanidade que se há de tornar consciente de seu isolamento no Cosmo, e ameaçada de perigos coletivos, será mister encontrar ou morrer.

Assim se abrirá no Mundo a era da Ciência. E esta. por sua vez, será provavelmente sempre mais impregnada de Mística (não para ser dirigida, mas para ser animada por ela). Impelida, pela lógica do esforco e pelo dinamismo secreto da Matéria, rumo a esperanças sempre mais universais; percebendo, com ineludível clareza, o absurdo que consistiria em prosseguir uma obra humana sem futuro, a fração ascendente da Humanidade se há de absorver sempre mais na busca e na expectativa de um Deus. E nunca terá Cristo encontrado na Criação um poder mais magnífico para odiá-lo ou para amá-lo. Com efeito, apertados uns contra os outros pelo crescimento de seu número e pela multiplicação de seus vínculos — apertados entre si pelo despertar de uma força comum e pelo sentimento de uma angústia comum — os Homens do futuro não formarão, de certa forma, mais que uma só consciência. E como, terminada sua iniciação, terão avaliado a potência de seus espíritos associados, a imensidade do Universo e a pequenez de sua prisão, será esta consciência deveras adulta, maior de idade. — E não será possível imaginar que, neste momento, se colocará pela primeira vez, numa opção final, um ato deveras e totalmente humano — o sim ou o não em face de Deus, proferido individualmente por seres em cada um dos quais se terá plenamente desenvolvido o sentimento da liberdade e da responsabilidade humanas?

Não é fácil, para nós, representar o que poderá ser um fim do Mundo. Uma catástrofe sideral seria bastante simétrica a nossas mortes individuais. Mas levaria ao fim da Terra, e não ao do Cosmo — e é o Cosmo que deve desaparecer.

Quanto mais penso neste mistério, mais o vejo assumir, em meus sonhos, a imagem de uma «inversão» de consciência, de uma erupção de vida interior, de um êxtase... Não é preciso quebrarmos a cabeça para saber como a enormidade material do Universal poderá um dia desaparecer. Basta que o espírito se inverta, mude de zona, para que imediatamente se altere a imagem do Mundo.

Quando se aproximar o fim dos tempos, exercer-se-á uma pressão espiritual tremenda sobre os limites do Real, sob o esforço das almas desesperadamente tensas no desejo de evadir-se da Terra. Esta pressão será unânime. Mas a Bíblia nos ensina que a Terra será, ao mesmo tempo, abalada por um cisma profundo: uns querendo sair de si mesmos para dominar ainda mais o Mundo; outros, fiados na promessa de Cristo, esperando apaixonadamente que o Mundo morra, para serem absorvidos com ele em Deus.

Então, sem dúvida, sobre uma Criação levada ao paroxismo de suas aptidões à União, se há de exercer a Parusia. Revelando-se finalmente a ação única de assimilação e síntese que prosseguia desde a origem dos tempos, o Cristo universal há de jorrar como um relâmpago no seio das nuvens do Mundo lentamente consagrado. — As trombetas angélicas são apenas um frágil símbolo. Agitadas pela mais poderosa atração orgânica que se possa conceber (a própria força de coesão do Universo!), as mônadas se precipitarão no lugar para onde as destinarão irrevogavelmente a maturação total das Coisas e a implacável irreversibili-

dade de toda a História do Mundo: — umas, matéria espiritualizada, no acabamento sem limites de uma eterna Comunhão; outras, espírito materializado, nas angústias conscientes de uma interminável decomposição.

A esta altura, como nos ensina S. Paulo (cf. 1Cor 15, 23ss), quando tiver Cristo esvaziado de si mesmas todas as potências criadas (rejeitando o que é fator de dissociação e supor-animando tudo o que é força de unidade), há de consumar a unificação universal entregando-se, no seu Corpo completo e adulto, com uma capacidade de União enfim completa, aos amplexos da Divindade.

Desta forma se achará constituído o complexo orgânico Deus e Mundo — o Pléroma — realidade misteriosa que não podemos afirmar mais bela que Deus sozinho (pois Deus não necessita do Mundo), mas que também não podemos considerar absolutamente gratuita, totalmente acessória, sem tornar incompreensível a Criação, absurda a Paixão de Cristo, e des-interessante nosso esforço. Et tunc erit finis.

Como imensa maré, o Ser terá dominado a vibração dos seres. No seio de um Oceano apaziguado, mas no qual cada gota conservará a consciência de continuar idêntica a si mesma, terá terminado a extraordinária aventura do Mundo. O sonho de toda a mística e o eterno sonho panteísta encontrarão a sua plena e legítima satisfação. «Erit in omnibus omnia Deus». \*

<sup>\*</sup> Tientsin, 25 de março de 1924.

# O Fenômeno Humano

Um após outro, os diversos compartimentos do Mundo vão caindo sobe a influência unificadora da Ciência. Das nebulosas até aos átomos, da eletricidade à matéria organizada, os principais grupamentos naturais de unidade e energia se acham, agora, reduzidos a um centro comum de perspectiva. Só o Homem, quase, escapa ainda a esta sistematização histórica e energética do Mundo. Existe sem dúvida uma Anatomia comparada e uma Antropologia para estudar nosso corpo em suas relações com os animais; mas essas pesquisas dizem respeito ao que há de mais inferior, mais antigo, e portanto de menos característico, em nós. Existem igualmente, é certo, uma Psicologia, uma Lingüística, uma Sociologia, uma Economia política, uma Geografia humana, etc., para ocupar-se com os problemas postos pelo Mundo das atividades reflexas; mas tais disciplinas, por mais que seus métodos e seu vocabulário imitem os métodos e a linguagem dos laboratórios, formam ainda um grupo fechado e, por assim dizer, fora da Natureza. Tratam o Homem como uma espécie de pequeno Cosmo à parte, isolado do resto do Universo. Existe um sem-número de Ciências que se ocupam com o Homem. Mas o Homem, naguilo que o torna essencialmente humano, não entrou ainda na Ciência.

Entretanto, não basta refletir um instante no prodigioso acontecimento, representado pela explosão do Pensamento na superfície da Terra, para ter a certeza de que este gran-

Sugerir um ponto de vista a partir do qual as ciências do Homem se liguem à Ciência, de maneira a prolongá-la, eis o objetivo das reflexões que se seguem. No Cosmo, a Humanidade representa um «fenômeno natural» — um fenômeno sui generis — um fenômeno capital; e, como tal, merece (ainda que fosse ao preço de uma como revisão geral de nossas perspectivas) fundar um ramo supremo da Ciência: eis o ponto para o qual pretendemos chamar a atenção, aqui com a consciência de nos mantermos num plano estritamente experimental.

#### 1. Realidade científica do Fenômeno Humano

O que nos impede de perceber facilmente o Homem sob os traços de um fenômeno natural (como a luz ou os corpos simples) não é tanto, parece-me, a natureza especialíssima das energias que se manifestam em seu nível quanto a forma indireta sob a qual nos aparecem.

Já nos habituamos a pensar que um fenômeno é tanto mais físico (objetivo, real) quando tem sua sede num elemento de extensão mais universal, ou corresponde mais inteiramente a um efeito de grandes números. A ciência por excelência, a nosso ver, é a do éter e dos átomos, isto é, a de um Universo onde os centros (à medida que existam) não aparecem a não ser como suportes de leis estatísticas: por massas e de fora. A própria Biologia não é considerada até aqui como verdadeira ciência a não ser na medida em que julga descobrir, no Mundo organizado, tensões gerais e determinismos coletivos, reflexos dos da Matéria. Pode-se afirmar que nossa Física atual da Matéria e da Vida (se é que podemos falar ainda de uma Física da Vida) se acha toda ela orientada em sentido inverso do individual — isto é, do espontâneo e do consciente.

Exatamente em direção contrária se desenvolvem, forcosamente, as ciências da Humanidade. Logo que se aborda o Mundo humano, nosso Mundo, é o átomo (ou seja, neste caso, a pessoa). Que por motivos de escala de grandeza

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> Distinto do trabalho de igual nome, de 1930, publicado em *La Vision du Passé*. O Autor retomou este título, pela última vez, para a grande obra que constitui o Tomo I das "Oeuvres de Teilhard de Chardin" (Ed. du Seuil). (N.E.).

e egoísmo, coloca-se no centro das preocupações e do estudo. As realidades de conjunto deixam de ser notadas ou passam a segundo plano. No domínio das questões humanas, numa completa inversão das perspectivas da Física, o individual — e por conseguinte os pontos de vista da liberdade e da experiência interna — fixam em primeiro lugar a atenção e dirigem, depois, as pesquisas.

Ciências do Homem e Ciência da Natureza abordam, presentemente, o Real em dois sentidos contrários. Eis o que confere a seus respectivos objetos a aparência paradoxal de pertencerem a dois Universos distintos. E é necessário e suficiente corrigir este ponto, se quisermos chegar a ver, como naturalista e físico, o Fenômeno humano. — Experimente-se apenas olhar a Humanidade não já com olhos de Homem, por unidades isoladas e a partir de dentro, mas como observador distante, por conjuntos, e a partir de fora: logo ela assume uma fisionomia, se não igual, ao menos semelhante à de todas as outras grandezas de que o Cosmo é a reunião.

Uma primeira etapa nessa educação do olhar consiste em observar, no Mundo humano, por trás da cortina das relações sociais onde se detém habitualmente nossa atenção, o prolongamento reconhecível das principais leis que regem a Vida nas suas zonas infra-humanas. Lei de irregularidade no crescimento: os progressos se efetuam, para cada especialidade, mediante saltos e mudanças bruscas de direção, ora aqui ora acolá, ora depressa ora lentamente. Lei de nascimento: cada idéia ou habilidade, ou novo agrupamento se forma por ampliação e diferenciação de um núcleo restrito, onde ganham corpo, um belo dia, potencialidades difundidas no meio humano. Lei das substituições: nenhuma unidade ou instituição social progride indefinidamente no caminho de um aperfeicoamento determinado, mas é logo atingida por imobilidade relativa, e substituída por um outro grupo. E assim por diante. Adaptação, mutações, hereditariedade, paralelismos, correlação, ortogênese, não há uma só regra, nem um só fenômeno, depreendidos pela Biologia do estudo dos movimentos gerais da Matéria organizada, dos quais não se possa reconhecer um equivalente no complexo social humano. E este próprio complexo, tomado em sua totalidade, revela cada vez mais analogias estranhas que nos levam a tratá-lo como uma só coisa organizada. Sob nossos olhos, os grandes grupos étnicos procuram-se e se soldam. Nesta massa, estabelecem-se correntes de matéria e de humanidade que circundam a Terra. Metais, combustíveis, cereais, moedas, livros, concertos, sábios, comerciantes, políticos, inúmeros elementos fermentam e são postos em atividade, sob a influência e no interior desse invólucro ativo do Globo. Como uma seiva ou um sangue, alimentam uma Sociedade cuja vida mais espiritual se torna sempre mais dependente de uma circulação geral dia a dia mais complexa. — O estabelecimento gradual e o funcionamento da Humanidade são realidades que se pode ver em continuidade com o desenvolvimento geral do resto da Vida: eis um primeiro passo de fato na percepção do Fenômeno humano.

Subamos agora mais um degrau, e procuremos observar a Humanidade de mais longe ainda. Fechemos os olhos àquilo que, nela, é distintamente vital ou individual, para só discernir (mais ou menos como no caso de uma massa líquida ou gasosa) o conjunto móvel dos elementos. Constataremos que sobre o Mundo, tão admiravelmente espontâneo, sensível e matizado das relações humanas percebidas em nossa escala, à distância em que nos colocamos, se estende um yéu impessoal e geométrico de uma nova Matéria. Escoamento e borborinho de uma multidão percebidos de muito alto. Regime constante dos nascimentos, mortes, revelado pela Estatística. Pressões dos povos sobre as superfícies desocupadas. Pressão dos espíritos sobre os limites, incessantemente afastados, da impotência e da ignorância. Afinidades dos indivíduos e das nações. Condutibilidade ou inércia das massas. Endurecimento e ancilose das instituições. Equilíbrio, tensões ou ressonâncias internas da massa pensante. Todos esses fatos nos sugerem que os grandes números, com sua possibilidade de expressão matemática e sua tirania, mas também com seus prodigiosos recursos em energias acumuladas e tentativas fecundas, regem. a um certo nível, os movimentos gerais da Sociedade humana — e a transformam, portanto, num objeto que pertence não somente à Biologia mas à própria Física.

Esta conjunção não apresenta coisa alguma que deva nos causar espécie. Cada vez mais as diversas disciplinas do Universo, desde a Física até à Zoologia, tendem a ligarse entre si como os diversos capítulos de uma mesma e imensa História. Procuram o mecanismo, as fases e o prolongamento de um mesmo processo imenso: o desenvolvimento do Universo. De um extremo a outro do domínio experimental, descobrimos que existe apenas um Fenômeno em curso. O Homem não poderia ficar de fora desse Fenômeno. Ele mesmo, portanto, é também estudável como um Fenômeno. Para derrubar a barreira que indevidamente separa as ciências do Homem da Ciência da Natureza, não existe, afinal, meio mais simples nem mais radical, que tomar consciência da unidade de evolução cósmica.

#### 2. Natureza específica do Fenômeno Humano

Na sua grande maioria as analogias mecânicas ou biológicas, que acabamos de enumerar, foram já destacadas no Mundo humano. Mas é mister confessar que a interpretação dada a essas afinidades foi até aqui tão infeliz que mais contribuiu para reforçar, que para vencer, os preconceitos antropocêntricos que tendem a manter o Homem fora dos outros objetos da Ciência. Não encontramos ainda quem ouse comparar, sem restrições, a Sociedade a uma enorme máquina, ou a um enorme animal?

Essas importunas separações mantêm no olvido uma correção essencial que nossas perspectivas devem sofrer toda vez que procuramos seguir, através de um novo círculo do Universo, uma linha qualquer da Realidade. De círculo em círculo o Mundo se metamorfoseia. Passa por um enriquecimento e uma refusão internos. E, por conseguinte, apresenta-se toda vez sob um novo estado, no qual o conjunto das propriedades anteriores em parte persiste, em parte é renovado. Eis o que esquecem muitas pessoas que falam pró (ou contra) a Evolução, sem terem apenas compreendido, parece, a noção de transformação.

Sendo assim, conforme se trate de uma reunião de átomos, ou de células, ou de animais ou de indivíduos humanos, as leis de afinidade e a natureza das ligações entre elementos se apresentam ao mesmo tempo como iguais e com diversas. Não se deve separá-las nem confundi-las. É absurdo, por exemplo, imaginar a Terra como uma Máqui-

na, um Animal, ou uma Pessoa. Não menos falso, no entanto, seria também negar que os progressos convergentes de todos os nossos conhecimentos nos levam, cada vez mais, a considerar o invólucro pensante (bem como o invólucro simplesmente vivo) da Terra não mais como apenas um agregado ou uma unidade moral, mas como um Todo orgânico sui generis, que não se poderia de resto comparar ainda exatamente a não ser a si próprio. É quanto basta para que tenhamos de colocar o Homem, e sua aparição, entre os fenômenos da Natureza.

Para exprimir os modos de ser e agir próprios ao Todo humano assim definido, somos obrigados, é claro, a generalizar nossas maneiras de pensar e elevar-nos à aquisição de novos conceitos. Mas essa ampliação das categorias intelectuais não será o mais belo esforço do espírito, e o mais legitimado por seus êxitos? O que a princípio escandaliza o pensamento logo se lhe torna hóspede familiar e princípio de pesquisas fecundas. Lembre-se, em geometria o aparecimento das grandezas irracionais ou incomensuráveis...

Desta sorte, perceber o Fenômeno humano não significa simplesmente reconhecer a natureza cósmica (o estofo) dos fatos sociais, isto é, sua ligação com o desenvolvimento histórico geral do Mundo. Significa, ao mesmo tempo, apreciar e efetuar a transposição a que devem submeter-se as leis e noções organo-físicas estabelecidas para o Mundo, primeiro da Matéria bruta, depois da Matéria vitalizada, quando se penetra no Mundo renovado pelo poder especificamente humano de refletir, isto é, no Mundo hominizado.

#### 3. Importância fundamental do Fenômeno Humano

Assim que o Homem foi reintegrado (com as devidas precauções, mas a título de elemento verdadeiro) no edifício do Mundo, tende a assumir nele, para a Ciência, um valor imenso. Uma vez que não é mais considerado como uma espécie de epi- ou para-fenômeno, não pode ser, qualitativa e quantitativamente, senão um fenômeno de primeira ordem no Universo. Esta é a terceira das observações que desejamos apresentar aqui.

Qualitativamente, em primeiro lugar, o Homem manifesta, em grau privilegiado, e portanto facilmente estudável, uma certa energia particular do Mundo — o termo derradeiro, segundo nossa experiência, daquilo que poderíamos chamar de corrente psíquica no Universo. Assim como o rádium, por exemplo, graças à intensidade excepcional de sua atividade, revelou à Física uma propriedade universal da Matéria — da mesma forma, em face da preponderância que assumem, no domínio humano, os fenômenos de espontaneidade interna, a consciência, até na sua forma superior que é a liberdade, se manifesta como um fator de valor cósmico. Inapreensível no Mundo dos átomos, desprezível às vezes no Mundo dos seres organizados, o psíquico se torna decididamente o fenômeno principal no Mundo humano. E, por conseguinte, impõe-se cientificamente à Ciência. Parece-nos incontestável este ponto: e permaneceria como ponto pacífico, mesmo que as considerações a seguir fossem descartadas.

Pelo próprio fato de representar a emergência distinta de uma propriedade universal, o Fenômeno humano encontra-se com um valor *quantitativo* ilimitado. Há mais ainda, porém. A Humanidade (eis um de seus aspectos físicos mais curiosos) evolui de maneira a formar uma unidade natural de extensão tão ampla quanto a Terra. A preocupação com os negócios humanos impede-nos de apreciar a significação deste acontecimento capital. E no entanto ele ocorre sob nossos olhos. De dia para dia, a massa humana «se prende»; constrói-se; tece em torno do Globo um feixe de organização material, de circulação e pensamento. Mergulhados neste processo, habituados a considerálo não-físico, nem lhe prestamos atenção. Mas observemo-lo, afinal, como observaríamos um cristal ou uma planta. Instantaneamente, havemos de perceber que à sua litosfera, à sua atmosfera, à sua biosfera, etc., a Terra está acrescentando, mediante nós, mais um envoltório a suas outras camadas, o último e o mais notável de todos: a zona pensante. a «noosfera». Considerado no resultado global e figurado de sua evolução, o Fenômeno humano é de ordem «telúrica». Suas dimensões espaciais são as do planeta. As dimensões temporais também. O Homem não é naturalmente solidário e produto legítimo da História geral da Terra? — O Fenômeno, há pouco afirmávamos, faz a Ciência penetrar, mais ou menos como a radioatividade, no segredo das forças elementares do Mundo. Ei-lo agora assumindo a amplidão (em extensão) e a profundeza (em duração) dos acontecimentos geológicos. A Humanidade — para retomar, compreendendo-a melhor, uma expressão já empregada mais acima — é deveras a Terra (poderíamos até dizer a Natureza) «hominizada».

Ora (e é por este ponto que desejaríamos terminar), esta hominização do Mundo apresenta-se acompanhada de um caráter bem estranho, que nos convida a descobrir no Homem algo de mais interessante ainda, cientificamente, que a manifestação de uma propriedade cósmica ou que o produto de uma evolução astral: esse processo é irreversível. Até onde podemos acompanhá-lo, o fenômeno da consciência parece que se foi sempre mais generalizando e acentuando sobre a Terra. A despeito das improbabilidades acumuladas, supostas por seus progressos, o psíquico jamais cessou de crescer em nosso Mundo, e é precisamente seu paroxismo atual que a Humanidade manifesta. Que significa esta irreversibilidade? Talvez o seguinte: pela amplidão das perspectivas psíquicas que revela, o Fenômeno só pode ser comparado a essa tendência inelutável do Físicoquímico em direção «ao mais provável», que chamamos de estarecer o incention de colores de evolució Entropia.

Até aqui, a Ciência teve o costume de só construir o Mundo físico com os elementos arrebatados, pelas leis do acaso e dos grandes números, para uma crescente atenuação das energias permutáveis e para uma difusão desorganizada. A Humanidade, uma vez que se admita considerá-la um fenômeno físico, obriga-nos definitivamente a conceber, diante ou através desta primeira corrente universal, outra irreversibilidade fundamental: a que levaria as coisas, em sentido inverso do provável, a construções sempre mais improváveis, sempre mais amplamente organizadas. Ao lado, ou através da corrente ponderável da Entropia, haveria, camuflada no material, aflorando no organizado, mas sobretudo visível no humano, a corrente imponderável do Espírito.

Sem abordar aqui a questão de saber até que ponto estas duas correntes seriam redutíveis uma à outra num

terceiro movimento mais geral, é certo que, se a Humanidade registra deveras sua interferência, a majestade e o patético incomparável do fenômeno humano deveriam revelar-nos e fazer-nos experimentar, intimamente, um ao menos dos dois élans primários que arrastam o Mundo. O Universo então, por um de seus movimentos fundamentais, emergiria em nossa consciência, bem como lutaria no fundo de nossas vontades.

Desta situação, admitida como fato científico, decorreriam dois importantes corolários: um de ordem mais especulativa, o outro sobretudo prático.

Especulativamente, estaríamos de posse de uma chave que (levando em conta as devidas analogias) nos permitiria explorar, a partir do dentro, o Universo que a Física tentou, até aqui, apreender a partir do fora. Se deveras, como o observamos, as leis da Matéria bruta e as tentativas externas da Matéria viva podem ser seguidas remontando até nós, e encontrar-se em nós mesmos, «hominizadas», então podemos, inversamente, procurar compreendêlas, tanto umas como outras, tornando a descer até elas, a partir do dentro, para nelas nos reconhecer materializados. No domínio da Vida, por exemplo, recentemente Le Roy mostrou que partido se poderia tirar da noção de invenção para melhor esclarecer o mecanismo da evolução orgânica.

Praticamente, ver-nos-íamos depositários responsáveis por uma parte de energia universal que deveríamos conservar e propagar — não uma energia qualquer, mas levada, em nós, a certo grau supremo de elaboração. Por mais fria e objetivamente que se considerem as coisas, seria mister afirmar que a Humanidade constitui uma frente de avanço cósmico. Isto implicaria, em primeiro lugar, para nós uma nova e nobre obrigação de tirar partido de todas as potências fornecidas pela terra para favorecer os progressos do Improvável. Mas captar as energias materias não passaria ainda de um esforço secundário. Para que a corrente do Espírito, representada hoje pela Humanidade, se

mantenha e progrida, seria necessário cuidar principalmente que a massa humana conserve sua tensão interna, isto é, não deixe desperdiçar, nem diminuir, em si, o respeito, o gosto, o fervor pela Vida. Se diminuir esse fervor, logo então aquilo que chamamos de noosfera fenece e se esvai. Aí entrevemos uma nova energética (manutenção, canalização, crescimento das aspirações e paixões humanas) onde se encontrariam a Física, a Biologia e a Moral — encontro bastante curioso, mas inevitável, uma vez que se compreendeu a realidade do Fenômeno humano.

Naturalmente, estas reflexões, pelas quais gortaríamos de apressar o momento em que a Ciência há de integrar decididamente a Humanidade na Terra e no Mundo, são provisórias e rudimentares. No entanto, é difícil descartar os dois prognósticos seguintes:

- 1) Para chegar a constituir a cosmogonia científica que pretende ser, a Física sempre menos poderá confinar-se ao estudo, a partir do fora, dos fenômenos regidos pelas leis dos grandes números e submetidos à Entropia. Mas deverá recorrer a símbolos ou funções complexas, em que se exprimam a segunda face e a segunda corrente das coisas, a saber, a espontaneidade individual e a organização progressiva dos elementos, vistos a partir do dentro. Por escapar às medidas e aos cálculos, isto não é menos físico que aquilo.
- 2) Depois de ser considerada muito tempo como elemento cientificamente acessório, ou aberrante, do Universo, a Humanidade acabará revelando-se como um fenômeno fundamental como o fenômeno por excelência da Natureza: aquele em que, numa complexidade singular de fatores materiais e morais, é por nós não só experimentado mas também vivenciado um dos principais atos da evolução universal.\*

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> É a questão, por exemplo, se o Mundo da Entropia, em vez de ser o Mundo fundamental que os físicos imaginam, seria antes o aspecto material assumido, por efeito de grandes números, pelas miríades de espontaneidades elementares (caso em que o Universo não se fundamentaria em mecanismos, mas em "liberdades").

<sup>3</sup> L'exigence idéaliste et le fait de l'Evolution. Paris. Boivin 1927-1928.

<sup>\*</sup> Paris, setembro de 1928.

#### O Cristianismo no Mundo

# 1. Religião e Humanidade

Neste último século se vem difundindo cada vez mais a idéia de que as religiões manifestam um estado primitivo e ultrapassado da Humanidade. «Os homens imaginaram outrora a Divindade para explicar os fenômenos naturais cuja causa desconheciam. A Ciência, descobrindo a explicação experimental desses mesmos fenômenos, tornou inúteis tanto Deus quanto as Religiões». Eis o novo Credo de

muitos de nossos contemporâneos.

Urge seriamente reagir contra esta maneira acanhada de compreender o nascimento e a história da idéia de Deus no Mundo. Sem dúvida alguma, as formas antigas assumidas pelo sentimento religioso foram, em boa parte, confusas. Durante muito tempo a Religião impregnou, sem distinção de planos, uma massa psicológica complexa da qual se foram sucessivamente separando, com seus métodos e resultados especiais, a Ciência experimental, a História, a Vida cívica, etc. Mas ainda falta muita coisa para que a necessidade de Absoluto (na qual repousam todas as religiões) se tenha dissipado no curso dessa diferenciação. Basta, como iremos afirmar, observar com espírito imparcial (poder-se-ia dizer positivista) o Mundo atual, e mais particularmente a crise que ele atravessa, para nos convencermos do contrário. Como um botão que fosse aos poucos perdendo suas folhas, também o núcleo religioso, onde se acha concentrado o melhor da seiva humana, agora mesmo se vai destacando diante de nós, mais distinto e vigoroso que nunca.

Para compreender a origem, os desenvolvimentos e a atualidade da questão religiosa, é mister pôr de lado, ao menos provisoriamente, todas as questões de ritos e interpretações secundárias, e colocar-se diante do abalo biológico causado no Mundo terrestre pela aparição do Homem, isto é, do Pensamento. — Antes do Homem, toda a energia vital era praticamente absorvida a cada instante pelo trabalho da nutrição, reprodução, evolução morfológica: os animais, como operários sobrecarregados, achavam-se como que mergulhados sem cessar em seu esforço imediato. Não tinham nem tempo nem capacidade interna para levantar a cabeca, refletir. No Homem, todavia (como se uma sondagem tivesse encontrado um lençol profundo), de súbito apareceu um transbordamento de potência. Por sua organização psicológica, o Homem excede a cada instante — no espaço que mede e no tempo que prevê — o trabalho exigido por sua animalidade. Através dele, um oceano de energia livre (uma energia tão real e «cósmica» quanto as outras que a Física estuda) tende a cobrir a Terra. A Vida. por sua face superior, emerge no indeterminado, e corre o risco de ficar sem efeito algum. É preciso evidentemente que se constitua, em face dela, um sistema de ligação e controle apropriado. A Moral, quase sempre considerada como um organismo puramente artificial (infra- ou para-físico), mais não é que a expressão mais ou menos esboçada dessa Energética do Pensamento. Pois bem, a Religião, tantas vezes relegada desdenhosamente para o campo da Metafísica. tem precisamente como função alicerçar por seu turno a Moral levando, à multidão inquieta e indisciplinada dos átomos dotados de reflexão, um princípio dominador de ordem, e um eixo de movimento: Algo de supremo que deve ser criado, temido ou amado munt o ol menora els es essentin essentinos

A Religião, portanto, não se formou sobretudo à maneira de uma reação preguiçosa, para servir de anteparo às dificuldades insolúveis ou indiscretas encontradas pelo espírito em seu despertar. É, no seu fundo verdadeiro, a contrapartida biologicamente (quase poderíamos dizer, mecanicamente) necessária à liberação da energia espiritual terrestre: o ser humano, por sua aparição na Natureza, implica tão necessariamente a manifestação, adiante dele, de um pólo divino para equilibrá-lo, quanto, no mundo particular explorado pela Física, se entrelaçam os elementos positivos e negativos da Matéria.

Se assim é, então o fenômeno religioso não poderia ser considerado a manifestação de uma etapa transitória, destinada a atenuar-se e desaparecer com o crescimento da Humanidade. A liberação de energia obtida no sistema terrestre pelo estabelecimento do tipo zoológico humano não cessa de aumentar com as épocas, definindo e medindo aquilo que se oculta de real sob a palavra «progresso». Por sua organização social, que reparte e divide o trabalho comum. o Homem aumenta constantemente a proporção de independência e lazer disponíveis a cada cidadão. Mediante o maquinismo, proporcionou de súbito um acréscimo terrível a esta superabundância. Toda a economia humana (se compreende de fato o seu papel «planetário») só poderia ter como objetivo final fazer crescer constantemente sobre a Terra o excesso do psíquico sobre a matéria. — Isto equivale a dizer que a Religião, animadora e moderadora inata desse transbordamento espiritual, deve crescer e precisar-se no mesmo ritmo e na mesma medida. Basta produzir-se um deslocamento entre a liberação da energia consciente e a intensificação do senso religioso para então começar a desordem, tanto mais perigosa quanto mais adulta for a Humanidade. Não é exatamente o que se passa hoje diante de nossos olhos?...

#### 2. A procura de um Objetivo para a Vida

Inatividade. Esta palavra que define, apreendendo-a em seu aspecto mais superficial e mais tangível, a crise que perpassa neste momento o mundo, exprime ao mesmo tempo a causa profunda do mal que nos preocupa. Desocupada, a Humanidade principiou a ser (ou ao menos a poder sê-lo) desde o primeiro instante em que seu espírito recém-nascido se afastou da percepção e da ação imediatas para vagabundear no domínio das coisas distantes ou possíveis. Desocupada, não sentiu profundamente que o era (de fato, e sobretudo de direito) durante todo o tempo em que uma porção dominante dela mesma ficou sujeita a um trabalho que absorvia a maior parte de sua

capacidade de esforço. Desocupada, ela descobre através de novos sintomas que o é, e acha-se em perigo de vir a sê-lo sempre mais agora que, definitivamente rompido o equilibrio entre as necessidades materiais e os poderes de produção, teria apenas — teoricamente — de deixar a máquina libertadora funcionar, e cruzar os próprios bracos. A crise atual é muito mais que a difícil etapa encontrada acidentalmente por um tipo particular de civilização. Sob aparências contingentes e locais, exprime o resultado inevitável da ruptura de equilíbrio introduzida na vida animal pela aparição do Pensamento. Os homens não sabem, hoje, em que empregar a força de seus braços. Ignoram sobretudo qual a Meta universal e final para onde devem dirigir o élan de suas almas. Houve até quem dissesse, mas sem insistir com suficiente profundidade na significação dos termos: a atual crise é uma crise espiritual. A energia material não circula devidamente pois não encontra um espírito bastante forte para organizar e arrastar sua massa; e o espírito não tem força suficiente por se dissipar continuamente em agitação desordenada. Transponhamos estes termos, utilizando as observações feitas no parágrafo precedente: a Humanidade atual hesita e sofre, no auge de sua potência, por não ter definido seu pólo espiritual. Falta-lhe uma Religião.

Analisemos mais de perto esta deficiência, a fim de descobrir os traços do Messias que esperamos. A «função religiosa», dizíamos acima, cresce no mesmo sentido e com a mesma velocidade que a «hominização». Mas ao mesmo tempo assume uma imagem especial, melhor determinada, a cada fase nova da Humanidade. A que condições, para corresponder a seu papel biológico de animadora, deve satisfazer a Religião particular capaz de salvar-nos?

Estas condições se deduzem muito simplesmente da consideração de um fenômeno psicológico que, muito mais certamente que as extraordinárias transformações materiais a que assistimos, servirá aos historiadores do futuro para caracterizar nossa época. No espaço de um século, sob a influência combinada da História, da Física, da Filosofia e da Sociologia, descobrimos que o Universo na sua totalidade era arrastado num movimento (ou evolução) de conjunto, no seio do qual a evolução particular da consciência

tinha seu lugar determinado. O Tempo nos aparece agora não mais como o quadro permanente de diversificações divergentes ou circulares, mas como o eixo de uma espécie de cosmogênese. As coisas não se repetem, mas o Mundo progride.

Sob a influência dessas idéias evolutivas, que invadiram muito mais do que se crê geralmente nossa psicologia profunda, apoderou-se da Humanidade um tipo particular de exigências religiosas. Tanto por apreensão intelectual da Natureza em movimento quanto por um correlativo amor da ação, não poderíamos admitir controle algum de nossa atividade a não ser em vista do acabamento de um Mundo, e de um Mundo que nos integra em sua consumação. A energia livre, pensante, liberada pela Terra, não pode ser mais dominada pelo ideal de nenhuma ordem estabelecida que se deva suportar ou conservar. Moral e Religião (como toda a ordem social) deixaram de ser para nós uma Estática; impõe-se, para seduzir-nos e salvar-nos, uma Dinâmica.

«Não nos interessa mais uma Religião de regularidade; mas sonhamos com uma Religião de conquista». Demos assim, sem dúvida, um grande passo rumo à crença, através e acima de nossa infidelidade moderna. Tornou-se lugar comum definir como materialista a Civilização ocidental — este foco da nova Humanidade. Nada mais injusto. O Ocidente subverteu muitos ídolos. Mas, ao descobrir as dimensões e o incessante progresso do Universo, desencadeou uma poderosa Mística. Pois é justamente por causa de uma Mística que, despertados pela Física e pela História para a consciência de uma Imensidão tangível, já não concebemos valores nem sabores fora de nossa identificação laboriosa com os acabamentos desta. Tudo se resume, agora, em determinar a verdade e o nome da Presença que julgamos sentir por trás do Universo em fogo. - Se nossa impressão não passa de um sonho (ou seja, se não existe coisa alguma definitiva ao termo de nossos esforços), acabou-se então, de uma vez por todas, a esplêndida fogueira humana. A «energia livre» da Terra não poderia encontrar nenhuma utilização válida para seus ardores. A Humanidade teria já vivido bastante para certificar-se de que neste Mundo só lhe faltava o objeto pelo

qual valesse a pena viver. Hipótese que se deve eliminar, parece, pois tornaria o Universo absurdo. — Mas, se pelo contrário existe deveras, no outro extremo da duração cósmica, Algo ou Alguém rumo ao qual progredimos, então é mister chegar a melhor conhecer a sua natureza, a fim de melhor adorá-lo.

#### 3. O Teste das Religiões

A Religião tem como função biológica dar uma forma à energia psíquica livre do Mundo. E a única forma que o desenvolvimento da Humanidade poderia aceitar é a de um movimento de construção e conquista culminando numa certa unificação suprema do Universo.

Se aplicamos este duplo critério às inúmeras espécies de Religiões, ou mesmo de Morais laicas, que se foram sucedendo sem interrupção ao longo da história, temos uma hecatombe. Quase nada permanece em pé, de direito; como também quase nada sobrevive, de fato.

Devem ser eliminados primeiramente, em bloco, os diversos agnosticismos, formais ou implícitos, que tentaram alicerçar a Moral num puro empirismo social, ou ainda num puro esteticismo individual — excluindo então qualquer fé em uma consumação futura do Mundo. Esses diversos sistemas, além de suas deficiências particulares, têm o defeito comum de suprimir a circulação da seiva que deveriam canalizar e auxiliar a subir. Nem o Confucianismo, que garantia um bom funcionamento local da sociedade; nem a sabedoria de um Marco Aurélio, que embelezava os jardins da Humanidade; nem o culto tão preconizado hoje ainda do prazer e da perfeição interiores fechados já não correspondem, em ponto algum, ao nosso ideal de constrututores e conquistadores. É mister que nos convidem para o ataque a um Céu. De outra maneira, depomos as armas.

Do grupo islâmico, examinado por sua vez, nada subsiste; tudo se dissolve — e talvez mais completamente ainda. O Islã salvou em si mesmo a idéia da existência e da grandeza de Deus (germe do qual, na verdade, tudo pode um dia renascer). Mas ao mesmo tempo realizou o milagre

de tornar esse Deus tão ineficiente e tão estéril quanto um Nada em tudo o que se refere ao conhecimento e aperfeiçoamento do Mundo. Depois de ter destruído muita coisa e localmente criado uma beleza efêmera, o Islã se apresenta hoje como um princípio de fixação e estagnação. Diante dessa impotência de fato, seria perfeitamente concebível um melhoramento, o qual, no fundo, equivaleria a uma convergência para o Cristianismo (ver adiante), como parece já estar acontecendo com um grupo de espíritos elevados e modernizados. Enquanto espera por esse renascimento, o Alá do Corão é um Deus para beduínos. Não poderia atrair a si os esforços de nenhum homem deveras civilizado.

E eis agora, diante de nós, a imponente mole das místicas hindus e orientais. O Oriente, primeiro santuário e, sem dúvida, morada sempre viva do Espírito. O Oriente, onde tantos Ocidentais pensam ainda em ir abrigar sua fé na Vida... Aproximemo-nos dessas construções vigorosas; e, sem mesmo nos arriscar a penetrar no templo para aspirar que tipo de incenso ainda está ali ardendo, interroguemos a resistência de suas paredes, não como arqueólogos ou poetas, mas como arquitetos do porvir. Desde o primeiro contacto de fundo com a Ásia, é impossível hesitar. Estas colunas impressionantes são absolutamente impotentes para suportar o atual élan de nosso Mundo. — A grandeza incomparável das religiões do Oriente consiste em ter vibrado mais que outra qualquer em face da paixão da Unidade. Esta nota, essencial a toda mística, penetrou-as de tal sorte que ainda hoje nos acontece ficarmos como que encantados apenas ao pronunciarmos os nomes de suas divindades. Mas, para atingir essa Unidade, os sábios hindus pensaram que era necessário que o Homem renegasse a Terra, suas paixões, suas ansiedades e esforços. O Múltiplo, em cujo seio lutamos, declararam-no produto de um pesadelo. «Dissipem essa Maya, abafem todo ruído» — ensinaram eles — «e então despertarão na Vacuidade essencial, onde não há som nem figura nem amor». Doutrina de passividade, de distensão, de fuga das coisas, de direito; doutrina morta ou inoperante, de fato. Justamente o inverso daquilo que espera, para poder expandir-se, a verdadeira mística humana, nascida no Ocidente — aquela para a qual a Unidade adorável se manifesta ao termo não de uma supressão ou atenuação do real, mas de um esforço de convergência universal. Deus, não como negação, mas como prolongamento do Mundo!...

Jamais nos deixemos emocionar pelo enorme sofisma do Oriente. Mas continuemos sem rodeios nosso caminho, para ver se alguma outra Divindade diferente do Nirvana nos espera no caminho do Ocidente.

#### 4. A Possibilidade do Cristianismo

Só, de fato, o Cristianismo ainda permanece em pé, capaz de medir-se com o Mundo intelectual e moral nascido no Ocidente a partir do Renascimento. Não parece possível que homem algum, profundamente tocado pela cultura e pelas evidências modernas, seja sinceramente confucionista, budista ou muçulmano (a menos que leve uma vida interior dúplice, ou então modifique profundamente para seu uso os termos de sua Religião). O mesmo homem, contudo, pode proclamar-se e crer-se ainda absolutamente cristão. A que se deve esta diferença?

Deve-se, pensamos, ao fato de que, entre todas as formas existentes de crenças, só o Cristianismo, a despeito de certas aparências, que seus amigos bem como seus inimigos parecem comprazer-se em acentuar, é uma religião de progresso universal. O Cristianismo, sem dúvida, como o Budismo também, prega o desapego; impele à ascese; povoou, ao menos no seu princípio, os desertos (como agora os cultiva...); produziu os Santos e ditou páginas que fazem pensar na vida e na doutrina dos faquires. Por esses diversos caracteres, imita as religiões orientais, das quais é possível que ele ainda carregue certas influências, ou alguns germes periodicamente renascendo. Mas, ainda mais profunda nele que a admiração pelos Estilitas ou o anti-intelectualismo da Imitação, é a fé na ressurreição da Terra, e a expectativa de uma consumação do Universo «em Cristo Jesus». Ora, a lógica viva desta esperança atinge muito longe — muito mais longe mesmo que a compreensão ou os desejos dos dirigentes oficiais das Igrejas. Nada pode escapar a Cristo, nada «da largura, nem do comprimento, nem da altura» do Mundo. Por isso para o Cristão, bem

como para o Budista, não se trata de fugir às coisas evitando-as: deve ele antes ultrapassá-las explorando-as, medindo-as, conquistando-as, até o fim. Para si mesmo, a fim de gozá-las? De forma alguma. Para delas extrair e reconduzir a Deus toda a essência de beleza e espiritualidade que contêm? — Perfeitamente. — Renúncia, ainda, mas renúncia «de passagem» e de criação, onde o sofrimento é apenas o sinal do esforco: não renúncia de ruptura, de menor contacto, onde se confere perversamente ao sofrimento um valor absoluto. Para o Cristão autêntico, a solução do problema místico é procurada nos próprios antípodas da solução «oriental»: a Unidade divina não se alcança por negação, mas por sublimação do Mundo; ela resplandece no vértice de uma depuração que é uma convergência universal. Mas este, já o vimos, é exatamente o postulado essencial do espírito moderno, ou seja, da Religião implicada na concepção ocidental dos desenvolvimentos da Vida. Nada de admirar, portanto, que o Cristão, suficientemente instruído em sua fé para lhe penetrar o espírito mais abaixo de uma letra por vezes bem espessa, não se sinta de forma alguma desorientado, mas evolua em toda a liberdade, de razão e sentimento, entre as grandes águas do pensamento moderno — como num meio natural.

A Cruz não é uma sombra de morte, mas um sinal de progresso. O Cristianismo não ministra o ópio de uma passividade derrotista, mas a embriaguez lúcida de uma realidade magnífica que deve ser descoberta por um avanço em toda a frente do Universo. A despeito de algumas inabilidades inevitáveis, tornou-nos até agora, e procura ainda tornar-nos, não desumanos, mas super-humanos. Eis por que ainda continua aceitável, como crença, a uma geração que pede não somente que a Religião nos conserve bem comportados e cure nossas feridas — mas nos faça críticos, entusiasmados, pesquisadores e conquistadores.

Mas nada é ainda o fato de o Cristianismo ser aceitável e possível. Além disso, é ele o único possível, como o pretende?... Sem uma perspectiva «convergente» do Mundo, do qual o tipo cristão é um exemplo, o edifício soerguido pela ação humana corre o perigo de soçobrar por falta de um arremate para sua abóbada. Concedamos. Mas quem nos impede, neste caso, de imaginar ou esperar muitos outros

Salvadores, segundo o modelo de Cristo? Quem nos obriga a aderir ao movimento cristão como se *ele somente* fosse verdadeiro?...

Todo o problema religioso do Futuro se concentra nesta última questão.

#### 5. A Religião de Amanhã

Admitir plenamente que o Cristianismo é não apenas satisfatório, mas verdadeiro, é julgar não só que ele orienta nossa atividade livre num sentido biologicamente favorável, mas ainda que é justificada sua pretensão de nos colocar em relação (antecipada ou esboçada) com o próprio Centro do Mundo, não de forma simbólica, mas transexperimental.

Para estabelecer este privilégio, os apologistas clássicos se valeram principalmente dos milagres, cuja aparição seria, segundo eles, o «reagente» próprio da «verdadeira»

Religião.

Sem negar, bem ao contrário, a possibilidade ou mesmo a verossimilhança na proximidade da verdadeira Religião, de um abrandamento inesperado dos determinismos, devido a uma super-animação da Natureza sob a influência de uma irradiação divina, devemos antes reconhecer que a consideração do milagre deixou de influir eficazmente sobre nossos espíritos. Sua constatação levanta tamanhas dificuldades históricas ou físicas, que provavelmente hoje muitos cristãos continuam crendo não por causa mas apesar dos milagres narrados na Escritura. 1

Tem maior influxo sobre nossas inteligências a consideração da extraordinária conveniência que consegue manter-se, no decurso dos tempos, entre o Deus cristão e os mais delicados movimentos de nosso ideal humano. Constitui uma prova reconhecida, em Ciência, da «realidade» de um objeto, mesmo diretamente inapreensível (por exemplo, de uma massa atômica), o fato de poder ser ele revelado, sempre o mesmo, por uma série de métodos diferentes.

¹ Conforme Santo Tomás a verdade só pode ser recebida (e portanto transmitida) segundo a capacidade daquele que a recebe: "Nihil recipitur in aliquo nisi secundum proportionem recipientis" (I Sent. 8, 5, 3c). A autoridade teológica confirma, neste ponto, a razão: é bem claro, com efeito, que os milagres evangélicos só puderam ser relastados segundo os rudimentares conhecimentos daquela época. Daí a dificuldade que constitui para o pensamento contemporâneo o relato de alguns desses milagres (N.E.).

Esta plena conveniência de uma coisa idêntica a um grupo diverso de experiências circunscreve com tanta segurança um «núcleo natural» quanto o ato ou a vista. — Assim acontece — ao que parece — em relação a Cristo. Milhões de existências (e entre as melhores) se escoaram, a partir de dois mil anos, e ainda continuam experimentando, sobre este Objeto misterioso, as mais sutis e mais penetrantes verificações da experiência psicológica. A este Cristo um sem-número de inteligências e corações pediram que lhes satisfizesse as aspirações mais exigentes e mais requintadas. E ele jamais falhou em ponto algum. E sempre, pelo contrário, desta prova (tal provavelmente como nenhuma outra realidade no mundo jamais experimentou semelhante) saiu mais capaz de provocar em torno de si um esforco mais admiravelmente sintético de todas as nossas faculdades: Objeto extraordinário, deveras, que se pode apreender como um elemento experimental, perseguir como um ideal, amar como uma pessoa, adorar como um Mundo. Esta capacidade indefinida de conveniência com toda a ordem física e psicológica de nosso Universo encontra apenas uma explicação: o Cristo que se vai gradualmente revelando ao pensamento cristão não é uma fantasia nem um símbolo (de outra forma se esgotaria ou falharia em algum ponto); mas é, ou pelo menos introduz, a realidade daquilo que, por toda a estrutura da atividade humana, estamos esperando.2

A mesma conclusão pode ser atingida percorrendo outro caminho, que tem a vantagem de nos fazer passar por aquelas analogias gerais do Universo, cuja harmonia de conjunto possui quase sempre muito mais força para nos convencer do que o rigor local de um silogismo. — O fato religioso, já o dissemos acima, é um fenômeno biológico, diretamente ligado à liberação crescente da energia psíquica terrestre. Sua curva não é, portanto, nem individual nem nacional nem racial, mas humana. A Religião, tal como a Ciência ou a Civilização, se assim podemos falar, tem uma «ontogênese» coextensiva à História da Humanidade. A verdadeira religião (por esta palavra queremos significar a forma religiosa a que chegará um dia o tatear geral

da Ação refletida terrestre) participa, portanto, como qualquer outra realidade de ordem «planetária», da natureza de um «phylum». Seus princípios podem ser seguidos, remontando até à origem dos tempos. — Isto significa que num momento qualquer da duração humana (sobretudo uma vez ultrapassado o período embrionário) teve uma corrente privilegiada de pensamento religioso — e tem ainda — de representar a fibra viva que leva (num estado mais ou menos distinto) a Fé na qual se expandirá definitivamente o Futuro. Nem todas as correntes religiosas, a cada momento, são portanto equivalentes — assim como no passado animal nem todos os phyla estavam destinados a emergir na Humanidade. Mas um deles (ou ao menos um grupo dentre eles) representa, em cada página da Terra, a região onde é mister colocar-se para promover e suportar mais eficazmente os progressos da divinização do Mundo. Nem somos livres para alterar esta condição, como também não gozamos de liberdade para mudar arbitrariamente os eixos de um cristal ou de um corpo vivo. — Apliquemos este ponto ao nosso Mundo presente. Uma só corrente religiosa, dizíamos acima, acha-se atualmente em condições de corresponder às exigências e às aspirações do pensamento moderno; uma só Religião, hoje, é ao mesmo tempo possível e filética: o Cristianismo. Não há dúvida possível. É aí que passa a fibra procurada, pois deve existir uma. Se o Cristianismo é hoje o único possível, de fato, é porque é também o único existente, de direito. O Divino, que a Humanidade não poderia deixar de lado sem novamente cair no pó, só poderá ser encontrado por nós aderindo intimamente ao movimento do qual se destaca progressivamente o Cristo.

Como, em face disto, podemos entrever os próximos desenvolvimentos da Fé terrestre?

Sob a forma, sem dúvida, de uma lenta concentração da potência de adoração humana em torno de um Cristianismo que chegou gradualmente ao estado de Religião para a Pesquisa e para o Esforço. O primeiro grande acontecimento que terá de acontecer (um acontecimento já em curso, certamente) será o cisma entre os que crêem e os que não crêem no Futuro do Mundo: estes naturalmente perdidos para todo Credo (para eles sem função nem objeto) e para toda conquista (para eles sem interesse nem valor);

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup>Compare com a Epistola aos Hebreus, cap. 11, v. 1: "A fé é a garantia dos bens que se esperam"; na Vulgata: "Est autem fides sperandarum substantia rerum" (N.E.).

aqueles biologicamente impelidos a aderir ao único organismo religioso no qual a Fé no Mundo se apresenta com os dois caracteres de coerência indefinida com os fatos e de coextensão à Duração que assinalam as coisas reais. O Mundo deve converter-se em sua massa, ou então perecerá por necessidade fisiológica. E, caso se converta, fá-lo-á por convergência em torno de uma Religião da Ação que se irá revelando gradualmente idêntica e sujeita ao Cristianismo fielmente prolongado até às suas últimas consequências.

Donde finalmente se conclui: o Cristianismo, no Mundo, não representa somente, como parece às vezes, a face religiosa de uma civilização transitória que eclodiu no Ocidente. É antes, como o próprio Ocidentalismo (cuja mística ele exprime e cujas esperanças justifica), um fenômeno de uma nova ordem vital.\*

s commence o as analysiques do preparamento a

ob a trees, som divide, de una lente concentrado

taken puts to an international security

A Incredulidade Moderna Causa Profunda e Remédio

La Vie Intellectuelle dá-me a honra de interrogarme, em sua enquête sobre as razões atuais da incredulidade. De bom grado responderei, sobretudo tendo em conta que há vinte anos me acho em relação e em simpatia com círculos não-crentes, por isso basta-me ler em minhas recordações para tentar resolver o problema colocado. Não citarei nomes nem livro algum. Mas creio que se pode dar crédito à objetividade de meu testemunho.

Este testemunho será breve.

Segundo penso, a fonte primeira da incredulidade moderna (tão generalizada que, em muitos setores intelectuais, os crentes são exceção!) deve ser procurada no cisma ilegítimo que gradualmente, a partir do Renascimento, separou o Cristianismo daquilo que se poderia denominar a corrente religiosa natural da Humanidade. O Mundo atual, na medida em que o compreendo, não é radicalmente nãocrente ou a-religioso. Mas o seu poder natural de adoração acha-se atualmente tendendo para um Objeto, o Universo, que lhe parece em oposição ao Deus cristão. Daí o mal—e também seu remédio.

Explico-me.

#### 1. O Mal

A partir do Renascimento, confusamente, mas de maneira bem distinta a partir dos últimos cento e cinquenta anos, começou a operar-se uma grande transformação (po-

<sup>•</sup> Pequim, maio de 1983.

deríamos dizer: revolução) nas zonas mais profundas do espírito humano. Por todas as vias da experiência e do pensamento, tomamos consciência da grandeza unitária do Cosmo e da significação orgânica do Tempo. Num século e meio, as leis do nascimento e desenvolvimento que conhecíamos para alguns seres e em certos domínios limitados se foram generalizando até alcançar as próprias dimensões do Universo. Existem agora, diante dos nossos olhos, um Passado e um Futuro, isto é, um crescimento do Mundo. Em torno de nós e em nós o Universo se manifesta, não somente como uma ampla associação estática de objetos simplesmente dados, mas como um Todo específico, dotado de uma potência de desenvolvimento organizado.

Do ponto de vista científico e filosófico, essa mudança de perspectiva apresenta consequências de importância evidente. Será que já observamos suficientemente que deveria repercutir, e repercutir de fato, até nas profundezas religiosas da alma? Revestindo uma espécie de unidade natural através da duração, o Mundo não adquire somente uma dimensão a mais em face da pesquisa individual. Define-se, ainda, em face do indivíduo humano, como objeto de valor e dignidade superiores, ao qual é recomendável submeter-se e dedicar-se. Faz ressoar em nós, com os inegáveis atrativos de uma imensidão próxima e tangível, as

cordas, sempre prontas a vibrar, da adoração:

Procuremos seriamente observar os fatos sem nos deixar distrair pela aparência polimorfa e pela expressão muitas vezes pueril da nova Fé. A Humanidade, em poucas
gerações, literalmente converteu-se, espontaneamente, a uma
espécie de Religião do Mundo, confusa em seus dogmas, mas
perfeitamente clara em suas orientações morais, a saber:
a incontestável predominância do Todo sobre o indivíduo;
uma fé entusiástica no valor e nas possibilidades do esforço humano; uma percepção agudíssima do caráter sagrado
da pesquisa em todas as linhas. Em face da descoberta científica da unidade natural e da imensidão do Mundo, o Homem moderno só pode reconhecer a Deus no prolongamento (poderíamos dizer: sob as espécies?) de um progresso
ou maturação universal.

Ora, como se apresenta, a seus olhos, o Deus cristão?

Para aqueles que não o conhecem muito bem, o Cristianismo dá certamente a impressão de ter escapado, e mes-

mo opor-se, à «revolução» psicológica que acabamos de analisar. Não se decide a aceitar francamente, em sua generalidade e no seu espírito, as perspectivas (universalmente admitidas fora dele) do desenvolvimento cósmico. Parece ele comprazer-se em minimizar as esperanças humanas, e em apontar as fraquezas de nossa sociedade. Despreza ou teme o progresso e a descoberta. Não traz, em suma, consagração alguma nem incremento algum às aspirações mais sublimes e mais intensamente sentidas pelo Homem de nossos dias. Eis as aparências — enganadoras aparências, sabemo-lo, nós que estamos dentro; mas aparências terrivelmente decepcionantes para os que nos observam de fora.

Procurando um nome para conferir ao Deus desconhecido que pressentem, os Gentios nos observam. E, então, apartam-se de um Evangelho que não parece responder nem a suas perspectivas do Mundo, nem a suas perguntas, nem a suas expectativas. A resistência atualmente encontrada pela Igreja a seu estabelecimento não se deve, como às vezes se diz, ao fato de seus dogmas serem por demais elevados e sua moral demasiado difícil. Deve-se ao fato de que os Homens não reconhecem mais em nós o seu ideal religioso e moral, e assim se afastam, à espera de algo melhor.

#### 2. O Remédio

Se está certa a análise precedente — isto é, se a incredulidade moderna se deve sobretudo a uma espécie de ocultação do «Deus-revelado» pelo «Deus-Mundo» — surge imediatamente o meio direto para corrigir o mal que nos aflige. Para nós trata-se de estabelecer que, longe de eclipsar o Deus cristão, o Universo, assim como se manifesta a nossas investigações atuais, espera apenas ser transfigurado e coroado por Ele. Queremos que os Homens retornem a Deus, levados pela própria corrente que parece afastá-los d'Ele? Abramos, nós mesmos, amplamente nosso espírito e nosso coração às novas concepções e aspirações — para delas nos apoderarmos e para depois cristianizá-las.

Para delas nos apoderarmos, primeiramente. Façamos aqui nosso exame de consciência. Será que não nos conservamos, nós outros cristãos, deveras demasiado estranhos ao espírito da Humanidade que devemos salvar? A despeito

das censuras da Igreja, não se infiltrou um baianismo prático em nossa maneira de apreciar os efeitos, sobre o Mundo, da Queda original? — Será que não deixamos (estou
citando) «hipertrofiar-se, em nossa religião, as noções de
pecado e de salvação individual?» — Será que não irradiamos, na maioria dos casos, em vez da luz a sombra da
Cruz?...

Nem tudo é certamente mau no sopro de otimismo conquistador que sacode a massa humana. Por que nos defender contra ele? Não é o Evangelho um fermento que se deve colocar no próprio coração do Mundo? Non veni

solvere, sed adimplere.

Consumar quer dizer cristianizar. Para efetuar transformação, não poderia bastar, assim o cremos, uma crítica puramente intelectual ou negativa, eliminando os falsos materialismos e os falsos panteísmos. Nossa missão é (induere) em sua plenitude natural a alma religiosa do Mundo presente e vivê-la, plena e sinceramente, no plano cristão. As aspirações religiosas do Humanitarismo moderno são tristemente vagas e sem coroamento. Cabe-nos mostrar, verbo et exemplo, que só a Realidade concreta de Cristo é capaz de fortalecê-las, centrá-las e salvá-las. Quando, em virtude mesmo de seu Cristianismo, pela atividade construtora de sua caridade, pela riqueza operante de sua renúncia, pela ousadia confiante de suas concepções sobrenaturais, os cristãos forem os primeiros Homens a espiritualizar os valores terrestres e a avançar rumo ao Futuro — então a melhor, ou seja, a mais perigosa parte da incredulidade moderna, será desarmada até em sua alma.

Uma só proposição é capaz de resumir todo o essencial de nossa resposta à pergunta apresentada por La Vie

Intellectuelle:

O Mundo se está convertendo espontaneamente a uma espécie de Religião natural do Universo que o aparta indevidamente do Deus do Evangelho: nisto consiste sua «incredulidade». Convertamos, a um grau superior, esta própria conversão, mostrando, por toda a nossa vida, que somente Cristo, in quo omnia constant, pode animar e orientar a marcha, há pouco entrevista, do Universo: e, do próprio prolongamento daquilo que provoca a incredulidade atual, sairá talvez a fé de amanhã.\*

# Algumas Reflexões sobre o relacionada and a Conversão do Mundo do relacionado algumas de electros de e

1. Como se coloca hoje o problema da conversão do mundo.

O Mundo nascente

O Cristianismo se defronta, no momento atual, com um caso absolutamente novo. Nas origens, tratava-se para ele de conquistar e transformar um Mundo agonizante. Mais tarde coube-lhe a missão, relativamente fácil, de organizar o Mundo da civilização européia, que dele nascera. Neste momento (e a partir do Renascimento, em suma) se manifesta um novo impulso humano, surgido no seio, mas não sob o signo da Igreja. Após o Mundo greco-romano e o mundo medieval, aparece um terceiro Mundo, o Mundo moderno, que se desenvolve à margem do Cristianismo, e com um potencial humano mais forte que este último: não é, com efeito, do «espírito moderno» que derivam todos os élans e todas as iniciativas recentes da Terra?

Não se fala aqui de heresias, nem de cismas, nem mesmo de paganismo. Os pagãos, no sentido tradicional do termo, eram ou são «rediduais». Diante de nós existe agora uma corrente humana nascente.

Situação nova e que exige um novo método de abordagem e de conversão nova.

Resposta a uma enquête. Cf. La Vie Intellectuelle, 25 de outubro de 1933.

¹ Como este relatório fora solicitado por um membro da delegação apostólica na China, que desejava comunicá-lo a uma personalidade romana, o original dizia: "Para uso de um Príncipe da Igreja".

# 2. Caráter aparentemente anticristão do Mundo nascente: o Conflito das duas Religiões

Para compreender completamente o problema e determinar sua solução, convém analisar mais longamente o espírito do Mundo nascente (considerado, é claro, em sua parte viva e progressiva, a única que poderia rivalizar com a Igreja).

Teoricamente, este Mundo poderia ter-se formado e crescido crente. Qual o motivo de sua emancipação? Por que a criança procura agora escapar à própria mãe e separar-se dela?

Vejo a razão deste antagonismo entre Cristianismo e Modernismo nas duas descobertas essenciais de onde saiu e das quais permanece impregnado o espírito moderno:

- a) Descoberta, em primeiro lugar, da imensidão ligada do Espaço, introduzindo em nossa mundividência habitual uma nota de *Universalismo*;
- b) Descoberta, em segundo lugar, da imensidão ligada (e progressiva) da *Duração*, introduzindo por sua vez em nossas perspectivas habituais a nota de possível Progresso ilimitado (Futurismo).

Universalismo e Futurismo, combinando-se na percepção de um Universo em crescimento global (Evolução). Em si, esses dois caracteres constituem por sua aparição um grande acontecimento psicológico, pois equivalem à aquisição de duas novas dimensões por nossa experiência. Mais ainda. Por natureza, definem uma religião, pois o «religio-so» aparece (por definição) uma vez que o Mundo é considerado na sua totalidade e na sua consumação futura («fé»).

Ora, esta religião nascente (eis o ponto capital) não parece, à primeira vista, harmonizar-se com o Cristianismo. Não que também este não seja, essencialmente, «universalista e futurista». Mas é que esses dois termos são compreendidos, por um e por outra, em sentidos aparentemente diferentes. Por natureza, o universalismo e o futurismo do Mundo moderno são de tendência panteísta, imanentista, organicista, evolutiva... ao passo que os do Cristianismo

são sobretudo expressos em termos de personalidade, transcendência, relações jurídicas e fixismo.

Daí o conflito atual em sua essência. Em torno de nós, a verdadeira luta não se trava entre crentes e não-crentes — mas entre dois tipos de crentes. Defrontam-se dois ideais, duas concepções do Divino. Os melhores (e portanto os mais perigosos) anti-cristãos não se afastam do Cristianismo por ser este demasiadamente difícil — mas por não lhes parecer suficientemente belo. Se não admitem Cristo, é por não reconhecerem n'Ele os traços daquilo que adoram e esperam. Está se formando uma Religião da Terra contra a Religião do Céu. Eis a situação de fundo — na sua gravidade mas também nas suas esperanças.

#### 3. Método geral para resolver o conflito: Não a condenação mas o Batismo

Em face deste conflito entre a fé cristã e a fé moderna, que devemos fazer para salvar o Mundo?

a) Uma primeira solução consistiria em rejeitar, condenar e suprimir (se possível) a nova religião como uma proliferação diabólica. Tal método já foi experimentado, de fato, mas com resultados que só podiam ser positivamente maus. Não só é uma tentativa impossível deter o movimento moderno (pois este movimento se acha ligado ao próprio desenvolvimento da consciência humana) — mas esse gesto teria em si mesmo algo de injusto e anti-cristão: por mais condenáveis que sejam inúmeras formas assumidas pela «fé no Mundo», precedem de um inegável esforço de fidelidade à vida (isto é, à ação criadora de Deus) que se deve respeitar. De fato, o movimento que é nada menos que uma transformação em curso na anima naturaliter religiosa de todo o gênero humano já penetrou, como era inevitável, no próprio Cristianismo. Os Cristãos, em consequência de uma transformação inerente à massa humana de que fazem parte, já não podem mais adorar exatamente como se fazia outrora (antes da aparição do Espaço e do Tempo). Daí esta insatisfação secreta de tantos fiéis com um Cristianismo que lhes manda suspeitar das concepções e esperanças que não podem deixar de compartilhar. Daí também suas inquietudes numa fé que se julga ameaçada por todas as renovações e pelas ampliações de perspectivas que o Homem vai adquirindo do Universo. Muitos Cristãos começam a sentir que a imagem que se lhes apresenta de Deus já não é digna do Universo que conhecemos.

b) Sendo assim, apresenta-se outra solução ao espírito como mais satisfatória e mais eficaz que a «condenação». Seria a seguinte: descobrir e mostrar que, na sua essência, a moderna «Religião da Terra» não é outra coisa senão um élan para o Céu que se desconhece — de sorte que as energias que parecem tão ameaçadoras à Igreja são, pelo contrário, um novo afluxo que pode reavivar o velho fundo cristão. Não condenar — mas batizar e assimilar. Claro que o Mundo nascente (o único que interessa) seria virtualmente convertido de uma só vez caso se reconhecesse que a nova divindade que ele adora é precisamente o Deus cristão mais profundamente compreendido. Será possível esta conjunção dos dois astros divinos? Sim — creio eu — e eis as etapas pelas quais ela se poderia efetuar.

#### 4. Uma Síntese do Novo e do Velho:

#### o Cristo Universal

Se queremos atingir e examinar em suas profundezas a corrente religiosa moderna, parecem-me necessários três passos, ligados entre si:

a) Um primeiro passo consistiria em desenvolver (na linha da «Philosophia perennis»: primado do Ser, Ato e Potência) uma Física e Metafísica corretas da Evolução. Tenho plena convicção de que a interpretação leal das novas conquistas da Ciência e do Pensamento conduz legitimamente não a um evolucionismo materialista mas a um Evolucionismo espiritualista. O Mundo que conhecemos não se desenvolve ao acaso, mas é estruturalmente dominado por um Centro Pessoal de convergência universal.

- b) O segundo passo, agora dogmático, consistiria então em explicitar uma Cristologia proporcionada às dimensões atualmente reconhecidas do Universo: isto é, em reconhecer que Cristo, além de seus atributos estritamente humanos e divinos (sobretudo considerados até aqui pelos teólogos), possui, em virtude do mecanismo da Encarnação, atributos «universais» ou «cósmicos» que o constituem precisamente o Centro pessoal entrevisto e exigido pela Física e pela Metafísica da Evolução. Tais perspectivas se acham em surpreendente harmonia com os textos mais fundamentais de São João e São Paulo, e com a teologia dos Padres gregos.
- c) Um terceiro passo, místico e moral, efetuar-se-ia então automaticamente, e consistiria em desenvolver um Evangelismo de conquista humana. É impossível, com efeito, que o Cristo se manifeste mais explicitamente como o ápice da evolução universal sem que os cristãos descubram mais claramente o valor sobrenatural do Esforço humano in Christo Iesu. Podia parecer outrora que o caminho mais direto para o Céu era aquele que abandonava o mais rápido possível a Terra. Eis que o Cristo Universal nos leva a compreender que o Céu só pode ser atingido através da consumação da Terra e do Mundo (que se tornaram muito maiores e inacabados do que imaginávamos): e, ao mesmo tempo, as atitudes fundamentais cristãs, sem desviar-se, ficam enriquecidas e se «dinamizam».

A Cruz não é apenas o símbolo da expiação, mas também o sinal do crescimento através da dor.

O desapego não consiste exatamente em desprezar e rejeitar, mas em atravessar e sublimar.

A resignação é apenas a forma derradeira da luta contra o Mal — a transformação em Deus das derrotas inevitáveis.

A Caridade não nos pede somente que pensemos as feridas: incita-nos a construir, a partir desta terra, um Mundo melhor, e a nos lançarmos, na linha de frente, em todo combate por um incremento da Humanidade. «Plus et ego...»

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> Noutras palavras, privação não significa mais sinônimo de perfeição.

E a salvação pessoal é interessante, não precisamente por que nos deve beatificar, mas porque nos faz salvar em nós mesmos o Mundo.

Assim, sobre o tríplice domínio do Pensamento filosófico, do Dogma e da Moral, desenvolver-se-ia um Cristianismo rejuvenescido pela manifestação do Cristo Universal. Ora, claro é que:

- 1) Tal religião se encontra exatamente na linha daquilo que o Mundo moderno espera como seu Deus e considera sua forma específica de adoração: Um Deus que justifica, coroa e recebe como suprema homenagem o trabalho, sempre em curso («adhuc parturit»), da consumação humana, mesmo terrestre.
- 2) E, no entanto, essa mesma religião não representa de forma alguma um compromisso entre o Cristianismo e o Mundo moderno. Ao se universalizar, Cristo não se perde (como acontecia nas formas condenadas de modernismo) no meio do Universo: mas domina-o e assimila-o, impondo-lhe os três caracteres essenciais de sua verdade tradicional: natureza pessoal do Divino; manifestação desta Personalidade suprema no Cristo da história; natureza supraterrestre do Mundo consumado em Deus. O Cristo «universalizado» capta, corrigindo-as e completando-as, as energias inegavelmente dissimuladas nos panteísmos modernos. Cresce permanecendo idêntico ao que era ou, melhor dizendo, para permanecer aquilo que era.

E, com efeito, quanto mais se reflete sobre este ponto, tanto melhor se percebe que «universalizar» o Cristo é a única maneira que temos de conservar-lhe os atributos essenciais (alfa e ômega) numa Criação prodigiosamente ampliada. O Cristianismo, para conservar seu posto à frente da Humanidade, deve explicitar-se numa espécie de «pan-Cristismo», e este não é de fato mais que a noção (levada às últimas conseqüências) de Corpo Místico, e a extensão ao Universo dos atributos já reconhecidos (sobretudo socialmente) ao Cristo-Rei.

#### 5. É possível uma nova Era para o Cristianismo: Liberação interna e Expansão

Explicitando os esplendores do Cristo-Universal, o Cristianismo, sem deixar de ser para a Terra a água que purifica e o bálsamo que suaviza, adquire uma nova virtude. Pelo simples fato de apresentar uma Meta ao mesmo tempo imensa, concreta e segura às aspirações da Terra, salva-a da desordem, das incertezas e do desgosto que são os mais terríveis perigos do futuro. Torna-se a chama do Esforço humano. Noutras palavras, revela-se como a forma de Fé mais adequada às necessidades modernas: uma religião para o Progresso, a própria Religião do progresso da Terra: ousaria dizer até, a própria religião da Evolução.

Tenho a firme certeza de que uma Epifania desse tipo seria o sinal, para o Cristianismo, de um vasto movimento de liberação interior e expansão.

- a) Liberação interior. Dizíamos acima: muitos cristãos se sentem sufocados e humilhados numa Fé que parece muitas vezes esmerar-se em desacreditar e arrefecer seus entusiasmos de renovação terrestre. Que expansão na Igreja se, em nome desta mesma fé (agora como um aguilhão, não simplesmente como freio), se sentissem lançados, para o domínio universal de Cristo, à conquista total do Mundo!
- b) E que revelação, igualmente, da potência cristã fora da Igreja! É fora de dúvida que o Cristianismo não progride mais na velocidade desejável. Embora nunca tenha sido tão plenamente organizado o esforço de propagação da fé, podemos perguntar se, no conjunto, por sua elite e por suas forças vivas, o Mundo neste momento se está aproximando ou se afastando mais de Cristo.

Segundo penso, esta situação se deve a uma causa bem definida: «O Cristianismo, sob a forma como o pregamos, não é suficientemente contagiante». Não nos compreendem. Quantas vezes ouvi incrédulos que me diziam, com toda a sinceridade: «Se eu me tornasse cristão, teria a impressão de me diminuir». Ou ainda: «Temos tamanha necessidade de outra revelação!» O Cristo que se oferece não apenas como a salvação da alma «sobrenatural», mas de

toda a construção física que condiciona as almas; o Cristo que se apresenta não perdido entre as nuvens, mas transbordante das energias do Mundo no qual imergiu («Christus amictus mundo»); o Cristo não condenador mas Salvador do Mundo moderno e de suas esperanças no futuro: este Cristo atrairia imediatamente a si toda a parte viva da Humanidade. Seu amor se propagaria da única maneira que convém à verdadeira religião: como fogo.

Para converter o Mundo é mister que nós, cristãos, multipliquemos nossos missionários. Mas devemos, antes de mais nada, repensar, com toda a nossa humanidade, nossa Religião.

#### 6. Um passo decisivo a dar: o Otimismo cristão

Disse-o agora há pouco: «Com toda a nossa humanidade». E de propósito, a fim de acentuar que, no momento presente, parece-me essencial orientar para o Cristianismo as forças hesitantes que vão nascendo em torno de nós: oxalá o Cristianismo aceite, afinal, sem reticências, as novas dimensões (espaciais, temporais, psicológicas) do Mundo que nos cerca!

Não desconheço, sem dúvida, os gestos multiplicados, nestes últimos tempos, pela Igreja para reconciliar-se com o Mundo moderno. Mas reconciliação não significa aceitação. Atrás das concessões particulares feitas pelo Cristianismo receia-se (falo agui sobretudo dos Gentios) perceber sempre a mesma oposição, ou ao menos a mesma desconfiança, fundamental: como se a Igreja não desejasse comprometer-se como se, a nível mais profundo que os estímulos de pormenores, se dissimulasse a mesma ressalva: «No fundo, não existe nada e jamais haverá coisa alguma de novo debaixo do sol. Nada poderia mudar a face da Terra. A Terra não se acha de resto oprimida e desfigurada pela Queda original?» Sempre se pensa em «mundus senescens»; em «mundus frigescens»; mas nunca em «mundus nascens»... Em suma, embora aceitando verbalmente alguns resultados e algumas perspectivas do Pro-

Mundo que envelhece (N.E.).
Mundo que se esfria (N.E.).

gresso, a Igreja parece que «não crê nele». Por vezes ela abençoa. Mas não põe aí seu coração.

Ora, as consequências de tal ceticismo (ou mesmo deste pessimismo) humano são de molde a paralisar inteiramente o movimento de conversão do Mundo.

De um lado, os incrédulos de fora continuam nos considerando insinceros. Evitam-nos ou nos odeiam, pois não sofremos, nem trabalhamos, nem esperamos com eles.

Por outro lado, os fiéis de dentro continuam sentindose pouco à vontade, debatendo-se entre sua fé e suas evidências ou aspirações naturais. E, por conseguinte, achamse enfraquecidos para assimilar as forças humanas que os rodeiam.

Só é possível converter aquilo que se ama: se o Cristão não se acha em plena simpatia com o mundo nascente; se não experimenta em si mesmo as aspirações e ansiedades do mundo moderno, se não deixa crescer no seu ser o sentimento humano — jamais realizará a síntese libertadora entre a Terra e o Céu de onde pode surgir a parusia do Cristo Universal. Mas continuará se aterrorizando e condenando quase indistintamente toda novidade, sem discernir, entre as deficiências e os males, os esforços sagrados de um nascimento.

Imergir, para emergir e soerguer. Participar para sublimar. Eis a própria lei da Encarnação. Um dia, já lá vão mil anos, os Papas se despediram do Mundo romano e resolveram «dirigir-se aos Bárbaros». Não se espera um gesto semelhante, e ainda mais profundo, para nossos dias?

Creio que o Mundo não se converterá às esperanças celestes do Cristianismo, a não ser que o próprio Cristianismo, previamente, se converta (para divinizá-las) às esperanças da Terra.\*

uidade acaba de entrar naquele que é provevelmente o maior perfodo de transformação que jamais experimentou desde o seu nascimento. A sede dounal que nos aflige deve ser lucalizada nas crópaias raíxes do l'ensanciale terrestre. Les concreto else os estratura gural da Espírito. Esta

agul describ es colonid contes a da data do cerritor de contes a

disciplar la cons cutra espécie de vida.

<sup>&</sup>lt;sup>5</sup> Mundo nascente, em processo de nascimento (N.E.).

<sup>\*</sup> Pequim, 9 de outubro de 1986.

# Salvemos a Humanidade Reflexões sobre a Crise Atual

Longe de Aplacar-se, a crise fomentada pela Grande Guerra se vai estendendo e ganhando profundidade, embora comecemos a tomar consciência de sua verdadeira natureza. Simples conflito de interesses materiais no princípio, agora se traduz por movimentos de fundo na massa humana. Hoje três, ou mais exatamente quatro correntes se defrontam e nos sacodem. No centro, o já velho Democratismo que parecia, há menos de cinquenta anos, ter conquistado definitivamente o Mundo. A esquerda e à direita, em pleno crescimento, o jovem Comunismo e o jovem Fascismo. Acima finalmente (assim pensava ele ao menos), mas totalmente surpreendido com os redemoinhos que a luta provocava até na sua alma, o Cristianismo.

A partir de uns vinte anos tentávamos conservar a esperança segundo a qual nossas perturbações eram simplesmente as últimas manifestações de um furacão que já passara. Breve tudo voltaria à calma, e a vida felizmente recomeçaria como antes, pensávamos.

É mister agora render-nos à evidência de que a Humanidade acaba de entrar naquele que é provavelmente o maior período de transformação que jamais experimentou desde o seu nascimento. A sede do mal que nos aflige deve ser localizada nas próprias raízes do Pensamento terrestre. Está ocorrendo algo na estrutura geral do Espírito. Está principiando uma outra espécie de vida. As páginas seguintes contêm, reconheço-o, uma profissão de fé. Mas pretendem ser, antes de tudo, a expressão de uma visão objetiva dos acontecimentos em curso. Escrevi-as sem a mínima pretensão de impor minhas perspectivas aos outros, mas simplesmente, como fazem todos em Ciências, para dar à pesquisa comum uma contribuição individual.

Espero ser lido neste espírito. espainte acumino and

## 1. O em que se deve Crer: o Futuro Humano

Na base de todas as reações despertadas no fundo de nós mesmos pelos acontecimentos presentes é mister colocar uma fé robusta no futuro da Humanidade; e, se já existe tal fé, é mister consolidá-la.

Tal cuidado é ainda mais urgente quando, sob a ação da onda que nos sacode, vemos refluir, por todos os lados, o lodo sempre latente dos pessimismos e dos desencantos. Comoção bem natural, para alguns, em face das desordens que derrubam sua noção de uma sociedade burguesmente policiada. Secreta desforra, para outros, contra progressos que ameaçam provar que o futuro poderia ser maior que o passado. Estranho ideal de virtude, para outros ainda, para quem o homem «forte» é aquele que sabe destruir em torno de si o máximo de ilusões, noutras palavras: espe-

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> A situação aqui descrita é, evidentemente, a da data do escrito: novembro de 1986 (N.E.).

ranças. Necessidade talvez igualmente, para certos espíritos, de moldar uma originalidade fácil negando aquilo que outros haviam laboriosamente construído. Quanta coisa agora temos de ouvir ou ler, sobre a decrepitude das civilizações, ou mesmo sobre o próximo fim do Mundo!...

Esse derrotismo (de caráter, de virtude ou de ostentação) parece-me a tentação fundamental da hora presente. De bom grado se há de admitir que é mórbido e inoperante. Será possível provar que é também falso? Isto é, podemos distinguir a nosso redor motivos, não instintivos e sentimentais, mas racionais e objetivos, para crer que devemos, hoje mais que nunca, esperar? — Penso que sim. E eis o que eu gostaria de fazer entender, inicialmente.

Um primeiro motivo que nos deve levar a diagnosticar que a crise atual não representa uma enfermidade mortal me parece a forma ou nova estrutura assumida pela Humanidade durante o curto período do século passado. Há somente três ou quatro gerações o mundo se dividia ainda em blocos étnicos isolados, cujos potenciais eram tão completamente diferentes que a todo instante uma destruição mútua de uns pelos outros poderia parecer uma temível eventualidade. Hoje, por cima das diversidades residuais das culturas antigas, encontra-se estendido o feixe de uma psicologia comum. No espaço de alguns anos, a chamada civilização moderna se estendeu de repente como um véu sobre toda a superfície da Terra habitada. Em todos os países do mundo os homens sabem hoje essencialmente as mesmas coisas e pensam essencialmente segundo os mesmos cânones. Não haverá, nessa igualização dos seres humanos num plano superior, uma garantia definitiva de estabilidade? De muito bom grado o admitiria. Outrora, os tesouros da Humanidade se achavam localizados numa Biblioteca ou num Império. Bastava um incêndio, ou uma derrota, para aniquilá-los. Ei-los agora espalhados por toda a extensão da Terra. Que cataclismo, exceto a própria destruição de nosso planeta, poderia ameaçá-los? Em suma, generalizando-se até à totalidade dos povos, a civilização me parece ter transposto um ponto crítico da qual emerge invulnerável aos ataques que puderam derrubar o Egito. Roma e Atenas: tal como um poderoso transatlântico, atravessando incólume os mares onde socobravam as galeras...

O que é simplesmente nacional pode desaparecer; o que é humano jamais poderia sucumbir.

Mas isto é ainda apenas a metade negativa daquilo que se deveria estabelecer. No fundo, aquilo que contestam os pessimistas ou os que se dizem realistas da hora presente não é tanto o valor ou mesmo a estabilidade dos resultados conquistados, quanto a possibilidade de um novo avanço. Devemos dar um passo a mais, se deles nos queremos desembaraçar. O terreno que conquistamos, já não corremos o risco de perdê-lo. Pois bem. Mas haverá adiante a possibilidade de uma mais alta ascensão, de maior vitória? Não poderíamos encontrar uma razão a mais que nos garanta, a despeito de todas as aparências contrárias, não somente que o passado foi definitivamente conquistado, mas ainda que o futuro nos pertence?

Creio sinceramente que existe semelhante motivo para esperar. E creio encontrá-lo numa perspectiva que (embora ainda insuficientemente explicitada por seus próprios autores) é a meu ver a maior descoberta da ciência moderna: refiro-me à existência de um desenvolvimento cósmico do Espírito.

No curso do último século, dizia ainda há pouco, o Homem sentiu que circundava a Terra. Esta nova impressão ainda é bem pouco se comparada com a consciência nele simultaneamente despertada, de que preenchia a própria Duração.

Em primeiro lugar, sob a crescente influência da História, manifestou-se a nós o Passado: não os poucos milênios que formavam o horizonte de um Pascal, de um Bossuet ou de um Newton — mas o abismo sem fundo onde mergulham agora a nossos olhos, a perder de vista no passado, as séries da Física, da Astronomia e da Biologia. Na superfície deste oceano insondável o Homem pôde, por algum tempo, imaginar que flutuava, como criatura independente e nova. Mas depois, graças à melhor acomodação de seu olhar, começou a reconhecer que essas profundezas estavam na realidade todas cheias dele mesmo. Para quem sabe ler hoje o diagrama dos fatos registrados pela Ciência, a Humanidade não é mais um fenômeno acidental, que apareceu por acaso em um dos menores astros celestes. Representa, no domínio de nossa experiência, a mais sublime

manifestação da corrente fundamental que fez gradualmente emergir o Pensamento no seio da Matéria. Somos nada mais nada menos que a porção do Weltstoff que emergiu na self-consciência.

Inteiramente diferente do antigo antropocentrismo que fazia do Homem o centro geométrico e estático do Universo, esta concepção, segundo a qual o «fenômeno humano» mais não é senão uma forma sumamente característica do fenômeno cósmico, tem alcance moral incalculável; transforma o valor e garante a perenidade da obra que estamos realizando, ou mais exatamente da obra que se realiza através de nós mesmos. E este é justamente o ponto cuja consideração me parece essencial se quisermos tranquilizar nossos espíritos diante da crise atual.

Enquanto a Humanidade podia ser considerada uma feliz anomalia, um breve epifenômeno, nos vastos empreendimentos da Natureza, nenhuma consideração de ordem experimental era capaz de nos certificar sobre aquilo que eu ousaria denominar as disposições do Universo a nosso respeito. Eramos obra de um acaso; outro acaso haveria de arrebatar-nos. Enquanto, por outro lado, para apreciar a forma da trajetória humana, dispúnhamos apenas dos seis mil anos de história escrita, era lícito manter intermináveis discussões para saber se a civilização sobe ou, pelo contrário, desce, ou se estende sobre um plano imutável, ou ainda se descreve alguma desesperadora sinusóide, do tipo daquela que foi astuciosamente traçada por Spengler.

Todas essas inquietudes e indeterminações se desfazem caso nos ergamos a ponto de perceber a verdadeira natureza e as verdadeiras dimensões do fato humano. Por um lado, tomada numa profundeza do Passado que ultrapasse os limites da História e da Pré-história humana, para abranger a própria História da Terra, o sentido do «fenômeno Consciência» (do qual nossa civilização é apenas uma expressão provisoriamente terminal, no instante presente) não poderia deixar dúvida alguma: varia, positivamente, cresce — com hesitações ou erros locais, sem dúvida, ora aqui ora acolá, como um rio à procura de seu curso — mas sem deter-se e, sobretudo, sem recuar no conjunto. Por outro lado, se esta ascensão é, como parece, o efeito de uma «maré cósmica», que acidente ou barreira local

poderiam deter-lhe o fluxo? E agui se nos mostra o lado pueril das insinuações e objeções pelas quais nos desejariam desconcertar os profetas do fracasso humano, Lembram-nos as catástrofes do passado; enumeram-nos os sinais físicos e morais da decadência. Tudo isto não passa de miopia intelectual — deve-se responder. Recologuemos esses espantosos acontecimentos no fenômeno total. Suas irregularidades se tornam insignificantes na majestade e seguranca implacáveis do movimento de conjunto. Todos os obstáculos que encontrou a partir de milhões de anos, até agui, a vida os contornou ou derrubou. E vocês pretenderiam que, justamente por estarmos em 1936, esta corrente irresistível, cuja sede é o Universo, se estagnasse e comecasse a refluir para trás?... Impossível. Tão lenta é a metamorfose que, observando os fatos em um intervalo muito curto, correríamos o risco de talvez não percebê-la. Mas aí está toda a Física moderna para atestar que as mais poderosas tendências reconhecidas hoje no Mundo foram tomadas inicialmente por modelos de imobilidade. Aquilo que hoje acontece de tão crítico no Ocidente não poderia ser mais que um efeito de progresso. Apesar de todas as evidências em contrário, podemos e devemos crer: estamos avancando.

Obtido este primeiro resultado, resta-nos, para construir solidamente nossa fé humana, levar mais adiante nosso exame, e colocar-nos a questão imediatamente seguinte: Se estamos avançando, em que direção estamos indo?

Tal pergunta não teria evidentemente sentido algum se se tratasse de definir de antemão o estado humano particular para o qual nos dirigimos. As formas do futuro são por natureza imprevisíveis. Assume a pergunta, porém, um sentido bem determinado, e tem uma solução possível, se nos colocamos apenas o problema de saber em que direção, segundo que eixos, se está efetuando a metamorfose humana. Quais, noutras palavras, as condições a que deve satisfazer, para ser coerente com o Presente e o Passado, o Futuro?

Três, a meu ver determinatel con etremenale rev succide

A primeira afirma que, à nossa frente, se abre um horizonte livre e que poderíamos considerar ilimitado. Não é aqui o lugar para tratar a fundo as condições estruturais da Ação humana, nem de acentuar criticamente o fato,

jamais valorizado suficientemente, segundo o qual nossa vontade não poderia pôr-se em movimento a não ser rumo a um objeto onde percebesse um odor de indestrutibilidade. Baste-me dizer, para que me compreendam aqueles que têm o sentido e o gosto da Vida, que nenhum progresso nos poderia interessar se não pudéssemos lançar-nos para ele com a consciência de que nada irá jamais deter a marcha para a frente. A Realidade para a qual o homem se eleva deve ser, por algo de si mesma, incorruptível e inesgotável. Sob pena de perder seu impulso e destruir-se automaticamente a si próprio. o fenômeno cósmico da espiritualização deve ser irreversível. Eis um primeiro atributo que devemos reconhecer ao Mundo diante de nós.

Bastante vasto para não opor barreira alguma a nenhum desenvolvimento possível, o Futuro, para satisfazernos, deve em segundo lugar apresentar-se suficientemente compreensivo para não excluir nenhum dos elementos positivos atualmente incluídos do Universo. Totalidade, após a irreversibilidade e inalterabilidade: eis o segundo caráter sem o qual o Futuro não seria capaz de conter a esperança humana. — Aqui ainda basta-me apenas, para ser entendido, apelar às evidências que pode cada um encontrar no fundo de si mesmo. A única forma atraente que (por um instinto fácil de traduzir em motivos precisos) poderíamos dar aos prolongamentos do Mundo é a de uma concentração à qual não escapa nada de bom nem de belo: indivíduos, pensamentos, forças...

Esta exigência de Universal acha-se impressa no mais íntimo de nossas almas individuais. Mas podemos também reconhecê-la e verificá-la no andamento geral da consciência humana, e até no desenvolvimento aparentemente mais cego das organizações coletivas e materiais em torno de nós. Até, onde podemos remontar na história das filosofias e das religiões, a idéia de um Todo em via de formação sempre constituiu o pólo que magnetizava as mais altas inteligências e as mais belas almas. E na medida em que podemos ver claramente nos determinismos que nos regem, o estabelecimento de indivisível feixe social, econômico, etéreo, acima da multiplicidade humana, é um dos fenômenos mais extraordinários que jamais se ofereceram às especulações da Física e da Biologia. Espíritos e Matéria se

encontram agora de acordo para nos precipitar irresistivelmente em direção a uma unificação superior.

Ora, nesta convergência indefinida em que se transcreve para nós o Futuro da Humanidade, deve uma propriedade essencial ser distinguida e salvaguardada, para que se realize plenamente, aos olhos de nosso pensamento, a nocão de Futuro. O processo irreversível que nos reúne em uma vasta unidade orgânica não deve comprometer, mas exaltar nossa personalidade. Esta a terceira e última das condições que deve satisfazer, para que a ele nos dediquemos, o movimento que nos arrebata. — A realidade dessa exigência, para mim, não suscita dúvida alguma, quer apelemos ao nosso instinto de sobrevivência, quer, mais criticamente, analisemos o significado e o valor cósmicos do «Pessoal». Fala-se muitas vezes da Pessoa como se esta representasse uma forma reduzida (quantitativamente) e atenuada (qualitativamente) da Realidade total. É justamente o inverso que se deveria compreender. O Pessoal é o estado mais elevado sob o qual nos é permitido apreender o Estofo do Universo. Em sua misteriosa atomicidade. além disso, condensa-se algo único, e intransmissível, grão a grão. A única maneira de exprimir numa fórmula que o Mundo está avançando sem recuar, nem perder coisa alguma de si mesmo, é portanto afirmar que a qualidade e a quantidade de Pessoal devem ir constantemente crescendo nele: o Universo não iria propagar-se, de direito, rumo a uma totalidade espiritual caso não se elevasse a uma condição sempre mais self-centrada de si mesmo e de cada um dos seus elementos. Ora, isto é possível de fato. A primeira vista, não nego, uma personalização crescente do Universo parece opor-se à idéia, admitida anteriormente, de sua totalização. A teoria e, infelizmente também, a realidade social não parecem demonstrar que os indivíduos perecem e são sufocados pelo progresso das coletividades?... Muito pelo contrário, diria ainda agui. Interroguem a estrutura dos seres vivos, onde a complicação das células se acha em pé de igualdade com a concentração de todo o organismo. Sondem a psicologia dos companheiros associados no serviço voluntário de uma grande Causa. Observem a complementação mútua de dois seres que se amam. Analisem, filosoficamente, a ação não dissolvente, mas necessariamente realizadora, de um centro sobre os elementos que abrange. E hão de chegar à conclusão exatamente oposta a nossas primeiras evidências. A verdadeira união não confunde os seres que aproxima. Pelo contrário, diferencia-os ainda mais; isto é, quando se trata de partículas dotadas de reflexão, ultrapersonaliza-as. O Todo não é o antípoda, mas o próprio pólo da Pessoa. Totalização e Personalização, eis as duas expressões de um movimento único.

Eis-nos chegados ao final de nosso exame. Futurismo significando por este termo a existência de um ilimitado domínio de aperfeiçoamentos e descobertas). Universalismo e Personalismo, estas as três características do progresso que nos arrasta, com toda a massa e com toda a infalibilidade do Universo. Estes também, por conseguinte, os três eixos inabaláveis sobre os quais pode e deve apoiarse sem perigo nossa fé no esforço humano. Futurismo, Universalismo e Personalismo: as três colunas do futuro.

#### 2. O que se deve ver: a Convergência Humana

Solidamente estabelecidos nas perspectivas que acabamos de sublinhar, podemos agora voltar-nos com segurança para a consideração das perturbações que sacodem atualmente o Mundo. Com efeito, temos agora em mãos os elementos necessários, em primeiro lugar, para apreciar a verdadeira natureza de nossa situação e, em segundo lugar, para refletir nas medidas que se devem tomar durante a tempestade. Eis o que se deve ver.

E, antes de mais nada, que se passa exatamente hoje nas profundezas da massa humana? Estamos avançando, certo. Mas por que toda esta desordem em torno de nós?

Três influências de monta, dizíamos no início destas páginas, defrontam-se neste momento fora do Cristianismo, cada uma lutando pela posse da Terra: Democracia, Comunismo, Fascismo. De onde vem o poder dessas três correntes? E por que é tão implacável a batalha entre elas?

A solução deste novo problema parece-me introduzida por uma observação preliminar, que todos poderiam fazer, mas cujo sentido profundo só pode ser apreendido à No caso da Democracia a coisa é óbvia. Filha primogênita da idéia «revolucionária» de Progresso, a Democracia cresceu na entusiástica esperança de aperfeiçoamentos terrestres ilimitados. Mais próxima que qualquer outra da fonte ardente de onde saiu a consciência humana moderna, ela continua impregnada desse ardor original. Mas, pela mesma razão também, traz em si essas inadaptações e esse simplismo que em geral caracterizam as primeiras manifestações da verdade. Dois erros de perspectiva, logicamente ligados entre si, vêm enfraquecer e viciar a visão democrática do Mundo: um afetando seu Personalismo, outro, por via de conseqüência, seu Universalismo.

Excetuando o Cristianismo, nenhum movimento espiritual jamais compreendeu e exaltou como a Revolução o valor da pessoa humana. Infelizmente, arrastados por seu zelo pela liberdade, os apóstolos de 89 não viram que o elemento social só ganha a plena originalidade e o pleno valor num conjunto em que se diferencia. Em lugar de liberar-se, emancipou. Cada célula, então, se julgou autorizada a erigir-se em centro por si mesma. Daí a dispersão, condenada pelos fatos, dos falsos liberalismos intelectuais e sociais. Daí também o ruinoso e impossível igualitarismo que ameaça toda construção séria de uma nova Terra. A Democracia, dando ao povo a direção do progresso, parece satisfazer a idéia de totalidade. Mas apresenta apenas uma falsificação desta. O verdadeiro Universalismo pretende sem dúvida convidar sem exclusão a suas sínteses todas as iniciativas, todos os valores, todas as mais obscuras potencialidades. Mas é essencialmente orgânico e hierarquizado. Por ter confundido Individualismo e Personalismo, Multidão e Totalidade, por esmigalhamento e nivelamento da massa humana — a Democracia corria o perigo de compro-

<sup>&</sup>lt;sup>3</sup> Aqui, naturalmente, estou apenas esboçando uma teoria que exigiria, para ser perfeitamente clara, desenvolvimentos mais amplos.

meter as esperanças, com ela nascidas, de um Futuro humano. Els por que viu separar-se dela, à esquerda o Comunismo, e levantar-se contra ela, à direita, todos os Fascismos.

No Comunismo a fé num organismo humano universal viu-se, ao menos nas origens, magnificamente exaltada. Não poderíamos nunca frisá-lo bastante. O que cria, para uma elite, a tentação do neomarxismo russo, não é tanto seu evangelho humanitário quanto sua visão de uma civilização totalitária, fortemente vinculada às potências cósmicas da Matéria. O verdadeiro nome do Comunismo seria o «Terrenismo». Uma sedução real emana desse entusiasmo pelos recursos e pelo futuro da Terra. Os fatos também demonstram, a partir de uns vinte anos, a potência espiritual oculta no evangelho de Lenine. Nenhum movimento moderno conseguiu criar (ao menos em relances) uma semelhante atmosfera de novidade e universalidade. — Infelizmente. por esse lado ainda, o ideal humano se acha gravemente deficitário ou deformado. De um lado, na sua reação exageradamente viva contra o liberalismo anárquico da Democracia, o Comunismo chega a suprimir virtualmente a Pessoa e a fazer do Homem uma formiga. Por outro lado. na sua admiração mal equilibrada pelas potências tangíveis do Universo, sistematicamente fechou as próprias esperanças às possibilidades de uma metamorfose espiritual do Universo. O Fenômeno Humano (essencialmente definido, já o vimos, pelo desenvolvimento do Pensamento) viu-se assim reduzido aos desenvolvimentos mecânicos de uma coletividade sem alma. A Matéria velou o Espírito. Um pseudodeterminismo matou o amor. Ausência de Personalismo, que acarreta uma limitação ou até uma perversão do Futuro, e por via de consequência a possibilidade e a própria noção de Universalismo — são estes, muito mais que todos os abalos econômicos, os perigos do Bolchevismo.

Voltemos agora os olhos para o Fascismo. Não é de duvidar que o movimento fascista tenha em boa parte surgido como reação contra as chamadas idéias «da Revolução». E esta origem explica o apoio comprometedor que não cessou de encontrar entre os inúmeros elementos interessados (por diversas razões de conservadorismo intelectual e social) em não crerem num futuro humano. Mas ninguém

se apaixona pela fixidez; e sem dúvida existe muito ardor no fascismo. De que chama tira ele seu fogo? Com toda a evidência, da mesma tríplice fé que anima as correntes contra as quais se opõe com todas as veras. O fascismo está aberto ao Futuro. Nutre a ambição de englobar vastos conjuntos sob seu Império. E, na sólida organização com que sonha, mais que em qualquer outra parte se dá cuidadosamente um lugar à conservação e à utilização da elite (isto é, do Pessoal e do Espírito). No domínio que pretende abranger, suas construções satisfazem portanto, mais que algumas outras, talvez, as condições que reconhecemos como fundamentais para a cidade do futuro. A única, mas a maior desgraça é que este domínio por ele considerado é irrisoriamente restrito. O Fascismo, até agui, parece guerer desconhecer a transformação humana crítica e as ligações materiais irresistíveis que já fizeram com que a civilização chegasse ao estágio do Internacionalismo. Obstina-se a pensar e realizar o mundo moderno que vive nele em dimensões «neolíticas». E o resultado dessa desproporção é que nos oferece, do Futuro que imaginamos, apenas uma imagem reduzida, a que falta precisamente esta qualidade essencial que separa a totalidade do parcial, o finito do ilimitado. O Fascismo representa possivelmente uma maquete, bastante bem feita, do Mundo de amanhã. Seria talvez até uma fase necessária no curso da qual os Homens aprenderiam, como num exercício, num terreno menor, sua tarefa humana. Mas somente há de ser aquilo que esperamos renunciando, no momento oportuno, ao estreito nacionalismo que o obriga a excluir de suas construções todos os elementos que estariam justamente na escala da Terra, e o faz estacar, rumo ao futuro, na idéia de encontrar novamente forças de civilização para sempre desaparecidas.

E agora, detenhamo-nos e observemos. Terminou a nossa análise. Diante de nós, graças à chave fornecida pelos três caracteres (Futurismo, Universalismo, Personalismo) que definem o sentido do impulso humano, os grandes motores sociais modernos como que se abriram, e suas molas se encontram desnudas diante de nós. Volto agora à pergunta: que acontece neste momento com a massa humana? Por que esta violência, e por que estes choques? — E parece-me que começo a compreender.

Em face das atuais dissensões, podíamos temer (e ameaçava-nos o coro dos pessimistas) ver a civilização retroceder e dissolver-se. De agora em diante, não mais somente a priori (em virtude deste princípio geral, que o fenômeno humano leva em si algo de infalível), mas a posteriori (pela observação dos acontecimentos que se desenrolam), podemos ficar completamente seguros. Em primeiro lugar, as forças que se defrontam em torno de nós não são potências destruidoras: contêm, todas elas, elementos positivos. Em segundo lugar, por esses mesmos componentes, elas não se afastam umas das outras, mas convergem secretamente para uma concepção comum do futuro. Em terceiro lugar, e isto é a explicação de sua natureza implacável, em cada uma delas é o próprio Mundo que se defende e quer vir à luz.

Fragmentos que se procuram e não fragmentos que se separam. Mundo que luta por se unir, e não Mundo que se desagrega. Crise de nascimento e não sintomas de morte. Afinidades essenciais, e não ódio definitivo...

Eis o que se passa sob nossos olhos; eis também o que basta ter distinguido sob as correntes e na tempestade para perceber a manobra que deve salvar-nos.

#### 3. O que se deve fazer: a Frente Humana

Se existe algum fundamento nas considerações precedentes, isto é, se as perturbações atuais exprimem de fato um esforço da Humanidade moderna para encontrar sua alma, então é claro o nosso dever: temos de ajudar, com todas as nossas forças, o nascimento do Mundo novo que procura vir à luz. uma star ospachivis de aspiol

Já reconhecemos as linhas essenciais desta terra Nova. Fé num futuro ilimitado, em que todos os valores positivos da civilização se uniriam numa totalidade que exalta os valores individuais. Paixão superior, em que se encontrariam ao mesmo tempo assumidos e consumados, numa síntese nova: tanto o sentido democrático dos direitos da Pessoa, como a visão comunista das potências da Matéria e o ideal fascista das elites organizadas. Eis o «quarto espírito» que está amadurecendo, e que todos esperamos. Desenvolvamos sua consciência em nós mesmos e proclamemo-lo.

No fundo, e apesar do entusiasmo (relativo) que arrasta enormes fracções humanas nas correntes políticas e sociais de hoje, a massa da Humanidade permanece insatisfeita. Não conheco, quanto a mim, nem à direita nem à esquerda, espírito deveras progressivo que não confesse sua decepção parcial em face de todos os movimentos existentes. A pessoa se filia a este ou àquele partido, porque é necessário, afinal, fazer uma opção se se pretende agir. Mas cada um, no lugar que ocupa, sente-se no fundo pouco à vontade, mutilado, revoltado. Todos desejaríamos algo

de mais amplo, mais compreensivo e mais belo.

Será que essa imensa inquietude difusa não se cristalizaria imediatamente assim que se pudesse apenas formular o programa, o ideal, com que todos sonhamos? Outrora nossos pais partiram rumo à grande aventura em nome da justiça e dos direitos humanos. Não haviam compreendido nem podiam saber que a harmonia, cujo pressentimento os embriagava, exigia para realizar-se uma dimensão de futuro cuja idéia ainda não havia nascido. Ainda viam em boa parte o Mundo como pastores, como um idílio, não suficientemente como uma descoberta e uma conquista. Nós que agora temos todo o Espaço e todo o Tempo para desenvolver a única liberdade, a única igualdade, a única fratenidade possível (isto é, aquelas que nascem da colaboração numa obra comum), por que não nos levantaríamos, por nossa vez, pelos Direitos do Mundo, em nome (não tão abstrato, como se poderia crer) do Futuro, do Universal e da Pessoa?u oun alam olumu.

Já temos em demasia, naturalmente, tanto sectarismos nacionalistas que compartimentalizam as simpatias humanas, como também pretensões de uma massa que permanece profundamente antipática e impotente, enquanto não deixar de ser massa, através da personalização. Debatemonos numa atmosfera irrespirável. Ar! Não frentes fascistas, nem uma frente popular, mas uma Frente Humana.

Repito-o, Para constituir essa frente, ao mesmo tempo de solidariedade e movimento, há por toda a parte elementos em torno de nós, disseminados nas massas aparentemente hostis que se combatem. Esperam apenas um choque para se orientarem e se reunirem. Basta cair apenas sobre esta poeira o raio adequado, o apelo que corresponde a sua estrutura íntima e, através de todas as denominações e barreiras que ainda subsistem por convenção, veremos os átomos vivos da Terra se procurarem, encontrarem-se e se organizarem.

No fundo, existem apenas dois grupos de Homens na Humanidade: aqueles que arriscam sua alma por um Futuro maior que eles mesmos; e aqueles que, por inércia, egoismo ou desânimo, não querem avançar. Aqueles que crêem e aqueles que não crêem no Futuro. Todo partido político está hoje secretamente contaminado por uma mistura dessas essências contrárias. Pela formação de uma Frente Humana colocar-se-ia um paradeiro a todo equívoco. Esse reagrupamento das forcas, operado a partir de uma concepção fundamental do ser, faria aparecerem as energias vivas da Civilização. E assim, pela primeira vez provavelmente, «bons» e «maus» poderiam reconhecer-se e estimar-se. Entre os dois campos assim formados a partir da fé, ou da não-fé num futuro espiritual do Universo, travarse-ia talvez então uma guerra: a única guerra essencial que se poderia procurar sob todas as outras guerras; a luta final, aberta, entre a inércia e o progresso; o conflito entre aquilo que sobe e aquilo que desce. Pelo menos, nem a beleza nem o resultado de semelhante combate seriam duvidosos; e ao menos, também, aqueles que o travassem não precisariam já recear (afinal!) atirar nos irmãos.

Contra a criação do partido, ou melhor do superpartido humano que sugiro aqui, objetar-se-á que sua realização exigiria, muito mais que uma aspiração genérica definida, a existência de um adversário comum. Nunca se chega a um acordo, dirão, quando se trata de construir. Só o medo se mostrou até aqui capaz de obter a unanimidade. Daí resulta que não se pode nutrir esperança alguma na universalidade terrestre de um esforco humano. Para criar essa esperança, seria necessário o surgimento de um inimigo terrestre universal. Não creio, quanto a mim, nesta eficácia suprema do instinto de conservação e do medo. Não foi o medo de perecer, mas a ambição de viver que lançou o Homem à exploração da natureza, à conquista do espaço, e pelas estradas do ar. Reconheço todavia que uma fórmula abstrata não poderia bastar para abalar-nos e unificar-nos. Quanto ao imã, que deve magnetizar e purificar em nós

as energias cujo crescente excesso se dissipa hoje em choques inúteis ou em requintes perversos, colocá-lo-ei, portanto, em última análise, na manifestação eventual de um objeto essencial cuja riqueza total, mais preciosa que todo o ouro e mais atraente que qualquer beleza, seria, para o Homem no estado adulto, o Graal e o Eldorado com que sonhavam os antigos conquistadores: algo tangível, por cuja posse seria infinitamente bom dar sua vida.

Eis por que, se começasse a formar-se uma Frente Humana, deveria haver, ao lado dos engenheiros ocupados em organizar as potências e ligações da Terra, outros «técnicos» unicamente encarregados de definir e propagar as metas concretas, sempre mais elevadas, nas quais se deveria concentrar o esforço das atividades humanas. Já nos apaixonamos, e com razão, até aqui, pela revelação dos mistérios dissimulados no infinitamente grande e no infinitamente pequeno da Matéria. Mas uma investigação bem mais importante para o futuro seria o estudo das correntes e atrações de natureza psíquica: uma Energética do Espírito. Talvez, levados pela necessidade de construir a unidade do Mundo, acabemos por nos dar conta que a grandiosa obra obscuramente pressentida e perseguida pela Ciência outra coisa não é senão a descoberta de Deus.

# 4. O lugar do Cristianismo

Mesmo que eu não fosse cristão, escrevendo aqui para cristãos, deveria nestas páginas consagradas à análise das correntes humanas, dar um lugar ao Cristianismo — não só porque o Cristianismo controla sempre, diretamente ou por influência, uma considerável parte da civilização moderna, mas sobretudo porque, na luta presente, sua existência se acha intimamente comprometida.

Dizia-o no princípio. No seio do conflito em que se defrontam as forças do Fascismo, do Comunismo e da Democracia, os cristãos sentem-se estranhamente deslocados. Isto se deve somente em parte ao fato de que as novas instituições são levadas a tomar eventualmente, no campo moral e social, posições contrárias ao Evangelho. Agora o compreendemos melhor, graças às observações precedentes. Sob as aparências políticas da batalha que se está travando, na realidade são concepções gerais da Vida e do Mundo que se defrontam. Surgem os rudimentos de uma «fé humana», que tendem a se organizar numa religião nova. Por conseguinte os próprios fundamentos da anima religiosa humana, sobre os quais a Igreja vinha construindo há dois mil anos, estão agora mudando de dimensão e natureza. Por que se espantar se o edifício é agitado por este movimento profundo?

Como deverá o Cristianismo reagir à transformação que está ocorrendo, não somente de forma a sobreviver, mas de forma a poder desenvolver-se, salvando-nos? — Eis o que eu gostaria de sugerir, finalizando.

O problema das atuais relações entre Cristianismo e Humanismo há de continuar obscuro enquanto não se conseguir reduzir as duas potências antagônicas a seus fatores comuns. Parece-me, antes, que se pode resolver este problema facilmente contanto que se observe que as diretrizes da religião de Cristo são exatamente as mesmas em que vimos exprimir-se a essência do esforço humano: Céu, Catolicidade, Cidade das almas, isto é, Futurismo, Universalismo, Personalismo. Se os eixos da fé são tão parecidos para o fiel de Cristo e para o fiel da Terra, então devem ser possíveis tanto uma comparação como uma composição, termo a termo. Tentei seguir este método. E eis o resultado que obtive: Em dois dos três pontos considerados (os únicos onde pareceria difícil conseguir um acordo), refiro-me ao Futurismo e ao Personalismo, não somente o Cristianismo não se opõe ao Humanismo, mas lhe traz precisamente o complemento sem o qual a fé terrestre não poderia desenvolver-se até o fim. É por conseguinte possível um acordo entre as duas potências. Vejamo-lo.

Futurismo, em primeiro lugar. Admitimos acima como um fato, sem procurar-lhe as condições de possibilidade física, o caráter «ilimitado» de que deve exornar a Ação humana a seu Futuro. Ora, assim que se tenta objetivar esta qualidade no quadro do Universo experimental, percebese que tende a romper os limites presentes da Natureza. Que são de fato, em face de nossas exigências indefinidas, as diversas centenas de milhões de anos que os astrônomos mais generosos concedem à Terra? E que seria, de resto,

após semelhante duração de aprisionamento, o estado de uma Humanidade que já começa a sentir-se apertada em nosso pequeno planeta? — Só poderia haver, caso refletís-semos neste ponto, verdadeiro Amor na hipótese (e na esperança), de um certo limiar crítico que levaria o Mundo, sob o próprio efeito de seu desenvolvimento físico, a um estado diferente daquele que lhe reconhecemos. Ora, não está aí justamente a verdade sustentada pela fé cristã? «Os novos céus e a nova Terra», antecipados pelo Evangelho, não somente abrem (se queremos «homogeneizá-los» com nossas modernas representações do Mundo) horizontes inesperados para a física da Matéria, mas fornecem o único espaço no qual se poderá desenvolver uma das mais essenciais qualidades de nosso ser psicológico: a irreversibilidade nos progressos e nos desejos.

Personalismo, em segundo lugar. O pior perigo que espreita a Humanidade, em sua viragem atual, é esquecer afinal o essencial, isto é, a concentração espiritual, diante das imensidões cósmicas que a Ciência lhe mostrou, e em face da potência coletiva que a organização social lhe revelou. Uma energia difusa, ou então uma super-sociedade sem rosto nem alma, não são estas as formas sob as quais a neoreligião terrestre experimenta representar-se confusamente a Divindade? Nesta fase perigosa, que ameaça a existência das «almas», somente o Cristianismo, imagino eu, pode e há de intervir para repor as aspirações humanas na única linha conforme às leis estruturais do ser e da vida. Poderse-ia pensar, ontem ainda, que nada era tão fora de moda. tão antropomórfico, quanto o Deus pessoal cristão. Mas eis que agora, por esse aspecto na aparência tão velho, e no entanto o mais essencial do seu Credo, o Evangelho cristão se apresenta como a mais moderna das religiões. Em face de uma Humanidade que corre o risco de deixar absorver, na «segunda Matéria» dos determinismos filosóficos e dos mecanismos sociais, a parte de consciência já despertada em si pelos progressos da Vida, o Cristianismo mantém o primado do Pensamento reflexo, isto é, personalizado. E fá-lo da maneira mais operante de todas: não só defendendo especulativamente por sua doutrina a possibilidade de uma consciência centrada, embora universal, mas muito mais ainda transmitindo e desenvolvendo, por sua

mística, o sentido e de certa forma a intuição direta desse Centro de convergência total. O mínimo que um não-crente deve hoje admitir, caso compreenda a situação biológica do Mundo, é que a imagem de Cristo (tal como se encontra esta, não somente sonhada num livro, mas realizada concretamente na consciência cristã) é a aproximação mais perfeita até aqui realizada de um objeto final e total para onde poderia tender, sem desfalecimento nem deformação, o esforço humano universal.

Assim, contrariamente a uma idéia corrente, não é tanto por sua moral quanto por seu dogma que o Cristianismo é humano, e pode ser chamado a salvar mais uma vez, amanhã, o Mundo. — De onde então essa espécie de descrédito em que, justamente por causa deste dogma, parece ter caído aos olhos dos zeladores de uma Humanidade maior? Por que a suspeita? E por que o ódio?

O motivo do conflito Fé-Progresso, cujos desenvolvimentos causaram mais dano ao Cristianismo que as mais duras perseguições, parece-me residir numa falta de ajustamento que afeta os três componentes (futurista, universalista e personalista) do espírito Cristão. O Cristianismo é universalista. Mas será que ele não se demorou demasiado numa cosmologia medieval, em vez de resolutamente considerar as imensidões temporal e espacial às quais os fatos lhe pedem que estenda suas concepções sobre a Encarnação? — O Cristianismo é sumamente futurista. Mas a própria transcendência das perspectivas que ele mantém não o terá levado a se deixar olhar como extraterrestre (e portanto passivo e entorpecente), enquanto pela própria lógica de seu dogma deveria ser supraterrestre (e portanto gerador de um máximo de esforço humano)? O Cristianismo, finalmente, é especificamente personalista. Mas, ainda aí, será que a predominância concedida aos valores da alma não o inclinou a se apresentar sobretudo como um juridicismo e uma moral, em vez de nos manifestar os esplendores orgânicos e cósmicos contidos no seu Cristo Universal?

Sobre a nova alma humana, que está nascendo, assim o cremos, entre as convulsões atuais, o Cristianismo pode e deve colocar-se, para marcá-la e sublimá-la. Mas só há de operar esta salvação satisfazendo a uma condição, segundo sua própria fórmula, encarnando-se, isto é, alinhando-se franca e resolutamente naquilo que denominamos a Frente Humana.

Tal gesto não o salvará dos ataques daqueles que o acusam por nos levar demasiadamente longe ou alto demais. Mas ao menos há de cessar o mortal equívoco pelo qual somos tantas vezes atacados justamente por aqueles que no fundo são nossos amigos e aliados.

Um cristão pode jubilosamente sofrer perseguição para que o mundo cresça. Mas já não poderia admitir que o matassem, sob pretexto de que ele barra o caminho à Humanidade.\*

<sup>\*</sup> Pequim, 11 de novembro de 1936. Publicado (resumido) sob o título: "La Crise Présente" em *Etudes*, 20 de outubro de 1937 e no caderno n. 3 da Association des amis de P. Teilhard de Chardin: *Teilhard de Chardin et la Politique africaine*, 1962, Ed. du Septil.

Super-Humanidade, Super-Cristo, Super-Caridade <sup>1</sup>

Novas Dimensões para o Futuro

Segundo numerosos indícios (insatisfações ou aspirações de toda espécie), é evidente que está ocorrendo em nossos dias uma transformação profunda e generalizada na consciência humana. Intelectual, moral e misticamente já não nos contentamos com aquilo que satisfazia nossos pais. Esperamos melhor. — Mas se é incontestável o próprio fato dessa mudança interna, o mesmo não sucede quando se trata de precisar sua natureza e suas causas. De ano para ano, numa série de Ensaios, procurei circunscrever e isolar a fonte oculta de nossas inquietudes e a substância enganadora de nossas expectativas.

As páginas seguintes nada contêm que eu já não tenha afirmado, de maneira equivalente, noutros contextos. Mas apresentam-no sob um ângulo novo.

Recentemente (em «L'Esprit nouveau» '), sugeri que o fato que nos torna tão diferentes e tão exigentes, em comparação com as gerações passadas, é o despertar de nossa consciência para um quadro novo de dimensões cósmicas: o cone do Tempo. Nesse meio particular, interminavelmente divergente para trás, mas positivamente convergente para a frente, manifesta-se uma ligação inesperada, como já disse, em benefício do Espírito, entre determinismos e liberdade, entre totalização e personalização, entre evolução imanente e criação. É exatamente o que precisamos para

harmonizar em nós os impulsos, aparentemente antagônicos, que dividem atualmente, entre o Homem, o Universo e Cristo, nossas potências naturais de adoração.

Parece-me, hoje, que a mesma solução pode ser proveitosamente apresentada, de maneira menos sintética, mas com uma urgência mais concreta, partindo não de uma mudança de curvatura, mas de uma mudança de escala, na totalidade de nossa experiência. O que faz vibrar de maneira tão dolorosa e apaixonada, no momento presente, todas as fibras de nosso coração e de nosso cérebro, não seria, afinal de contas, uma brusca passagem do Médio para o Imenso? Ou mais precisamente, aquilo que abala, confusamente, todo o sistema de nossos hábitos tradicionais não seria a emergência irresistível, em nosso próprio âmago, de três «super-realidades», estreitamente coordenadas entre si:

Uma Super-Humanidade, à medida da Terra;

Um Super-Cristo, à medida desta Super-Humanidade;

Uma Super-Caridade, à medida, ao mesmo tempo, do Super-Cristo e da Super-Humanidade?...

Eis o que me é impossível não ler, quanto a mim, em mim mesmo e em torno de mim. E eis o que, sem nenhuma segunda intenção de denegrir qualquer posição tradicional, tentarei mostrar — não como imaginação especulativa, mas como um fato psicológico flagrante.

### 9 I. SUPER-HUMANIDADE

Por «Super-Humanidade» entendo o estado biológico superior que a Humanidade parece destinada a atingir caso, levando a termo o movimento de onde historicamente procede, consiga, em corpo e alma, totalizar-se completamente sobre si.

Assim definida, a Super-Humanidade não é, como se finge muitas vezes crer, uma entidade ideológica ou sentimental, um sonho ou uma utopia. Mas, sem que a maioria dos homens ainda o suspeite, ela já representa uma realidade ou ao menos uma «iminência» de ordem cien-

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> Nestas três expressões utiliza-se o prefixo "super" para indicar não uma diferença de natureza, mas um grau de realização ou de percepção mais avançado. (N.A.).
<sup>2</sup> Tomo V, L'Avenir de l'Homme, p. 107 (N.E.).

tífica — contra a qual, por conseguinte, seria tão inútil insurgir-se como contra o deslocamento do sistema solar ou o resfriamento da Terra.

Vejamos portanto brevemente neste primeiro capítulo:

- 1) Como, em virtude daquilo que sabemos com toda a certeza, parece biologicamente inevitável a eventual aparição de uma Super-Humanidade.
- 2) Sob que traços gerais se vai esboçando esta Super-Humanidade.
- 3) E, afinal, em que nova atitude espiritual nos coloca a sua perspectiva antecipada.

#### 1. Realidade

Dispostos segundo sua ordem lógica, os indícios superpostos e convergentes, cuja acumulação nos obriga, assim tenho certeza, a considerar como certo o advento futuro de uma Super-Humanidade, podem apresentar-se como se segue.

Antes de mais nada, realidade histórica, bem constatada no Passado, de uma gradual ascensão da Humanidade. Dessa evolução que abrange, num cálculo por baixo, uma ou duas centenas de milhares de anos, estamos longe ainda de conhecer todas as particularidades. O que sabemos é todavia suficiente para fixar sem ambigüidade a curva do fenômeno. Desde os distantes pré-hominídeos (Pitecantropo, Sinantropo) até ao Homo Sapiens, passando pelo grupo complexo dos Neandertalóides, pode-se definitivamente registrar um movimento, que leva o grupo humano de estados fracamente a estados altamente cerebralizados e socializados. Lá (do lado dos Pré-hominídeos), cérebros rebaixados, e grupos étnicos fracos ou dispersos. Aqui (do lado do Homem moderno), cérebros elevados e (sobretudo a partir do neolítico) um caminhar rumo ao coletivo, sempre mais acelerado.

Impossível, a meu ver, para um espírito honesto, olhar de frente os resultados já obtidos pela Pré-história sem se ver obrigado a aceitar a realidade objetiva de uma antropogênese no Passado — e por conseguinte (eis o ponto capital) sem se ver obrigado a admitir, com a mesma urgência, uma prolongação desta mesma antrogênese no Futuro.

Até aqui, e desde que a conhecemos, a Humanidade se foi constantemente deslocando para os estados ascendentes de organização psíquica. Admitido isto, não há razão alguma, e até seria absurdo, para pensar que ela já não se mova sempre na mesma direção. Atrás de nós, certamente, uma «sub-Humanidade». A nossa frente, por conseguinte, e certamente também, uma Super-Humanidade — a única realidade, diga-se de passagem, capaz de preencher e justificar os milhões de anos que restam, talvez, ainda ao Pensamento para se desenvolver na Terra.

Assim como está, repito-o, esta demonstração — baseada exclusivamente na Paleontologia Humana, afirmando que a Terra tende a estados psíquicos superiores a seu estado presente — esta demonstração, insisti, é tão convincente quanto a maioria das provas em abono das nossas convições científicas mais comumente admitidas. Apresenta no entanto o inconveniente de referir-se a um conjunto relativamente curto e restrito de fatos. Cem mil anos, não é quase nada — poder-se-ia objetar-nos, para determinar com certeza a trajetória da antropogênese. Quem sabe se, observada num intervalo maior, a curva não assumiria outra forma: descendente, por exemplo, ou sinusoidal? Aliás, por suas propriedades mentais o Homem não representa um caso excepcional, singular e portanto imprevisível de procedimentos na Natureza?...

Duas séries auxiliares de observações que estabelecem, uma aquilo que eu denominaria a lei biológica de Cefalização, e outra a lei cósmica de Complexidade, permitem, a meu ver, superar esta última hesitação.

Lei de Cefalização, em primeiro lugar. Seja qual for o grupo animal (Vertebrado ou Artrópode) cuja evolução estudemos, temos um fato notável: em todos os casos o sistema nervoso aumenta com o tempo em volume e arranjo

<sup>&</sup>lt;sup>3</sup> Isto, em duas ordens de grandeza diferentes, é no fundo a mesma coisa: pois pela socialização, no caso do Homem, os indivíduos apenas reúnem e organizam suas atividades reflexas, e portanto seus cérebros. Esta identidade biológica fundamental entre cerebralização indivídual e socialização (ou cerebralização coletiva), entrevista com felicidade por Julian Huxley e muitos outros, é uma noção científica básica, e o leitor deve achar-se compenetrado da mesma, caso contrário nada irá compreender na seqüência deste ensalo.

e, simultaneamente, se concentra na região anterior, cefálica, do corpo. Considerados nos pormenores dos membros e do esqueleto, os diversos tipos organizados podem diferençar-se muito bem, cada um segundo sua linha própria, nas direções mais diversas ou mais opostas. Considerada no desenvolvimento dos gânglios cerebrais, toda vida, toda a Vida tende (com maior ou menor velocidade, mas essencialmente), como uma só onda ascendente, na direção dos cérebros maiores.

Lei de complexidade, em segundo lugar. Depois de terse durante muito tempo deixado absorver pelos fenômenos de desintegração atômica, cujo efeito é reduzir a Matéria a estados sempre mais avançados de pluralização e simplicidade, eis que a Físico-Química presta afinal atenção ao movimento inverso que, nas zonas temperadas do Universo, assim como a Terra, tende a reunir as moléculas em super-moléculas sempre mais tremendamente complicadas. Ora, seguindo esta linha das sínteses naturais, aparece uma perspectiva inesperada, em que se encontram a Ciência da Matéria e a da Vida. Por graus extremos de complexidade físico-química, atingindo a ordem do milhão de átomos, os corpúsculos «se animam». Ao nível dos «vírus» praticamente se apaga a fronteira entre o vivo e o não-vivo. E admitindo agora que além desse limite a fração significativa da «complexificação» cósmica se concentra na edificação dos sistemas nervosos, não só então o movimento prossegue ainda mais adiante, mas ainda se confunde exatamente, por seus prolongamentos, com o processo, independentemente reconhecido, da Cefalização.

E sob este aspecto, como anunciava, tudo se esclarece e tudo ganha consistência na evolução que nos arrebata. Como a Antropogênese representa, sem dúvida, (por seus dois termos: cerebralização e socialização) um produto extremo da lei de Cefalização — e como a própria lei de Cefalização mais não é que a forma superior assumida nos seres vivos pela lei de Complexidade, então desaparece qualquer ambigüidade da interpretação do Fenômeno Humano. Enquanto a ascensão conjugada dos cérebros e da consciência era apenas observada no campo estrito da história humana, uma dúvida, dizia eu, poderia subsistir sobre a esta-

bilidade do processo, ou até sobre sua realidade. Agora, porém, que este processo se ajusta, com uma seqüência e um paroxismo naturais, a um movimento que cobre a totalidade da história biológica e atômica da Terra, a certeza de nossa primeira intuição se mostra definitivamente justificada e consolidada.

Não enganados pelas aparências de um acidente local favorável, mas apoiados e levados pela tendência geral de um Universo em vias de emergência, podemos — ou melhor, devemos — considerar, à nossa frente, o advento de uma Super-Humanidade.

#### 2. Imagem

Acontece a cada instante que estejamos convictos da existência de uma coisa (Deus, a alma imortal - ou, mais simplesmente, a outra face da Lua e o interior da Terra...), sem estarmos em condições, apesar disso, de dizer como é que essa coisa é constituída. Portanto, por mais solidamente que esteja estabelecida a existência futura de estados super-humanos, poderíamos muito bem ser incapazes de determinar-lhe as aparências. De fato, a situação, in casu, não é tão desesperadora para nossa inteligência como poderíamos crer a princípio. Sem nos deixarmos levar com efeito, neste sentido, a fantasias concretas (engraçadas, até instrutivas, mas necessariamente falsas e ridículas afinal), podemos perfeitamente conseguir definir, com sérias probabilidades, as condições que, para ser, deve a Super-Humanidade satisfazer: sua imagem mais genérica, após o fato de sua existência. E, para tanto, basta-nos prolongar (extrapolar), com a necessária prudência, a curva anteriormente estabelecida da antropogênese. De uns duzentos mil anos para cá, dizíamos, a Humanidade não cessou de avançar, em seu conjunto, no sentido de uma mais alta cerebralização e de uma íntima socialização. Se, como tudo leva a prever, o movimento prossegue ainda mais além, sob que forma há de continuar, e para que formas de Homem nos estamos dirigindo?

Quanto à cerebralização (individual), nada permite afirmar, mas inúmeros indícios deixam supor que o cérebro humano praticamente atingiu, desde que chegou ao nível sapiens, o limite absoluto imposto pelas leis corpusculares da Matéria à complexidade de uma unidade orgânica
isolada. De fato, no decurso dos últimos vinte milênios nenhuma mudança notável se produziu neste sentido; e somente uma ligeira redução do prognatismo facial (traída
por um desaparecimento progressivo dos «dentes de siso»)
permitiria supor que o crânio humano continua ainda, em
nós, encurvando-se sobre si e se abaulando. Para permanecermos em terreno sólido, e mesmo com o risco de ficarmos abaixo da realidade, admitamos portanto que segundo
esta primeira linha (a cerebralização individual) a antropogênese chegou ao fim de carreira, e voltemos agora nossa atenção para os espaços ainda abertos à cerebralização
coletiva, ou socialização.

Por este outro lado, o horizonte se apresenta imenso, ilimitado. Procuremos dominar através do pensamento em primeiro lugar de cidade para cidade, depois de país para país, depois de continente para continente, a formidável multidão dos «elementos pensantes» disseminados neste instante pela superfície da Terra. Procuremos «realizar» em espírito aquilo que esses dois bilhões [hoje mais de três] de seres humanos, sempre aumentando, representam de riquezas e espontaneidades espirituais ainda dispersas. Normalmente, esta imensa pluralidade não nos impressiona: ou melhor, procuramos não vê-la, pois nos aterrorizaria e nos sufocaria como uma proliferação cega e excessiva. Mas, instruídos pelo passado do Homem e da Vida, operemos somente em nós a inversão de perspectivas sugerida pelas leis naturais de Cefalização e de Complexidade. Decidamonos a associar entre si as idéias de cerebralização e socialização. Imediatamente, o aspecto da Terra se transforma e se torna compreensível a nossos olhos.

De um lado, aquilo que não passava até então de desconcertante agitação humana assume a figura de potencial — potencial tanto maior quanto mais imensa ainda é a desorganização mundial. Se os incontáveis elementos capazes de reflexão, atualmente disseminados pela superfície do Globo, representam deveras em sua diversidade materiais preparados para uma possível construção, qual o edifício que se anuncia no futuro?

De outro lado, inúmeras servidões que até aqui sofríamos passivamente, sem compreender, justificam-se diante da razão e ganham sentido. Em primeiro lugar, as forças de compressão externa que, na superfície fechada de nosso Planeta, estreitam sempre mais intimamente sobre si mesmos um número rapidamente crescente de elementos cujo raio de ação individual não cessa de aumentar; e, ao mesmo tempo, as forças de invasão interna que, penetrando nas barreiras de nossa vida íntima, nos tornam, quer queiramos ou não, cada dia mais solidários com pensamentos e paixões comuns. Todas essas forças de dentro e de fora deixam de ser uma escravidão. Sob essas múltiplas influências que nos cimentam e nos forjam não haverá com efeito uma Antropogênese que prossegue o seu trabalho de hominização?

Quanto mais se observa, sob este ponto de vista, a massa humana, em seu duplo aspecto de inacabamento monstruoso e de inelutável aproximação, tanto menos é possível escapar à evidência de que somos atualmente os sujeitos de uma transformação orgânica profunda de tipo coletivo. Sejam quais forem os aperfeiçoamentos ainda esperados do sistema nervoso humano, esta modificação particular já não representa, aparentemente, mais que um acontecimento secundário e subordinado no fenômeno total. Não é na direção de indivíduos anatomicamente supercerebralizados, mas na de grupamentos super-socializados que nos devemos orientar, caso pretendamos cientificamente adivinhar a imagem da Super-Humanidade.

Isto, no entanto, com uma restrição ou precaução importante, na qual devo insistir antes de continuar.

A idéia de comparar a Humanidade, tomada em seu conjunto, ou a um «cérebro de cérebros», ou a um formigueiro, não é nova. Mas, sob risco de levar a grosseiros erros, essas aliciantes analogias não podem ser seguidas a não ser com a condição de respeitar a propriedade absolutamente única, possuída pela partícula humana, de constituir um núcleo dotado de reflexão e centrado sobre si mesmo.

Abaixo do Homem, na escala evolutiva das complexidades, as unidades animadas se comportam pricipalmente como elos, ou então como engrenagens, nos phyla e nos conjuntos sociais a que pertencem. Transmitem mais do que são.

<sup>&</sup>lt;sup>4</sup>Considerado em sua cerebralização coletiva (ou social), observa J. Huxley, o Homem se acha ainda aproximadamente no estágio batráquio.

A partir do Homem, ao contrário, mudam as condições. Em virtude mesmo do fenômeno da «reflexão», a partícula viva se fecha definitivamente sobre si. Começa a agir e a reagir como um centro de valor incomunicável, e portanto intransmissível. Vive para si, como também e ao mesmo tempo para os outros. É personalizada.

Isto não significa, como o afirmam algumas teorias científicas e moralmente nocivas, que, a partir e pelo fato de seu acesso ao Pensamento, o ser humano individual escaparia a qualquer ligação e desenvolvimento ulteriores, no plano filético ou coletivo, como se o Universo nele culminasse. Isto no entanto acarreta uma importante consequência, a saber: Em virtude de sua natureza corpuscular particular, o Homem se tornou estruturalmente incapaz de entrar de forma estável, a título de elemento, em toda «complexidade» de ordem superior cujo efeito não pudesse conservar, ou mesmo aumentar nele o estado e o grau de personalidade.

Coletivização, supersocialização, no caso do Homem, só podem portanto significar superpersonalização, isto é, em última análise (pois só as forças do amor possuem a propriedade de personalizar unindo), simpatia e unanimidade.

É na direção e sob a forma de um só «coração», melhor ainda que de um só cérebro, que devemos procurar representar-nos a Super-Humanidade.

#### 3. Pré-influência

ionnities sente adivioles

Não só é o advento de uma Super-Humanidade garantido por tudo aquilo que sabemos da marcha passada no Universo; não somente os seus progressos são atualmente legíveis, para quem sabe ver, num feixe de ligações políticas, econômicas e psicológicas que todo dia nos tornam um pouco mais incapazes de viver, pensar e procurar sozinhos; — mas ainda, se não me engano, sua aproximação se faz sentir diretamente numa transformação característica dos dados mais imediatos e mais profundos de nossa consciência.

Sob a influência da coletivização humana que vai ascendendo, começamos a apreciar mais criticamente as condições necessárias ao jogo natural de nossa liberdade e

nossa ação; e, por conseguinte, distinguimos mais nitidamente as condições de realidade a que deve satisfazer, para ser visível o Universo que nos contém.

Eis o que ainda me falta mostrar.

### a) As novas exigências da Ação

Enquanto o indivíduo humano não tem consciência de viver e trabalhar a não ser por sua própria conta, hesita em mostrar-se demasiado «meticuloso» quanto ao valor e à sorte dos frutos de sua operação. Mais ou menos obscuramente, sem dúvida, ambiciona chegar ao extremo de si mesmo, e deixar empós de si um traço de sua passagem pela vida. Mas ele conhece igualmente muito bem as precariedades e os azares da existência para ousar gabar-se—ele, elemento perdido na massa— de ter obtido êxito e permanecer.

Por outro lado, porém, à medida que, à luz ascendente dos fatos, começa a compreender que o verdadeiro extremo de si mesmo reside, muito à frente e acima, no Termo de uma organização super-humana, sente legitimamente crescer sua ambição e suas exigências. — Na escala individual o fracasso e a morte podem parecer apenas acidentes estatisticamente inevitáveis. Na escala do Todo se apresentam como escândalo inadmissível. A Meta total não é da mesma ordem que as metas elementares. Ou, mais exatamente, por sua própria natureza não pode ser «uma meta» fixa e fechada sobre si mesma.

Assim se explica, a meu ver, o gradual e irresistível despertar do sentido (ou mais precisamente da exigência) de infalibilidade e irreversibilidade no coração da atividade humana. Sempre mais explicitamente o Homem apenas consente em servir a Vida sob a condição de que seus esforços, suas descobertas e progressos assinalem uma marcha para a frente que não poderia abortar nem retroceder. Não desconheço as objeções dialéticas e psicológicas, pelas quais uma certa filosofia agnóstica ou «realista» procura minar a solidez desta intuição. Mas acredito que essas análises dissolventes não conseguem subsistir diante do caráter biologicamente necessário do fenômeno. Assim como o

raciocínio não poderia impedir a Terra de girar, a Vida de subir, a Inteligência de procurar compreender, e a Humanidade de soldar-se sobre si mesma — muito menos pode prevalecer diante da realidade de uma tendência que arrasta e transforma sob nossos olhos toda a massa da Terra pensante. Pouco importa a idéia que podiam formar-se, a este propósito, as gerações que nos precederam — aquelas para quem não existia a Dimensão Duração nem a idéia de Evolução. Mas, no que tange aos homens de nossa época, penso que sensibilizados pelos primeiros raios da Super-Humanidade em nosso horizonte, haveriam de sufocar tão certamente numa antropogênese fechada e reversível como se o oxigênio viesse a desaparecer da superfície da Terra. Exigência inexplicável talvez, por ser mais primitiva que todos os outros dados de nossa consciência — mas exigência que se deve aceitar, em todo caso, como uma característica essencial da corrente evolutiva que nos ampara e nos arrasta.

#### 

Concluindo, há pouco, nossa análise sobre a figura do Futuro humano, observávamos que, em toda hipótese, a Super-Humanidade só pode ser concebida como superpessoal. Assim o exige a natureza reflexa das partículas humanas que não poderiam evidentemente diminuir de «centreidade» no decorrer de uma transformação cujo efeito consiste em supercentrar sobre si o Universo.

Eis que agora, dando mais um passo, acabamos de descobrir que a mesma Super-Humanidade só pode continuar a se formar caso os elementos que, livremente a ela se agregam, vejam aflorar diante de si a evidência de que a operação em que estão comprometidos é irreversível. Assim o exige a natureza total da meta que se deve atingir e à qual é mister subordinar-se.

Unamos, para concluir, uma à outra essas duas condições de possibilidade impostas pelo estofo cósmico aos desenvolvimentos da antropogênese. Perguntemo-nos, em outros termos, aonde irá culminar, em última análise, um sistema de elementos pessoais, e portanto incomunicáveis, submetidos a um movimento de personalização (isto é, de centração) irreversivelmente prolongado, sempre no mesmo sentido, para além deles mesmos.

Basta refletir um instante para perceber que semelhante processo de síntese não pode ser levado ao extremo sem fazer surgir, ao termo da tendência universal, e em conformidade com a Lei de Complexidade, um foco superpessoal e superpersonalizante em que todos os átomos reflexivos do Mundo se encontrem finalmente reunidos, supercentrados e consolidados.

Por mais improvável que pareça esta proposição, o Universo não pode ser pensado em plena coerência com as exigências externas e internas da antropogênese sem assumir a forma de um meio psíquico convergente. Termina necessariamente, para diante, em algum pólo de superconsciência em que persistem e «sobre-vivem» todos os grãos personalizados de consciência. Culmina num Ponto Omega.

Eis as conjecturas que a experiência nos obriga a formular, se prolongamos até seu limite natural as linhas do fenômeno humano.

Mudemos agora, de um extremo a outro, de perspectiva. Isto é, depois de termos procurado avançar de baixo para cima, seguindo as vias experimentais da Ciência, olhemos agora as coisas de cima para baixo, a partir dos ápices em que o Cristianismo e a Religião nos colocam.

## al II. SUPER-CRISTO, as objected of and object of the later of the lat

Com «Super-Cristo» não quero de forma alguma designar um outro Cristo, um segundo Cristo diferente do primeiro e maior que ele; mas entendo o mesmo Cristo, o Cristo de sempre, revelando-se-nos sob uma imagem e dimensões, com urgência e superfície de contacto, ampliadas e renovadas.

Na consciência crista a aparição de um Cristo assim ampliado resulta imediatamente, é fácil vê-lo, do aparecimento, na consciência humana, da Super-Humanidade.

«Apparuit humanitas». Por natureza e função, Cristo resume em si e consuma a totalidade e a plenitude da Humanidade. Neste ponto todos os crentes são unânimes. Se,

por conseguinte, a nossa razão deve com evidência admitir (como acabamos de vê-lo) que algo maior do que o Homem atual se acha em gestação na Terra, então, a fim de poder continuar adorando como outrora, devemos poder repetir, de olhos postos no Filho do Homem: «Apparuit Super-Humanitas».

O Cristo coincide (chegando mesmo a aprofundá-lo)

com o que designei acima de Ponto Omega.

Cristo, por conseguinte, possui todos os atributos super-

humanos do Ponto ômega.

Duas proposições em que se resumem, a meu ver, as expectativas apaixonadas e os progressos (já em curso) de nossa Cristologia.

#### 1. O Cristo ômega

Podemos virar e revirar as coisas como quisermos, o Universo não pode ter duas cabecas — não pode ser «bicéfalo». Por mais sobrenatural, por conseguinte, que seja finalmente a operação sintetizante reivindicada pelo Dogma para o Verbo Encarnado, esta não poderia exercer-se em divergência com a convergência natural do Mundo, tal como a definimos acima. Centro universal crístico, fixado pela teologia, e Centro universal cósmico, postulado pela antropogênese: os dois focos, no final das contas, coincidem (ou ao menos se equivalem) necessariamente no meio histórico em que estamos situados. Cristo não seria o único Motor, o único Fim do Universo, se o Universo pudesse, de qualquer forma, agrupar-se, mesmo num grau inferior, fora d'Ele. Cristo, muito mais, encontrar-se-ia aparentemente na incapacidade física de centrar sobre si mesmo, sobrenaturalmente, o Universo, se este não tivesse propiciado à Encarnação um ponto privilegiado em que todas as fibras cósmicas, por estrutura natural, tendem a reunir-se. Portanto, para Cristo, de fato, se voltam nossos olhos quando, em qualquer grau de aproximação, olhamos à frente para um Pólo superior de humanização e de personalização.

Cristo, hic et nunc, ocupa para nós, em posição e fun-

cão, o lugar do Ponto Omega. P. cantinamuni liproqui

Quais, para nossa inteligência e para nosso coração, as consequências teóricas e práticas desta identificação?

#### 2. O Cristo Evolutor

A despeito das repetidas afirmações de São Paulo e dos Padres Gregos, o poder universal de Cristo sobre a Criação foi sobretudo considerado até aqui pelos teólogos sob um aspecto extrínseco e jurídico. «Jesus é o rei do Mundo porque seu Pai assim o declarou. É o Senhor de tudo porque tudo lhe foi dado». Os doutores de Israel não iam — não gostavam de arriscar-se — muito mais longe nas suas explicações do Dogma. Exceto no que tange a misteriosa «graça santificante», a face orgânica e, portanto, os pressupostos (ou condições físicas) da Encarnação eram deixados na penumbra — tanto mais que os recentes e espantosos crescimentos do Universo em torno de nós (em Volume, Duração e Número) pareciam tornar definitivamente inimaginável um controle físico, pela Pessoa de Cristo, da totalidade cósmica.

Tudo o que parece improvável se desfaz, e as expressões mais audaciosas de São Paulo ganham sem dificuldade um sentido literal no mesmo instante em que o Mundo se revela suspenso, por sua face consciente, a um ponto de convergência Omega, e onde Cristo aparece, em virtude de sua Encarnação, precisamente revestido das funções de Omega.

Se, com efeito, Cristo ocupa no céu de nosso Universo a posição de Omega (coisa possível, pois Omega, por estrutura, é de natureza superpessoal), então toda uma série de propriedades notáveis se torna o apanágio de sua Humanidade ressuscitada.

Física e literalmente, em primeiro lugar, Ele é aquele que enche: nenhum elemento do Mundo, em qualquer instante do Mundo, jamais se moveu, se move ou jamais se há de mover fora de seu influxo diretor. O Espaço e a Duração estão repletos d'Ele.

Física e literalmente, ainda, Ele é aquele que consuma: como a plenitude do Mundo somente termina na síntese final em que há de aparecer uma consciência suprema sobre a complexidade total sumamente organizada; e, como Ele, Cristo, é o princípio orgânico desta harmonização, todo o Universo se encontra, ipso facto, marcado por seu caráter, marcado por sua escolha, animado por sua forma.

Física e literalmente, enfim, pois como n'Ele todas as linhas do Mundo convergem e se reúnem num só todo, é Ele que dá consistência a todo o edifício da Matéria e do Espírito. N'Ele, por conseguinte, cabeça da Criação, acaba e culmina, em dimensões universais e em profundezas sobrenaturais, mas em harmonia com todo o Passado, o fundamental processo cósmico da Cefalização.

Na verdade, será exagerado falar em Super-Cristo para acentuar este «excesso» de grandeza assumido em nossas consciências pela Pessoa de Jesus correlativamente ao despertar de nosso pensamento para as superdimensões do

Mundo e da Humanidade?

Não um outro Cristo, repito. Mas o mesmo Cristo, ainda e sempre. E muito mais o mesmo, pois foi justamente para lhe conservar a propriedade essencial de ser co-extensivo ao Mundo que fomos levados a fazê-l'O passar por essa prodigiosa ampliação.

Cristo Omega. Portanto, Cristo Animador e Coletor de todas as energias biológicas e espirituais elaboradas pelo

Universo. Finalmente, portanto, Cristo Evolutor.

Tal a imagem, explicitada e generalizada, sob a qual o Cristo Redentor e Salvador se apresenta agora à nossa adoração.

# III. SUPER-CARIDADE

Afirmar que o Cristo é termo e motor da Evolução, dizer que Ele se revela como «Evolutor» significa reconhecer implicitamente que Ele se torna atingível em e através de todo o processo da Evolução. Quais as consequências, para a nossa vida interior, desta extraordinária situação?

São três, e poderiam exprimir-se desta forma: «Sob a influência do Super-Cristo nossa caridade se universaliza;

dinamiza-se e se sintetiza».

Estudemos sucessivamente os termos desta tríplice transformação:

1) Nossa caridade, primeiramente, se universaliza. Por definição e desde sempre, o cristão é alguém que ama a Deus e ao próximo como a si mesmo. Mas esse amor não ficou quase sempre, até aqui, particularista e extrínseco na

sua explicitação? Cristo, para muitos crentes, é ainda a misteriosa personagem que, depois de ter atravessado a História, há uns dois mil anos, reina agora em um Céu separado da Terra. E o próximo é sempre uma poeira de individualidades humanas, multiplicadas sem regra nem motivos apreciáveis, e associadas entre si por uma trama arbitrária de leis e convenções. — Pouco lugar resta, ou mesmo lugar nenhum, nesta perspectiva, para as imensidões da Matéria sideral ou viva, para a multidão dos elementos e acontecimentos naturais do Mundo, para o impressionante desenrolar dos processos cósmicos.

Pois bem, é precisamente este pluralismo, tão desconcertante para nossos corações, que se desvanece diante dos raios do Super-Cristo, para dar lugar a uma esplêndida e cálida unidade.

E, de fato, como afinal de contas tudo no Universo se move rumo ao Cristo ômega; como numa Cristogênese se exprime, afinal, mediante a Antropogênese, toda a Cosmogênese, é então, na integridade de suas camadas tangíveis, que o Real é penetrado por uma divina Presença. Como já o sentiam e pressentiam os místicos, tudo se torna física e literalmente amável em Deus; e Deus, reciprocamente, se torna apreensível e amável em tudo aquilo que nos cerca. Na largura e profundeza de seu estofo cósmico, no enlouquecedor número dos elementos e acontecimentos que o compõem, e igualmente na amplidão das correntes gerais que o dominam e o arrastam, como um único e enorme caudal, o Mundo, cheio de Deus, agora aparece a nossos olhos desmesuradamente abertos como um meio e objeto de universal comunhão.

2) Nossa caridade, em segundo lugar, dinamiza-se. Amar a Deus e ao próximo, até aqui, poderia parecer simples atitude de contemplação e comiseração. Amar a Deus não seria emergir acima das distrações e paixões humanas, para descansar na luz e no calor imutável do Sol divino? — Amar o próximo não seria sobretudo pensar as feridas dos irmãos e minorar seus sofrimentos? — Desapego e piedade; evasão do Mundo e atenuação do Mal: não poderiam essas duas notas justamente representar, aos olhos dos Gentios, as características cristãs da caridade?

Pois bem, aqui ainda, tudo se transforma e se amplifica, tudo se anima em nossas perspectivas, à medida do Cristo universalizado.

Se com efeito, repito-o, todo o andamento do Mundo obedece a uma Cristogênese (isto é, o que dá no mesmo, se o Cristo só é plenamente atingível ao termo e no ápice da Evolução), então, com toda a evidência, dele só poderemos aproximar-nos e alcançá-lo no esforço para tudo n'Ele consumar, sintetizar. E, por esse mesmo motivo, tanto a ascensão geral da Vida rumo a maior consciência como o esforço humano, todo ele, caem organicamente e com todo o direito nas preocupações e ambições da caridade. Para amar o Super-Cristo devemos a todo custo, tanto em nós mesmos como em cada um de nossos co-elementos (principalmente nos outros «grãos de pensamento» — nossos irmãos) fazer avançar o Universo e a Humanidade.

Cooperar na Evolução cósmica total é o único gesto em que se pode exprimir adequadamente nossa devoção a um Cristo evolutor e universal.

3) E nossa caridade, ipso facto, sintetiza-se. Este termo, à primeira vista, pode parecer obscuro. Expliquemo-lo.

No pormenor e na escala da vida «ordinária» boa parte de nossas atividades escapa ao amor. Amar (entre «pessoas») é atrair-se e aproximar-se centro a centro. Ora, esta condição «cêntrica», em nossas existências, é bem pouca vez realizada. Ou porque lidamos com objetos (materiais, infraviventes ou intelectuais) de natureza a-centrada e impessoal, ou porque nas nossas relações inter-humanas somente abordamos nossos semelhantes «tangencialmente», por interesse, por função ou para negócios — quase sempre trabalhamos, gozamos, procuramos, sofremos sem amar — e sem mesmo suspeitar que poderíamos amar — aquilo que nos ocupa. Assim a nossa vida interior permanece dividida, pluralizada.

Que sucede, porém, se acima (ou melhor, no coração) desta pluralidade se levanta a realidade central do Cristo Evolutor? — Em face de sua posição no ômega do Mundo, Cristo, assim o vimos, representa o foco para o qual e no qual tudo converge. Apresenta-se como uma Pessoa com a qual toda a realidade (contanto que seja tomada no

sentido positivo adequado) realiza uma aproximação e um contacto segundo uma única direção possível: a linha dos centros.

Que significa isto, senão que toda operação, uma vez orientada para Ele, assume, sem alterar-se, o caráter psíquico de uma relação centro a centro, ou seja, de um ato de amor?

Beber, comer, trabalhar, pesquisar; criar verdade ou beleza ou felicidade: tudo isto nos poderia parecer até então atividades heterogêneas, desconexas, e irredutíveis entre si, uma vez que amar era apenas um entre os diversos bracos dessa torrente psíquica divergente.

Mas eis que agora, dirigido para o Super-Cristo, o feixe se condensa. Semelhantes às inúmeras nuanças que se combinam, a natureza, para produzir uma só luz branca, assim as infinitas modalidades da Ação, sem confundir-se, fundem-se num único matiz sob a poderosa influência do Cristo Universal; e neste movimento, o Amor assume a dianteira. O amor, não só como fator comum que leva a multiplicidade das operações humanas a uma unidade, mas o amor forma superior, universal e sintética de energia espiritual, na qual todas as outras energias da alma se transformam e se sublimam, contanto que ao menos caiam sob a influência «do campo ômega».

A única ambição do cristão, a princípio, era poder amar, sempre e em qualquer atividade, ao mesmo tempo que agia. Percebe agora que pode amar agindo, isto é, unirse diretamente ao centro divino por sua própria ação, seja qual for a forma desta ação.

Nele toda atividade — se ouso afirmar — se «amoriza». E como poderia ser de outra maneira, se o Universo deve conservar seu equilíbrio?

Para a Super-Humanidade um Super-Cristo.

Para o Super-Cristo uma Super-Caridade.

# ciparaire, com intensificação acixima de taciona concerna

## Coerência, Ativância, Verdade ano obabizita ob anano

Mais acima, quando indiquei a ascensão em nosso horizonte da Super-Humanidade, observava que a nova auro-

<sup>&</sup>lt;sup>5</sup> Por "ativância" entendo a capacidade que uma perspectiva intelectual ou mística possui de desenvolver e super-excitar em nós as energias espirituais

ra se manifesta em nossas consciências por um sentido e uma exigência mais explícita da Irreversibilidade do Espírito. O presente estudo seria incompleto se eu não observasse agora que, por um fenômeno parecido, e ainda mais acentuado, o Super-Cristo ascendente pré-age, também sobre nossos corações, de maneira registável — precisamente despertando-os para o ato de Super-Caridade.

Quando descrevia eu, há pouco, a natureza e os atributos desta virtude suprema, o leitor poderia ter julgado que desenvolvia simplesmente, de forma abstrata e para um futuro distante (levando-as de resto a seu limite extremo) as conseqüências lógicas, para nossa vida interior, da fé num Cristo Universal. De fato, quis eu deveras falar bem concretamente e no presente. Neste momento mesmo existem homens (e são muitos) nos quais a conjunção vivencial das duas idéias de Encarnação e Evolução chega a realizar a síntese do Pessoal e do Universal. Pela primeira vez na história os homens, agora não só capazes de conhecer e servir, mas de amar a Evolução, começam a poder dizer explicitamente a Deus, habitualmente e sem esforço, que o amam não mais apenas com todo o coração, com toda a alma, mas «com todo o Universo».

Ao concluir, gostaria ao menos de sugerir o quanto tem de notável este acontecimento psicológico, mesmo considerado sob um aspecto meramente experimental.

De maneira geral, já o vimos, pode-se afirmar que o Universo, considerado em sua fração ascendente, tende a reunir-se do lado onde a complexidade organizada é mais elevada. A isto deve-se acrescentar que ele se dirige no mesmo movimento, para regiões e para um estado de sempre maior atividade.

Tais as duas leis fundamentais da «Psicodinâmica».

E agora, eis que a Super-Caridade se nos apresenta em sua própria natureza: do ponto de vista «complexidade», como uma totalização completa; e, do ponto de vista dinâmico, com intensificação máxima de todas as possíveis formas de atividade consciente, pois, nela, tudo se torna amor, e o amor é a forma mais intensa que a energia espiritual poderia assumir.

Unamos entre si estes dois grupos de proposições.

Impõem-se por si mesmas duas conclusões.

A primeira é de que com o despertar na Terra da Super-Caridade, já se fazem sentir as primeiras manifestações de uma transformação que há de se estender progressivamente a toda a Noosfera, de maneira a levá-la a seu estado de equilíbrio final.

E a segunda é de que os dois princípios conjugados de coerência e ativância, sob cuja influência somente é possível a Super-Caridade — refiro-me à Super-Humanidade e ao Super-Cristo — não são fantasias, um sonho, mas comportam em si (a julgar por seu fruto) uma marca infalível de objetividade e verdade.\*

1. O Principio do Máximo. Vocasa Crast

Pogo a rance, no pressuorite humano, tenda o prolatera de Capherimento a coordepar-se, ou est mestae assabreritam-se de problema da Ayão. Para a ideacria entique esca que principalmente emblecera. Para a filosofía escapera, esca iteras-se, ciacobra de cerescera a vievira.

o chieto da presente Nota não é analisar as causas e aracessa, acan reconhectr o termo possível devic fendacente a acatal devic fendacente maneira mais simples e prática, men objetivo aquibate a fendacente e resentiar até onde levam, sequidos em seuticos em seuticos em cigar, en princípios de unar filosofia da Ação.

Nas interpretivas de uma Metalísica da Miño, o postadade de ser plona e indefinidamente inteligiorel à nossimante de ser plona e indefinidamente inteligiorel à nossimante de ser plona e indefinidamente inteligiorel à nossimante de vista da Acão, o pressuposto findamente do ponto de vista da Acão, o pressuposto findamente de serveto de nossos enforços inteligibles não seria o de que este mesmo Real deve ser cindicipal e apartida de Noutras palavras, mão haveria contradição, desequilidades Noutras palavras, mão haveria contradição, desequilidades a mostrasse, ainda que num só ponto, superior à possibilidades que lhe oferece o meio cósmico?

Quanto mais se reflete meste sentido, tanto mais se chesa à encicano de que rictivamente a 1841 bhiotoga mipeque

## Ação e Ativação

#### 1. O Princípio do Máximo. Forma Geral

Pouco a pouco, no pensamento humano, tende o problema do Conhecimento a coordenar-se, ou até mesmo a subordinar-se ao problema da Ação. Para a filosofia antiga, «ser» era principalmente «conhecer». Para a filosofia moderna, «ser» torna-se sinônimo de «crescer» e «devir». Justamente com a Física, a Metafísica vai aos nossos olhos se dinamizando.

O objeto da presente Nota não é analisar as causas e o processo, nem reconhecer o termo possível deste fenômeno. De maneira mais simples e prática, meu objetivo aqui é pesquisar e ressaltar até onde levam, seguidos em seu pleno rigor, os princípios de uma filosofia da Ação.

Nas perspectivas de uma Metafísica da Visão, o postulado implicitamente admitido era que o Real possui a propriedade de ser plena e indefinidamente inteligível à nossa razão. De forma semelhante, do ponto de vista da Ação, o pressuposto fundamental e secreto de nossos esforços intelectuais não seria o de que este mesmo Real deve ser atuável e ativante ao máximo e até ao extremo, para nossa vontade? Noutras palavras, não haveria contradição, desequilíbrio ontológico no Mundo se nossa capacidade de desejar e agir se mostrasse, ainda que num só ponto, superior às possibilidades que lhe oferece o meio cósmico?

Quanto mais se reflete neste sentido, tanto mais se chega à convicção de que efetivamente a condição essencial e primeira de realidade imposta por nosso sujeito humano ao objeto universal é, para este, representar um maximum, não só de verdade, mas de atração: não um máximo absoluto e «em si» como no otimismo leibnitziano (terá ele porventura algum sentido?), mas máximo relativo com respeito a nossas capacidades e aspirações de compreender e construir.

«Por necessidade orgânica e metafísica, o Mundo não pode ser inferior, em coerência nem interesse, às exigências derradeiras de nossa razão e de nossa alma». Ou, em forma positiva: «Aquilo que nossa razão e nosso coração exigem essencial e positivamente para serem satisfeitos, o Mundo o possui». Ou ainda: «O mais inteligível e o mais ativante é necessariamente o mais real e o mais verdadeiro».

Deixando de lado, neste princípio do Máximo, o primeiro termo (o referente à inteligibilidade, mais conhecido ou menos fecundo), detenhamo-nos aqui no segundo membro, aquele referente à Ação.

## 2. O Princípio de Ativância Máxima. Principais conseqüências

Limitado ao domínio da Ação, o Princípio do Máximo significa, acabamos de vê-lo, que, para ser intrinsecamente coerente com a presença nele de nossa vontade refletida, o Universo deve não somente abrir-nos um campo de ação, positivo, de um valor qualquer. Deve ainda este campo ser tal que, quando solicitarmos por mais ser, o Real se mostre capaz de sempre responder, sem achar-se jamais em falta nem esgotar-se nunca. Em relação a nosso gosto de agir, o Mundo, por estrutura, deve apresentar uma potência de excitação (uma ativância) máxima. Para ser simplesmente atuável, deve ser sumamente ativante.

Uma vez isto posto e admitido, é claro que dispomos de um verdadeiro instrumento para triangular, se o quisermos, por seus mais altos vértices, o Universo que nos cerca. Suponhamos com efeito que, por reflexão sobre nós mesmos, cheguemos a determinar um certo número de propriedades capitais sem as quais o Mundo perderia claramente para nós uma parte importante (e, mais ainda, uma parte vital) de sua ativância. Então, em virtude justamente de nosso postulado, estaríamos no direito de afirmar que essas propriedades pertencem real e objetivamente ao Mundo. Nesses limites e nessas alturas, a lei de nossas ambições tornase a lei das coisas.

Ora — eis aí toda a questão — existem semelhantes propriedades? Sim, tenho toda a certeza, existem — e em número muito maior do que imaginaríamos a princípio. E é justamente neste ponto, creio eu, nesta riqueza de exigências definidas, que a filosofia da Ação supera, do ponto de vista da análise do Real, a filosofia do Inteligível puro.

Façamos, com efeito, a experiência. Contemplemo-nos agindo. Procuremos isolar, no âmago de nossa operação intima, o meio de fundo em cujo seio nascem e pelo qual são sustentados nossos motivos e móveis de pormenor. E logo veremos surgir, impostas ao Universo, três condições gerais (cada uma correspondendo a uma espécie de máximo) sem as quais — mesmo sem apenas uma delas — os braços, as «asas» de nossa ação imediatamente se veriam cortados.

- 1) Em primeiro lugar, sob pena de desiludir e desestimular nosso esforço, deve o Mundo ser e permanecer aberto. Com isto quero dizer que a Natureza, para satisfazer-nos, deve continuamente apresentar-se a nós como um reservatório de descobrimentos de onde podemos a todo instante esperar ver brotar alguma coisa totalmente nova. Fonte sempre viva; e ao mesmo tempo cera sempre plástica, indefinidamente susceptível de receber novos retoques ou de se refundir em nossas mãos.
- 2) Em segundo lugar, o Mundo em sua marcha deve ser irreversível. Num primeiro grau isto quer simplesmente dizer que para ser deveras interessante, cada novo passo dado por nós compreende um lucro permanente, marca um degrau a mais em nossa ascensão progressiva. Mas não é só isto. Num segundo grau, sob esta primeira exigência de nossa vontade, dissimula-se uma exigência mais radical. Que o gradiente geral de nossa evolução seja positivo, que no conjunto nossas conquistas sejam aditivas, isto já representa muito. Mas isto nada seria, se pudéssemos recear ter

de descer novamente um dia do ápice aonde nos conduz esta evolução. Mais literalmente do que poderia ambicionar o bom Tucídides para sua história, o Homem, no seu mecanismo interno, acha-se montado de tal sorte que só pode abalar-se sob o atrativo de um ktema eis aei, ou seja, de uma «obra para sempre». Este é o fato, tão antigo e trivial em suas raízes quanto a consciência humana, mas foi necessário o aparecimento da psicofilosofia moderna da Ação para lhe medirmos exatamente o imenso alcance.

3) E, em terceiro lugar, o Mundo, considerado no fruto que amadurece secretamente no seio de sua gênese, deve conter ou preparar algo de único e indispensável para a plenitude do Real. Sob uma forma que ainda se deve precisar conforme as exigências da Metafísica, é mister — pois sem isto perderia a nossos olhos todo o atrativo — que a evolução cósmica efetue através de nós uma obra de valor absoluto.

Mundo aberto — Mundo irreversível — Mundo absolutamente precioso: eis o único tipo de Mundo em que nossa alegria de agir poderia ser completa...

Se alguém por acaso me objetasse, nesta altura, que não experimenta, quanto a si, a necessidade, para poder agir, de sentir-se amparado por semelhantes espaços, dirlhe-ia que não sabe talvez decifrar-se a si próprio — ou então, provavelmente, ainda não despertou plenamente para a alma de seu tempo. Porque, a despeito de nossas ilusões imobilistas, a consciência humana varia e se vai enriquecendo no decorrer dos séculos. Na espécie, bem como no indivíduo, certas evidências e certas aspirações só vão aparecendo com a idade. Quanto às três exigências que acabo de enumerar, as três condições prévias que a nossa liberdade coloca ao Universo antes de consentir em esposar sua evolução, ao que parece, somente ainda uma minoria começa a formulá-las. Mas a propósito desta minoria já se pode afirmar: ela de fato está abrindo neste momento a brecha por onde todos passarão no futuro. A ela me dirijo.

meste, o Universe consciente não pode numer de manela alguma. Morte lotalle atividade reflexa são comicam es

#### 3. O Princípio de Ativância Máxima. Consequências secundárias

Deixando portanto de lado, aqui, toda discussão ulterior, quer sobre a validade geral do princípio de ativância máxima, quer sobre a legitimidade das três consequências principais que acabamos de deduzir, demos um passo a mais e procuremos ver se, por acaso, não se imporiam algumas modificações de fundo em nossa maneira habitual de pensar uma vez que nos decidimos enfim a instalar-nos, logicamente e até ao extremo, num Universo aberto, irreversível e carregado de absoluto.

- 1) O Mundo, em primeiro lugar, é aberto, e deve permanecer assim. Se pois por alguns elementos dele mesmo, em algumas de suas zonas inferiores, acontece-lhe esgotarse sob nossas investigações e como que preencher-se, podemos ter a certeza, por outro lado, que, por seus vértices e no seu conjunto, continua sendo fonte inesgotável de renovação e crescimento. Isto significa que toda moral, toda filosofia, toda teologia (mesmo «revelada») são a priori suspeitas e mesmo condenadas, desde que e na medida em que pretendam tracar em torno de nossas potências de rejuvenescimento e descobertas um circulo fechado. Quanto mais bem sucedida uma síntese, quanto mais verdadeira uma idéia, tanto mais amplos e mais inesperados os novos horizontes que desvelam à pesquisa. Não será o envenenamento das ortodoxias fechadas que leva à morte, um após outro, os sistemas filosóficos e ameaca da maneira mais grave a existência das religiões?
- 2) O Mundo, em segundo lugar, é irreversível, isto é, considerado na sua essência evolutiva, imperecível. Prisioneiros perpétuos num planeta cujos dias estão contados, procuramos preguiçosamente, para adormecer a ameaça que pesa sobre nós, lançar seu prazo de vencimento para uma data afastada e sobretudo indeterminada. Mas uma tática mais ou menos válida quando se trata de nossas existências individuais não passa de um gesto pueril no caso do Universo. Não, sob pena de nos decepcionar radicalmente, o Universo consciente não pode morrer de maneira alguma. Morte total e atividade reflexa são cosmicamente

incompatíveis. Não há saída. Isto significa que, para escapar ao círculo mágico da Entropia, este Karma científico que, na aparência, deveria inelutavelmente remeter-nos para trás na inconsciência com toda a massa das nebulosas e a multidão das estrelas, a nossa ação deve encontrar, com todas as forças, uma tangente para escapar e um ponto fixo transcendente para se apegar, fora do fenômeno? Como era de se esperar: o problema de um primeiro Motor e de um último Coletor à frente não diminui. Pelo contrário, aumenta em importância e urgência, com os formidáveis acréscimos impostos pela Ciência às nossas representações do Universo. Não só no pensamento dos filósofos ou na contemplação dos místicos, mas também na consciência humana em geral, o sentimento de uma Presença divina subjacente à Evolução pede para ser explicitado como um suporte último e habitual da Ação.

3) O Mundo, finalmente, na sua gênese, vai amadurecendo algo de absoluto. Aqui, mais uma vez, esbarramos, e com maior violência ainda, com a antinomia em que bate desde sempre a razão humana quando tenta unir entre si Unidade e Pluralidade no seio do Universo. Como Deus só pode ser concebido como monopolizando em si a totalidade do ser: ou o Mundo não passa de aparência, ou então é ele mesmo uma parte, um aspecto ou uma fase de Deus. Para escapar do dilema, a metafísica cristã desenvolveu a noção de ser participado — forma inferior ou secundária de ser («sub-ser», poderíamos dizer), gratuitamente tirada do «nada» por um ato especial de causalidade transcendente, a «creatio ex nihilo». De forma alguma quero contradizer esta idéia de uma distinção ontológica entre o Centro divino e os centros elementares que formam o Mundo: ela é essencial, vê-lo-emos a seguir, para respeitar as exigências místicas de um Universo sumamente «comungante». Do ponto de vista da Ação todavia, observarei que a solução cristã, se não a levamos para além de si própria, não consegue certamente preencher as condições de ativância impostas hoje ao Universo pelos progressos do pensamento moderno. Uma criação inteiramente gratuita, um gesto de

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> Duma teologia que, por não ter compreendido que deveria como todo conhecimento humano, admitir desenvolvimentos imprevisíveis, fixara de maneira exagerada seus limites (N.E.).

pura benevolência, só tendo como objeto para o Ser absoluto o partilhar sua plenitude com um séquito de participantes, dos quais não tem rigorosamente necessidade alguma, poderia satisfazer a espíritos não ainda despertados para a enormidade espácio-temporal, para as imensidões energéticas e as insondáveis ligações orgânicas do Mundo fenomênico. Mas quanto a nós, que nos tornamos conscientes (e com acuidade) da majestade, da implacabilidade e da potência deveras «divina» da evolução cósmica, sentir-nosíamos feridos em nossa honra de ser e em nosso respeito por Deus se todo esse enorme aparato, com seu prodigioso fardo de trabalhos e penas, não fosse mais que uma espécie de brinquedo cuja única meta seria beatificar-nos. Que nós mesmos e em nós mesmos nada somos inicialmente, nada até ao mais íntimo de nós mesmos, isto aceitamos; e muito mais ainda nosso amor para ser integral (cf. infra) disto necessita positivamente. Mas o fato de podermos de certa maneira ter consciência de «servir a Deus», para que Deus acrescente alguma coisa a si mesmo, eis o que certissimamente romperia no fundo de nossa liberdade as molas intimas da Ação. Ser felizes? Mas para que desejaríamos a felicidade egoísta de compartilhar a alegria do Ser supremo quando podemos sonhar com a felicidade infinitamente superior de completá-la!... E em primeiro lugar, por mais gratuita que a suponhamos, a Criação «ex nihilo» não se traduz inevitavelmente (digam o que disserem os teorizadores do ser participado) por um acréscimo absoluto de unificação e, portanto, de unidade, no Real pleromizado?

Não possuo autoridade nem competência para decidir qual o ponto exato em que se deveria efetuar a «transposição de conceitos» necessária para justificar as ambições ultimamente aparecidas no coração do Homem que se tornou consciente das verdadeiras dimensões e, portanto, do verdadeiro valor de seu Universo. Só posso dizer que esta transformação, para salvar o valor do Mundo sem tocar em Deus, deve ser profunda, e atingir o próprio âmago de nossa ontologia. Filosoficamente, vivemos sempre num antiqua-

do corpo de pensamento, comandado pelas nocões de imobilidade e substância. Ora, essas duas nocões-chave, obscuramente fundadas e moldadas em evidências sensoriais que se poderia julgar «perenes» e inatacáveis, não foram abaladas por uma Física que está suprimindo vitoriosamente. para a razão, toda distinção real entre extensão e movimento, entre corpúsculos e ondulações, entre matéria e luz, entre espaço e tempo?... Sob a pressão e o contágio dessas revolucionárias revisões (cujo resultado, em cada caso, produz o aparecimento de um vínculo necessário entre pares de realidades que até aqui nos pareciam tão independentes quanto possível) não estaremos nos encaminhando inevitavelmente rumo a uma concepção totalmente nova do ser, em que se associariam, numa função sintética geral (cf. as funções algébricas com um termo imaginário) os atributos até agui contraditórios do «ens ab alio» e do «ens a se». do Mundo e de Deus: Deus completamente heterogêneo ao Mundo, e no entanto não podendo passar sem ele, \*

## 4. Ação e União a stot e uto atogeo . duambant . Au

Compreender e querer, inteligência e ação: estas duas faculdades-mestras do espírito se congregam em profundeza (ou mais exatamente em altura) numa só necessidade radical de que são como derivações, aspectos ou modos: a necessidade de unificar. Quer se considere o trabalho da razão em seus esforços de síntese, quer o trabalho da vontade em suas construções (ou suas renúncias), a tendência de fundo é a mesma: colocar ordem e organização no Múltiplo, suprimir em torno de nós e em nós a Pluralidade. Se compreendemos este ponto, torna-se evidente que o Princípio do Máximo pode ser enunciado sob uma forma ainda mais geral que aquela que lhe déramos no início. Para que, entre nossas consciências e o Universo, seja completa a coerência (noutras palavras, para que o Real possua, como o exigimos, um máximo de inteligibilidade e de ativância) é preciso, em última análise, que se nos revele como

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> O problema do Ser participado sempre constituiu a "crux philosophorum". Pe. Teilhard, indo tão longe quanto possível na inteligência dos textos joaninos e paulinos, escrevia, em 1926: "Em virtude da interligação Matéria-Alma-Cristo... em cada uma de nossas obras trabalhamos, atômica mas realmente, na construção do Pléroma, ou seja, para propiciar a Cristo um pouco de acabamento" (Le Milieu divin, p. 50).

<sup>&</sup>lt;sup>3</sup> Penso aqui numa re-definição sintética do Ser em que, tomado sob sua forma mais geral, compreenderia imediata e simultaneamente um termo absoluto e um termo participado. O que torna insolúvel a antinomia Deus/Mundo não seria o fato de, rompendo na origem um par natural, nos obstinarmos em considerar os dois termos sucessivamente?

sumamente comungante. Isto significa simplesmente que, entre todas as representações que tentamos elaborar do Mundo, somente é real aquela que mais completamente satisfaz nossa sede de unidade.

Posto isto, será possível, como no caso da ativância, definir um tipo particular de Mundo no qual, por estrutura, o «potencial de unidade» fosse maior que em qualquer outro Mundo que poderíamos conceber e imaginar? — Sim, contanto que previamente façamos a distinção e a opção necessárias entre duas vias geralmente confundidas (e no entanto opostas!) e alternativamente experimentadas pela Mística humana em seu esforço secular por fazer que tudo seja Uno: a via de simplificação, e a via de síntese.

- a) Segundo as tendências da via de simplificação («Caminho do Leste»), o Uno se encontra, «ele se descobre» por simples supressão do Múltiplo que o esconde a nossos olhos. Caso o Mundo seja pura ilusão ou então modalidade passageira do Ser absoluto, então é necessário e suficiente que se dissipe e seja reabsorvido para que Deus apareça: Deus que, finalmente, esgota em si toda a consciência possível. Nesta perspectiva, quando alcançam a Deus, os elementos do Mundo se dissipam. O processo os despersonaliza e os absorve. Não há união, de fato: mas somente (e quando muito) fusão. O Uno, totalmente desprovido de estrutura, não pressupõe ou implica unificação alguma.
- b) Segundo os que aderem à via de sintese («Novo caminho do Oeste»), ao contrário, o Uno somente se constitui ou é encontrado pela organização do Múltiplo, e por conseguinte cada elemento, levado a seu extremo, possui a dupla propriedade essencial: 1) de convergir sobre Deus, com todos os outros elementos que o cercam; e 2) de aprofundar-se sobre si, na incomunicabilidade, à medida que atinge mais profundamente o Centro divino de toda a convergência. Nesta perspectiva, perdendo-se em Deus os elementos se acabam. A união diferencia seus termos superpersonaliza-os. Não há unidade, afinal, sem unificação.

Unidade de singularidade e Unidade de complexidade. Dessas duas concepções opostas (cada uma das quais definindo uma ascese e uma mística), a primeira tira por definição todo o interesse do Mundo e de seus desenvolvimentos. Sua ativância é nula. Podemos, portanto, sem vacilar, eliminá-la. A segunda, porém, solicita e alimenta em sumo grau nosso gosto de agir. Ela, portanto, é a boa e verdadeira. O único tipo de Universo onde poderia legitimamente se expandir nossa necessidade mística de unidade é certamente aquele onde a Evolução que nos engloba assume a forma geral de uma convergência divinizante. Mas isto posto, que condições particulares, aqui ainda, devem o Mundo e Deus satisfazer para que esta convergência (isto é, esta «comunhão») atinja seu máximo de intimidade e intensidade, condições subjetivas de exigência, e portanto condições objetivas de realidade?

Podemos reduzi-las a três.

A primeira é que o Mundo permaneça e se torne realmente tanto mais consciente de si mesmo quanto mais completamente se unifique em Deus. Sob este ponto de vista, e malgrado sedutoras aparências, os monismos «construtivos» de tipo espinoziano não passam de um engodo para o espírito. De um lado são, afinal de contas, ininteligíveis ao filósofo, pois (semelhantes neste ponto aos monismos negativos de tipo oriental) supõem que a união absorve e funda, ao passo que por natureza diferencia. E por outro lado, decepcionam o místico, pois todo amor se torna impossível no seio de uma substância divina rigorosamente monocentrada.

A segunda condição é que os elementos do Mundo se encontrem na condição de depender tanto mais totalmente de Deus quanto nele, por unificação, adquiram mais consciência e consistência.

E a terceira é que quanto mais estes mesmos elementos se vejam dependentes de Deus, tanto mais, ao mesmo tempo, tenham a consciência de que, sob certas relações, Deus não poderia (ou ao menos já não pode) passar sem eles.<sup>4</sup>

Aqui reaparece e como já prenunciávamos, formulada desta vez pela Mística, a mesma exigência desconcertante que a Ação já nos fizera ouvir. Sob uma fórmula que ainda é mister encontrar, o ser participado deve, para poder

<sup>4</sup>É mister ter bem presentes as explícitas restrições que Teilhard faz a esta terceira condição: ... "sob certas relações... ou ao menos já não pode". Admitidas essas restrições, parece que a teoria aqui exposta sob a forma de pergunta não é incompatível com a doutrina tradicional da liberdade divina no ato criador. (N.E.).

funcionar, possuir, à sua maneira, algo de absoluto e necessário em sua formação. Acima dizia eu que a solução da antinomia espera talvez que, sob a influência da nova «epistemologia» introduzida em nossos dias pela Ciência, revejamos os próprios fundamentos de nossa Ontologia. Mais precisamente sugeriria aqui que o que nos falta neste momento para enfrentar os novos problemas colocados pelo Universo é uma teoria geral das relações genéticas existentes entre ser, unidade e unificação. — Ou seja, uma Metafísica baseada na função criadora e nas exigências maximalistas da União. \*\*

O conflito entre a ciência e a fé não obceca tanto a nossos contemporâneos quanto aquele entre a Igreja e a Revolução. Nem por isso perde em importância, e sentimo-nos felizes por vê-lo abordado por um grande sábio que tem o mérito de restituir ao cristianismo contemporâneo o sentido cosmológico (...). Eis o que nos escreve o Pe. Teilhard de Chardin (revista Esprit):

Catolicismo e Ciência

É SEMPRE PERIGOSO e pretensioso falar em nome de um grupo, ainda que este grupo seja, no conjunto, tão homogêneo e tão vitalmente ligado quanto o Corpo católico. Ao invés de procurar proferir, sobre a atitude da Igreja em face da Ciência, um diagnóstico geral, contentar-me-ei portanto aqui, para responder à enquête de Esprit, com acentuar a recente aparição, no seio do Catolicismo, de um movimento particularmente vivo e sintomático que (se Deus lhe conceder vida...) pode ser visto como trazendo uma solução radical e construtiva ao conflito que, desde o Renascimento, não cessou de opor entre si a Ciência e a Fé.

Examinemos, primeiramente, na sua essência, a natureza deste conflito.

No decorrer da primeira fase, sem dúvida a mais longa, o antagonismo entre Experiência e Revelação quase não se manifestou a não ser nas dificuldades encontradas localmente pela exegese para conciliar algumas afirmações biblicas com os resultados da observação: por exemplo, a imobilidade da Terra, os sete dias da Criação. Mas pouco a pouco, com os progressos da Física e das Ciências naturais acabou por se manifestar um cisma muito mais generali-

<sup>&</sup>lt;sup>5</sup> Não seria justamente por estar destinado a constituir o Corpo Místico de Cristo, isto 6, a participar efetivamente de sua divindade, que o ser participado encontra este "algo de absoluto e necessário em sua formação"? (N.E).

<sup>6</sup> A fórmula mais genérica sob a qual poderiamos compreender, prever e promo-

<sup>&</sup>lt;sup>6</sup>A fórmula mais genérica sob a qual poderíamos compreender, prever e promover o Real não seria simplesmente aquela que o coloca e define como um sistema submetido à só condição de realizar, por via de unificação, uma Unidade máxima? Em tal sistema parece que se pode deduzir a existência do Múltiplo periférico com o mesmo direito que a unidade trinitária fontal e focal de Deus.

<sup>6</sup> Inédito, Pequim, 9 de agosto de 1945,

zado e muito mais profundo. Pela força das coisas (em vista de sua data de nascimento) o Dogma cristão só pudera, nas suas origens, ser formulado segundo as dimensões e a exigência de um Universo que, sob muitas relações, continuava sendo o Cosmo alexandrino: Universo que gira harmoniosamente sobre si mesmo, limitado e divisível em extensão e duração, formado de objetos mais ou menos arbitrariamente transponíveis no espaço e no tempo. Mas eis que agora, sob o esforço do pensamento humano, começava a mudar esta perspectiva. O espaço se tornava ilimitado. O tempo se transpunha em duração orgânica. E, no seio deste domínio vitalizado, os elementos do Mundo iam desenvolvendo entre si ligações tão íntimas que cada um deles só podia agora ser concebido em sua aparição em função da história global de todo o sistema. Ûm Úniverso em gênese ia tomando, irresistivelmente, na visão humana, o lugar do Universo estático dos Teólogos. E desta intuição nova decorria por sua vez, também inevitavelmente, uma mística especial: a fé, mais ou menos adorante, no futuro terrestre e cósmico da Evolução. Assim, por sob as dificuldades exegéticas de pormenor, acabava de surgir uma antinomia religiosa de fundo, justamente aquela que se achava obscuramente implicita na querela de Galileu. Uma vez posto em movimento o Universo, uma espécie de Divindade, inteiramente imanente ao Mundo, tendia progressivamente a substituir, na consciência humana, o Deus transcendente cristão...

Eis o mortal perigo que, em nossa época, ia cada vez mais ameaçando a Fé católica.

Pois bem, justamente neste ponto crítico de um conflito que finalmente atingiu a maturidade começa a esboçar-se a reação dos crentes. Até agora os católicos haviam conservado, em face do neo-evangelho científico, uma atitude de simples defesa. Mostrar que sua posição continuava sustentável malgrado qualquer nova descoberta; conceder (na pior das hipóteses) que a Evolução constituía uma hipótese plausível, mas sempre frágil: a isto se limitava no conjunto a sua estratégia. Ora, por que então esta timidez? Necessariamente — dizia acima — o Dogma cristão se havia adaptado, ao nascer, a um Cosmo de tipo fixista. Como é que poderia ter agido de outra forma, se a razão

humana ainda não concebia outra imagem para o Mundo, nessa época? Mas o que sucederia se tentássemos, seguindo uma via já esboçada pelos antigos Padres gregos, transpor o dado Revelado para um Universo de tipo mobilista? ... Eis o que percebeu hoje um certo número (um número sempre maior) de pensadores católicos. E o resultado da tentativa não se fez esperar muito. Não é só à luz da experiência que a Cristologia tradicional se mostra capaz de suportar uma estrutura evolutiva do Mundo; mas ainda, contrariamente a qualquer previsão, no seio deste novo meio orgânico e unitário, seguindo esta curvatura particular do Espaço ligado ao Tempo, aí é que se desenvolve de maneira mais livre e mais ampla. Aí assume sua verdadeira imagem. Os grandes atributos cósmicos de Cristo, aqueles que (mais especialmente em São Paulo e São João) Lhe conferem um primado universal e final sobre a Criação esses atributos haviam felizmente conseguido acomodar-se a uma explicação moral e jurídica. Mas é somente no quadro de uma Evolução que assumem seu pleno esplendor: contanto todavia (condição à qual muito justamente se mostra a Ciência inclinada, ela mesma, na medida em que se decide a conceder ao Homem um lugar na Natureza). contanto, repito, que esta Evolução seja de tipo tanto espiritual como convergente. Posta esta ressalva, nada mais fácil nem mais tentador que procurar na Cristogênese revelada uma explicação última e um coroamento final para a Cosmogênese dos sábios. Cristianismo e Evolução: não duas concepções inconciliáveis, mas duas perspectivas destinadas a se encaixar e completar mutuamente. No fundo. será que esta aliança não se encontrava inscrita há muito tempo nos descobrimentos instintivos da linguagem falada? «Criação», «Encarnação», «Redenção», essas próprias palavras, por sua forma gramatical, não evocam a idéia de um processo mais que a de um gesto local ou instantâneo?

Assim, por simples incorporação e assimilação das concepções evolutivas modernas pelo pensamento cristão, achase, a meu ver, suprimida a barreira que há quatro séculos vinha sem cessar crescendo entre Razão e Fé. Uma vez afastado o obstáculo fixista, nada agora impede católicos e a-católicos de avançar, de mãos dadas, pelos grandes caminhos da Descoberta. De uma parte e de outra tornou-se hoje possível uma franca colaboração.

Significaria isto então que foi para sempre suprimida toda causa de divergência entre os adversários de ontem? Não. Pois neles, sob o gesto comum e idêntico da Pesquisa, ainda se podem reconhecer duas místicas contrárias, dois «espíritos» diferentes, que não podem por enquanto deixar de enfrentar-se, e durante muito tempo: de um lado, o «espírito faustiano», que coloca o segredo de nosso destino num certo poder inerente à humanidade de se consumar, ela mesma, por suas próprias forças; de outro, o «espírito cristão», que tende, no esforço construtor, para a união com um Deus que nos ampara e nos atrai com todas as potências do Mundo em evolução, que to as obsultonage

Entre estes dois espíritos reaparece, evidentemente, sob uma forma essencial e sutil, o velho antagonismo Ciência-Religião. Mas por natureza este novo conflito nada tem de estéril nem de humilhante. Acabou-se a antiga oposição entre mobilistas e imobilistas. Agora católicos e não-católicos coincidem na fé de base num Progresso da Terra. Toda a questão entre eles é saber qual dos dois conseguirá discernir e alcançar o ápice mais alto, ibno de privado e apastuos

Nesta nobre competição a preferência dos homens de ciência pura parece voltada ainda, no conjunto, para o espírito faustiano. Mas o cristão já não duvida, no fundo de si mesmo, que terminará tendo a última palavra. Pois somente, em definitivo, sua visão «crística» do Mundo está em condições de oferecer ao esforço humano dois elementos sem os quais nossa ação não poderia levar até ao extremo sua marcha à frente: 1: sinvolti avonc sono ano ano marcha à frente: 1 1) valorização; and rainiques o mexicons

2) amorização.

tentpo nos descobrimentos instintivos Em primeiro lugar uma garantia divina segundo a qual, malgrado toda morte, o fruto de nosso esforço é irreversivel e inamissivel.

Em segundo lugar a atração de um Objetivo capaz, por ser de natureza superpessoal, de desencadear no fundo de nossas almas as forças de amor, diante das quais empalidecem e nada são as outras formas de energia espiritual.

A Evolução é filha da Ciência. Mas, afinal de contas, será talvez a fé em Cristo que há de salvar amanhã em nós o gosto da Evolução. \* strag enus of stratores

\* Extraído da revista Esprit, item "Face aux Valeurs modernes", Paris, agosto de 1946.

Já FAZ MAIS de um século que, pela fissura das Ciências naturais, a idéia de evolução se vem infiltrando na consciência humana até impregnar em toda a sua extensão do domínio experimental do conhecimento. Por isso, é interessante perguntar até que profundidade ela realmente penetrou em nosso espírito, isto é, em que medida as perspectivas que ela descerra podem ser doravante consideradas definitivamente incorporadas à Ciência.

Sob este ponto de vista, parece-me convém distinguir três sentidos (ou graus) na noção de evolução que podem ser apresentados da seguinte forma, por ordem de generalidade e certeza decrescentes.

1. Num primeiro grau, absolutamente geral, a idéia científica de evolução implica simplesmente a afirmação deste fato: todo objeto, todo acontecimento no mundo tem um antecedente que condiciona sua aparição entre os outros fenômenos. Nada aparece historicamente, afirma ela, a não ser por via de nascimento: de tal sorte que cada elemento, no Universo, é, por algo de si mesmo, anel numa cadeia indivisível que se prolonga a perder de vista para trás e para a frente de si mesmo. Isto não impede que, bem entendido, entre dois anéis sucessivos possa surgir uma mutação, uma brusca mudança de sentido, um ponto crítico de emergência.

Mas isto significa que toda coisa percebida por nós tem necessariamente algo antes dela no tempo, bem como algo a seu lado no espaço — de tal sorte que a totalidade das coisas, tomadas em conjunto, forma uma espécie de rede da qual a nossa experiência não pode sair de maneira alguma, e em cujo seio os objetos (malhas da rede) não

podem ser transpostos arbitrariamente.

Neste grau de generalidade, em que evolução significa simplesmente organicidade do Estofo do Universo (organicidade temporal combinada com organicidade espacial), neste grau, insisto, não bastaria falar de certeza. Deve-se falar em «evidência». Tomar consciência da evolução, para nossa época, é muito outra coisa e bem mais que descobrir um fato a mais, por mais vasto e importante que seja este fato. Representa (como acontece com a criança quando adquire o sentido da profundidade espacial) o mesmo que estarmos agora acordados para a percepção de uma nova dimensão. Idéia de evolução: não simples hipótese, como se diz por vezes ainda; mas condição de toda experiência, ou ainda — se preferirmos — curvatura universal a que, para serem cientificamente válidas, ou mesmo pensáveis, devem agora dobrar-se todas as nossas construções presentes e futuras do Universo.

2. Demos agora um passo a mais. No interior de um sistema orgânico tempo-espaço como aquele em que, dizia, o nosso conhecimento científico está encerrado, podem encontrar-se, a priori, dois tipos gerais de distribuição: ou agitação desordenada ou então correntes dirigidas (estatística ou finalisticamente, pouco importa). Aqui abandonamos o domínio das dimensões primordiais para penetrar no domínio dos fatos observados. Que respondem os fatos?

No atual estado da Ciência, parece incontestável que, ao menos por efeito estatístico, existem correntes, duas correntes, que se esboçam experimentalmente no Estofo cósmico: uma, evidentemente universal, que vai gradualmente reduzindo a matéria, por via de desintegração, a uma energia física elementar de radiação; outra, aparentemente local, e coincidindo com uma espécie de redemoinho energético, em que a matéria, arranjando-se em edifícios formidavelmente complicados, assume a forma de corpúsculos organizados onde aparece uma certa interioridade psíquica, que vai crescendo em função da complicação. Tendência simultânea à complexidade e à consciência: todo o fenômeno da Vida.

Podemos ainda hesitar quanto à importância e ao valor relativos dessas duas correntes de desagregação e de agregação no Universo, sobre a sua complementaridade mais ou menos necessária na construção cósmica, e acerca de suas condições finais de equilíbrio. Mas, quanto à sua existência, apresentam-se-nos como algo definitivamente garantido.

3. Procuremos agora avançar mais, considerando desta vez, mais particularmente, a corrente da Vida. Em seu conjunto, dizia eu, esta corrente, que podemos acompanhar desde uns seiscentos milhões de anos, não cessou (com certeza) de elevar-se globalmente no sentido de complexidade-consciência. Mas será que ainda continua subindo? E, se está sempre subindo, seu andamento é divergente ou convergente? E, se o seu andamento é convergente, para onde dirige o eixo de sua corrida?

Aqui, e somente aqui, entramos no domínio ainda não consolidado na hipótese, isto é, do pensamento científico em ação. A partir deste ponto, aquilo que vou afirmar não é portanto ainda seguro hoje. Antecipando todavia quanto ao futuro, pergunto-me se nossas certezas de amanhã, no que tange à imagem precisa e ao futuro da evolução biológica (ou mesmo da evolução simplesmente), não dependeriam essencialmente da idéia segundo a qual uma reflexão científica ativamente desenvolvida nos permitirá estabelecer como definitiva quanto à natureza do fenômeno social humano.

Em torno de nós a Humanidade apresenta o extraordinário espetáculo de um grupo zoológico ubiquista cujos ramos, em lugar de separar-se (como sempre acontecia até aqui nas espécies animais), se curvam e se enrolam sobre si mesmos, desenvolvendo um aparelho mecânico e um psiquismo de dimensões planetárias, isto evidentemente sob o efeito de um tipo de consciência refletida que determina uma interligação íntima de todos os elementos no seio do grupo. Este fato grandioso ainda nos parece banal porque já nos habituamos a considerá-lo «natural» ou a escamoteá-lo sob fórmulas jurídicas. Recolocado, todavia, na corrente orgânica da Vida, exige e sugere imediatamente uma explicação. Conforme a lei de «complexidade-consciência», não haveríamos de contemplar, ao longo de toda a histó-

ria humana, o espetáculo de uma ultra-síntese visando reunir, num superorganismo de tipo absolutamente novo, não mais átomos, moléculas e células, mas indivíduos, e mesmo «phyla» inteiros? Noutras palavras, a Humanidade, em via de coletivização em torno de nós, não representaria, do ponto de vista científico, a aparição do Universo de algum supercomplexo?...

Semelhante perspectiva pode parecer fantástica. Mas, sendo perfeitamente lógica, continua se impondo a um número crescente de sólidos espíritos — tendo como consequência provocado o aparecimento de uma resposta possível às próprias questões que ficavam pendentes acerca da natureza exata da evolução.

Sob este ponto de vista, com efeito:

- a) verifica-se, em primeiro lugar, que a fração vitalizada do mundo a que pertencemos não cessou ainda hoje de elevar-se na direção dos altos complexos.
- b) É evidente, em segundo lugar, que o sistema aparentemente divergente dos raios traçados pela Vida no decurso de sua ascensão entrou, a partir do Homem, numa região onde se torna convergente.
- c) Parece inevitável, finalmente, que para imaginar um termo a esta convergência consideremos nalguma parte à frente a emergência de um ápice, correspondendo a uma espécie de reflexão geral sobre si mesmos dos elementos reflexivos da Terra sendo que a formação deste ápice, de resto, coincidiria com um máximo da exigência de irreversibilidade que aumenta de época para época, no fundo do coração humano.

Isto significaria, afinal de contas, que, apesar de seus caracteres de fragilidade e improbabilidade, a complexidade (ou ao menos a consciência, que acompanha a complexidade) acha-se destinada, no Universo, a triunfar finalmente sobre a simplicidade.

Aqui, repito-o, deixamos o certo, mas com a satisfação de nos encontrarmos, finalmente, diante do crucial, no problema da evolução. \*

#### Ecumenismo

Procura-se neste momento um certo ecumenismo; acha-se ele inevitavelmente ligado à maturação psíquica da Terra; portanto, há de vir. Mas, acerca das condições de existência e realização deste ecumenismo continuo ainda na incerteza — ou melhor, parece-me ver sempre mais claramente que, na sua formulação presente (não digo em sua aspiração de fundo, que é idêntica), as grandes correntes místicas atuais não são imediatamente reconciliáveis. Em

particular a corrente oriental (com seu Deus-subs-BÁSICAS trato em que os elementos do Mundo se dissolvem. como no seio de uma esfera de raio infinito) me parece tender num sentido inverso da corrente cristã-ocidental (em que se esboça um Deus de tensão **OPÇÓES** e amor como consumação de toda personalização e de toda determinação, como centro de concentração universal). De maneira semelhante, parece-me existir um outro dualismo psicológico de fundo, entre cristãos (ou entre representantes dos diversos outros grupos), conforme aceitem ou recusem, na origem de sua Fé religiosa, uma certa fé no Homem. E, de forma semelhante, ainda, duas atitudes irredutíveis vão surgindo na noção de aproximação das religiões, enquanto não decidimos se é mister realizar a convergência entre linhas equivalentes (sincretismo) ou sobre um eixo privilegiado, central — em torno de um Cristo incomensurável (em dignidade cósmica) sem nenhum profeta e nenhum Buda (única concepção cristã e biológica possível...).

Nestas condições pergunto-me se as duas únicas vias eficazes de ecumenismo, neste momento, não seriam:

<sup>\*</sup>Atti del Congresso internazionale di Filosofia promosso dall'Istituto di Studi Filosofici, Roma, 15 a 20 de novembro de 1946.

(ecumenismo de cúpula) 1) entre cristãos, para explicitar um cristianismo ultra-ortodoxo e ultra-humano, em escala deveras «cósmica»;

(ecumenismo de base) 2) entre homens em geral, para precisar e desenvolver os fundamentos de uma «fé» humana comum no futuro da Humanidade.

Conjugados, estes dois esforços nos levariam automaticamente ao ecumenismo esperado; pois levada ao extremo de si mesma, a fé na Humanidade parece que não pode ser satisfeita fora de um Cristo plenamente explicitado. Qualquer outro método, receio, culminaria apenas num confusionismo ou em sincretismos sem vigor nem originalidade. O que nos falta, para nos unir, seria em suma a percepção clara de um «tipo» bem definido (e real) de Deus e de um «tipo» igualmente bem definido de Humanidade. Se cada grupo mantém seu tipo de Deus e seu tipo de Humanidade (e sendo esses tipos heterogêneos) então não pode haver um sério acordo: há de realizar-se apenas a partir de equívocos ou de puro sentimento.

Nestas condições uma aproximação ou aliança entre movimentos ecumênicos não depurados parecer-me-ia (excetuando uma simpatia geral) coisa ainda prematura.

N.B. As opções não são independentes. Por exemplo, optar pela fé no Homem implica a opção pelo Deus de Tensão (e reciprocamente) e, com maior probabilidade, a opção por um Universo cefalizado (em torno de um núcleo crístico).\*

tre cristics (ou entre representantes des diverses outes grapos), conforme accitem ou recusem, na cityem de sua Fri religiosa, ma certa fé no Homem E, le forma sonachante, ainda, daes aintades irredutiveis vão exegindo na noção de aprolimação das religiões, enquanto não decidinos se é mister realizar a convergência entre lidios equivalentes (sincretismo) en sobre um civo privilezado, central — em torno de um Cristo incomensarável ran city aidade côsmica) sem nerhum profeta e nerhum fanta (raica come peão cristã e biológica possível...).

\* Paris, 15 de dezembro de 1946. na olean .omzinalnua ch zakawi

## Sobre o Valor Religioso da Pesquisa

Numa carta recente, nosso Revmo. Pe. Geral mencionou a Pesquisa (Pesquisa científica e, de maneira mais geral, em todos os setores do Pensamento) à frente das linhas de progressão e de assalto que propunha aos membros da Companhia. Gostaria, a este propósito, de apresentar-lhes e submeter-lhes aqui algumas observações que justificam — de um ponto de vista um tanto especial, mas que acredito sólido — a diretriz que acaba de nos chegar de Roma.

1. Um primeiro ponto que se deve ressaltar é a importância capital que, no decurso de um século e meio, a Pesquisa assumiu nas ocupações e preocupações humanas. Pesquisas históricas, de um lado, visando a reconstituir as fases, a trajetória do Mundo pretérito; e Pesquisas experimentais, de outro lado, absortas no esforco de analisar a estrutura presente do Universo e na esperança de controlar os comandos do movimento que nos arrasta: nessas duas direções, que ardor, que fervor em torno de nós! — Não faz tanto tempo, os pesquisadores eram ainda curiosos e fantasistas — pouco numerosos, em suma, e em geral considerados indivíduos excepcionais, «excêntricos». Hoje contam-se aos milhões os homens que pesquisam, e em todos os domínios, e em «milhões organizados». Em número de homens utilizados, em soma de dinheiro absorvido, em quantidade de energia gasta, cada vez mais a Pesquisa tende a tornar-se o Grande Negócio do Mundo. De um tipo de luxo ou distração já passou ao grau e à nobreza de função humana vital — tão vital certamente quanto a nutrição e

a reprodução! Nossa época é muitas vezes definida pela ascensão social das massas. Com igual justiça (e no fundo os dois acontecimentos se equivalem...) poderíamos caracterizá-la pela ascensão da Pesquisa.

2. A Ascensão moderna da Pesquisa... Em si, o fato é incontestável. Mas como interpretá-lo?

A meu ver, o fenômeno só tem uma explicação possível. Eis esta explicação (ao mesmo tempo extremamente simples no seu princípio e extremamente revolucionária em suas consequências): temos de admitir, sob a pressão dos fatos, que o Homem não está ainda acabado na Natureza, ainda não completamente criado — mas, em nós e em torno de nós, ele se acha ainda em plena evolução. De um lado, considerado em sua totalidade coletiva, o grupo humano tende sempre mais distintamente a grupar-se organicamente num conjunto super-reflexivo que, observado corretamente, parece exatamente não ser outra coisa senão o prolongamento direto do processo segundo o qual, desde as primeiras origens da Vida, a Consciência jamais cessou de aprofundar-se graças a organismos sempre mais complicados. Tal seria a significação profunda do grande fenômeno social através do qual nos debatemos. — De outro lado, graças ao próprio mecanismo desta super-reflexão coletiva, o espírito humano se mostra capaz, agora mesmo e diante de nossos olhos, de descobrir e manipular as forças materiais que lhe permitirão provavelmente (por ação direta sobre as leis da reprodução, da hereditariedade e da morfogênese) provocar e influenciar a seu bel-prazer — dentro de alguns limites ainda imprevisíveis — a transformação de seu próprio organismo (inclusive o cérebro...). Eis a que ponto chegamos neste momento con so ogual oinsi

Ora, sob este ponto de vista (absolutamente provável, penso-o seriamente), de uma Evolução que ricocheteia reflexivamente sobre si a partir do Homem, não fica tudo claro e não adquire tudo o seu verdadeiro realce no fenômeno que acabo de chamar «a Ascensão da Pesquisa»?

Ou da qual até participamos) poderia talvez ser confundida, no princípio, com uma simples crise de curiosidade, com a simples necessidade de explorar a porção de Univer-

so posta à nossa disposição. De fato, se deveras (como já começamos a suspeitar) não terminou ainda a ascensão da Vida sobre a Terra, então a crise é muito mais importante e muito mais significativa. Pois então, na expansão e intensificação de nosso esforço moderno para descobrir e inventar não há nada menos que um regime biológico novo que vai aparecendo no Mundo: o da Evolução na sua fase hominizada. Se a Pesquisa está cada vez mais invadindo a atividade humana, isto não é capricho, nem moda, nem acaso: significa simplesmente que o Homem, tornando-se adulto, sente-se irresistivelmente levado a assumir nas mãos a evolução da Vida sobre a Terra, e que a Pesquisa é a própria expressão (em estado refletido) desse esforço evolutivo não só para subsistir, mas para ser mais, não somente para sobreviver, mas para sobre-viver irreversivelmente.

-00 3. E então, se não me engano, surge a resposta, luminosa, à questão que colocávamos no início. «Por que é tão importante para nós, jesuítas, participar da Pesquisa humana até penetrá-la e impregná-la com nossa fé e nosso amor ao Cristo?» Por quê? — Ora, simplesmente (se porventura aquilo que acabo de dizer tem algum sentido) porque a Pesquisa é a forma sob a qual se dissimula e opera da maneira mais intensa, na Natureza em torno de nós, o poder criador de Deus. Através de nossa pesquisa, do novo ser, emerge no mundo um acréscimo de consciência. Esta nova criatura não continuaria inacabada, «invisível», se (desde o nascimento, se possível) não caísse, tão explicitamente quanto possível, sob as formas complementares de Encarnação e Redenção? Essencialmente, «ontologicamente», todo fruto da Pesquisa é por natureza cristificavel («christificabilis» e «christificandus»), para que o Mundo seja, até o extremo. Portanto, para nós padres aí é que está nosso lugar, no ponto de emergência de toda verdade e de toda nova potência: para que o Cristo informe todo crescimento, através do Homem, do Universo em movimento.

Eis o ponto de vista que se poderia chamar «teológico» da questão. Transponhamos, se assim o quiserem, a mesma verdade em termos de psicologia e de vida interior.

Sob a influência dos poderes quase mágicos que a Ciência lhe confere para orientar a marcha da Evolução, é inevitável que o Homem moderno se sinta ligado ao Futuro,

ao Progresso do Mundo por uma espécie de religião muitas vezes tratada (sem razão, penso eu) como neopaganismo. Fé num prolongamento evolutivo do Mundo interferindo com a fé evangélica num Deus criador e pessoal; mística neo-humanista de um Adiante chocando-se com a mística cristã do Acima: neste aparente conflito entre a antiga fé num Deus transcendente e uma jovem «fé» num Universo imanente se coloca exatamente (se não me engano), no que tem de mais essencial, sob sua dupla forma científica e social, a crise religiosa moderna. Fé em Deus e Fé no Homem ou no Mundo. Todo o progresso do Reino de Deus, tenho certeza, depende neste momento do problema de reconciliar (não superficial, mas organicamente) estas duas correntes entre si. «O Problema das duas Fés» — qual o método para abordá-lo? E a quem confiar o encargo, a «missão» de resolvê-lo?

Num primeiro momento, é evidente, o trabalho do apologeta moderno (não gosto desta palavra, demasiado suficiente e possessiva de verdade, — mas não encontro outra), o trabalho do apologeta moderno, insisto, deve consistir num esforço de reflexão intelectual, estabelecendo que os dois tipos de Fé em confronto (Fé em Deus e Fé no Homem), longe de se oporem entre si, representam pelo contrário os dois componentes essenciais de uma mística humanocristã completa. Não há fé cristã realmente viva se não atinge e não soergue, no seu movimento ascensional, a totalidade do dinamismo espiritual humano (a totalidade da «anima naturaliter christiana»). E não há fé no Homem psicologicamente possível, da mesma forma, se o futuro evolutivo do Mundo não alcança, no transcendente, um foco de personalização irreversível. Em suma, é impossível ir Para Cima sem se mover para a Frente, como também progredir Para a Frente sem tender Para Cima. Neste ponto, no espaço de uma geração, o Pensamento cristão, aprofundando sob a pressão do Pensamento profano as noções de Participação e Encarnação, agora quase se pôs de acordo; isto para o maior alívio das almas crentes e não-crentes, e certamente para a maior glória de Deus. E não poderíamos nunca exagerar a importância deste primeiro sucesso.

Observemo-lo bem todavia. Por mais brilhante que seja esta demonstração dialética da conciliabilidade das «duas Fés», acha-se votada à esterilidade enquanto não se apre-

sentar ao Mundo concretamente vivida. Está certo que teoricamente, in abstracto, o Acima e o Adiante coincidem, e iá é muito. Mas para que a solução proposta seja deveras convincente e contagiante, resta-lhe manifestar-se dar provas, em ato e em realidade, isto é, in vivo. Noutras palavras, para que se construa entre Fé em Deus e Fé no homem a resultante sob cujo impulso, assim tenho certeza, o Cristianismo se prepara para ganhar amanhã novo élan (precisamente como e com a Evolução!), não é de tratados nem livros que precisamos, mas de exemplares humanos: homens, insisto, que, animados apaixonada e simultaneamente dessas duas espécies de Fé. operem em si mesmos, num só coração, a junção das duas potências místicas, de maneira a apresentar, a seu redor, a sua síntese realizada; homens tanto mais seguros do valor sagrado do Esforço humano quanto mais se interessam primeiramente por Deus. — Antes de Blériot e dos irmãos Wright já se haviam feito cálculos sobre a resistência do ar. No entanto. a aviação só começou deveras a existir e a invadir a Terra quando os homens se puseram realmente a voar...

E eis o que nos leva diretamente à importância da Pesquisa na Companhia. Historicamente, por condições de nascimento e por tradição de família, a Companhia sempre se colocou em defesa e em apoio do Humanismo cristão. Outrora, essa atitude instintiva quase somente se exprimia numa ligação, bastante superficial, entre Belas-Letras (ou Matemática) e Religião. Mas hoje, em face do Neo-Humanismo moderno (orientado não mais para o culto e imitação dos Grandes Antigos, mas para a gênese de um Super-Homem). a função de que nos encontramos tradicionalmente investidos na Igreja se enche de gravidade e responsabilidade. A cada ano, em nossos noviciados apresentam-se jovens em quem (por serem de seu tempo) brilha e arde a centelha da fé humana no futuro da Humanidade. Que estamos esperando para inculcar-lhes o dever e dar-lhes toda ocasião possível para alimentar e aumentar este fogo no próprio Fogo que eles vêm procurar entre nós, do Amor de um Deus Encarnado? Que estamos esperando para lançá-los (com todas as precauções indispensáveis, é claro) no mais aceso da Pesquisa humana: não nessas zonas neutras ou ultrapassadas em que a progressão já está diminuindo de ritmo (penso aqui na maioria das Ciências do Passado), mas nessas zonas ativas e críticas onde se luta neste momento para conquistar as grandes cidadelas da Matéria e da Vida. Fazer crentes completos, nos dois quadros, não seria esta, por mais perigosa que seja, nossa primeira Missão?

Na verdade, se existe alguém que pode efetuar, como o dizia, in actu et in vivo, a síntese essencial dessas duas Fés que se defrontam atualmente no Mundo, são decerto, por tradição e formação, os filhos de Santo Inácio: contanto porém (condição essencial) que tenham claramente percebido, de uma vez por todas, esta verdade fundamental em que se exprimem (se não estou exagerando) a essência e as próprias exigências do «espírito moderno»: o Reino de Cristo, ao qual nos dedicamos, só poderia estabelecerse, na luta ou na paz, sobre uma Terra levada, por todas as vias da Técnica e do Pensamento, ao extremo de sua humanização.

Tudo o que acabo de lhes dizer, de bom grado o resumiria nesta única frase que vocês mesmos, pessoalmente, poderiam corrigir naquilo que a sua simplicidade apresenta de excessivamente brutal: «Nós, padres, jesuítas, não só devemos interessar-nos e dedicar-nos, mas devemos crer na Pesquisa, pois a Pesquisa (efetuada «com fé») é o próprio terreno sobre o qual tem probabilidade de elaborar-se a única mística humano-cristã que poderá conseguir no futuro uma unanimidade humana.»\*

# NOTA-MEMENTO Sobre a Estrutura Biológica da Humanidade

Praticamente todos aqueles (etnógrafos, políticos, economistas, moralistas) que têm como profissão estudar e construir a Sociedade trabalham como se o Homem social fosse entre suas mãos cera virgem que podem moldar a seu talante; ao passo que a substância viva que manipulam se acha ao contrário, biológica e historicamente, marcada por certas linhas de crescimento perfeitamente definidas — bastante flexíveis para se deixarem utilizar pelos arquitetos da nova Terra, mas bastante fortes igualmente para arrebentarem qualquer tentativa de arranjo que não as respeitasse.

Destas propriedades estruturais de fundo, que todo mundo deveria conhecer, experimentarei apresentar aqui, muito resumidamente, a lista e os caracteres. Podemos reduzi-las a três.

# 1. Natureza bifocal de todo elemento natural cósmico

De maneira geral, podemos afirmar que todo elemento particular cósmico se comporta simbolicamente em face de nossa experiência como uma elipse construída sobre dois focos de intensidade diferente e variável: um  $F_1$  de arranjo material, o outro  $F_2$  de psiquismo;  $F_2$  (consciência) aparece e cresce primeiramente em função de  $F_1$  (complexidade), mas logo passa a manifestar uma tendência contínua a reagir construtivamente sobre  $F_1$  para supercom-

plicá-lo, e para se individualizar, ele mesmo, sempre mais.

— Na Pré-Vida (zona das complexidades ínfimas: átomos e moléculas) F<sub>2</sub> não é sensível, ou seja, é praticamente nulo. Na Vida pré-humana (zona das complexidades médias) F<sub>2</sub> aparece, mas só influi ainda fracamente sobre o crescimento de F<sub>1</sub> que continua em boa parte automático. A partir do Homem (zona das complexidades imensas) F<sub>2</sub>, dotado de reflexão, assume em boa parte a missão de fazer F<sub>1</sub> progredir (por artifício de invenção), esperando talvez destacar-se dele por completa autonomização. <sup>4</sup>

Em vista dessa primeira característica do Estofo cósmico, já percebemos logo que seria perfeitamente inútil procurar espiritualizar seja lá o que for, em torno de nós, no Universo, sem tecnificá-lo inicialmente ou ao mesmo tempo, e vice-versa.

Procuremos acompanhar mais de perto este fenômeno.

## 2. Valor orgânico do Fenômeno Social

Como vivemos mergulhados no seio da massa humana, somos instintivamente levados a ver apenas uma reunião acidental e superficial no processo de organização social. Ora, quanto mais se estuda a natureza progressiva e as propriedades psico-gênicas (isto é, geradoras de consciência) deste último, tanto mais se chega à convicção de que a Humanidade, considerada em seu conjunto (a «Noosfera») forma, ou mais exatamente está desenvolvendo, em torno de nossos centros individuais, uma vasta unidade natural (e por conseguinte de estrutura bi-focal) que obedece, como tal, à lei geral acima analisada de Complexidade-Consciência. Com a seguinte vantagem, o fenômeno, extremamente ampliado (pois se passa em nossa escala) aqui se torna particularmente legível nos seus mecanismos, onde se reconhece a seguinte cadeia de acontecimentos:

a) Na origem uma compressão planetária crescente suportada pela massa humana que se desenvolve rapidamente (por multiplicação) numa superfície fechada.

- b) Por reação, uma organização igualmente crescente desta mesma massa humana, obrigada a arranjar-se sobre si para diminuir a pressão planetária (formação de F<sub>1</sub>).
- c) Por correlação, uma intensificação coletiva de consciência, desencadeada por arranjo das partículas humanas (ascensão de F<sub>2</sub>).

Todo esse processo permite prever, sem ambigüidade, para a seqüência da história humana, certos elementos precisos de trajetória. Coisa alguma, com efeito, assim podemos afirmar em virtude do que precede, poderia impedir a Humanidade no futuro:

- a) nem de se totalizar gradualmente sobre si;
- b) nem de se automatizar «por baixo», de maneira a desprender uma quantidade crescente de energia utilizável;
- c) nem de se espiritualizar «pela cabeça», graças à transformação sempre mais intensa da energia liberada pelos progressos técnicos.

#### 3. Estrutura enrolada da Humanidade

O que acabo de dizer sobre a fisiologia da Noosfera só assume seu pleno valor quando completado por um olhar à sua filogenia. Sob este ponto de vista, que é o da Sistemática, a Humanidade se nos apresenta como um feixe de espécies potenciais continuamente forçadas (por compressão planetária) e capazes (por compenetração psíquica) de se enrolar umas sobre as outras. ¿Zoologicamente falando, poderíamos dizer, o grupo humano pode se definir como o produto de uma ramificação (especiação) constante, sem cessar superada e sintetizada por convergência num meio espacial e psiquicamente curvo. Ora, isto permite estabelecer as seguintes duas regras importantes:

a) A primeira, já a conhecemos, diz que a Hominização é essencialmente um processo de unificação coletiva;

<sup>1</sup> E completo retorno àquilo que designei alhures como "Ponto Omega".

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> Este seria o "enrolamento", neologismo criado por nosso Autor para sugerir um mundo evolutivo, cuias linhas de força, físicas e psíquicas, como turbilhão ascensional, se refletem e circulam num movimento em espiral. Talvez "enroulement" se pudesse traduzir por "circunvolução". Cf. MARTINAZZO, E., Teilhard de Chardin, Ensaio de leitura crítica, Vozes 1968, p. 138, nota 26 (Nota do Trad.).

b) mas a segunda, mais nova, afirma que, nesta operação, devemos levar em conta o fato de, não só individualmente, mas ainda etnicamente, os homens representarem elementos complementares, qualitativamente diferentes. Em vista de sua estrutura naturalmente ramificada, a Humanidade é formada, se assim podemos falar, por um grande número de «isótopos» reflexivos — cada um dotado de suas virtudes particulares. Não levar em conta esta diversidade das escamas humanas, para controlar e garantir seu desenvolvimento em proporções adequadas, seria tão grave quanto procurar contrariar a dupla força, externa e interna, que as obriga a se dobrar sobre si mesmas.

Repito-o. As diversas propriedades estruturais que acabo de enumerar não bastam para determinar a solução do problema atualmente posto ao Homem em consequência de sua evolução. Mas fixam-lhe as condições mais genéricas.

De tal sorte que todo plano, todo projeto, onde se desprezasse ou contrariasse uma só delas, poderia sem mais ser lançado — como uma memória sobre a quadratura do círculo — na cesta de lixo.\*

S. Estrulura em dada da Flumanidade

O que acnho de discisobre a fisiclogia de Noosferie se assime seu plero valor quando completedo por um olhar à sua nilogenia. Sob este ponto de vista, que é o da Sistemática, a Haramidade se mos apresenta como um feixe de espécies potenciais continuamente riorgales (por compressão parallelaria) è capazes (por compensão parallelaria) de se capazes (por compensão parallelaria) de se carrolar tamas sobre as outrasti Zoologicamente falando, potencia de faran e grapo hamino poderse definir como o procado de man ratalidação (especiação) constante, sem acestada e vina tizada por convergência num nacio asservada e vina traveo. Ora, isto permite estabele-

 a) A primeira, já a conhecemos, diz que a Hominização e essencialmente, um processo, de unificação, coletiva;

The rate of "carchinetto", include immediate the search and part these Attent park such the manual condition, crise to the search for a particle of the search of the sear

emaplamenteres antweet la neste tuso, seb une terme perver e equilibrie final de legimenoù Nes**?adiV.a: à auQ**uela

Penso que, sob o esforço convergente da Física, da Química, da Biologia e da História planetária, começamos a entrever uma resposta a esta questão, resposta que de bom grado reduziria às três proposições seguintes:

I. De maneira simplesmente geral, poderíamos afirmar que a vida (definida por seus principais atributos de assimilação, reprodução, hereditariedade e consciência) atualmente se apresenta à ciência não como anomalia físico-química, mas antes como a forma extrema assumida sob certas condições (temperatura favorável, duração suficiente de transformação, etc.), por uma propriedade universal, embora geralmente dissimulada, do estofo cósmico. O que equivale a dizer que a vida pode ser considerada como em pressão, desde sempre e em toda parte, no universo — nascendo, assim que pode, por toda a parte onde pode — e, onde apareceu, intensificando-se tanto quanto pode, nas imensidões do tempo e do espaço.

II. De maneira mais precisa, a vida tende sempre mais a se nos revelar, cientificamente, como um efeito específico de complicação corpuscular, ligado à construção de enormes e complexíssimas partículas. Malgrado a presença de inúmeros limiares críticos, com efeito, podemos acompanhar sem ruptura alguma a curva que leva das grandes moléculas aos seres multicelulares: e é precisamente segundo esta curva que emergem (fora dos mecanismos de

acaso e dos grandes números) os efeitos «vitais» de indeterminação, self-arranjo e consciência.

III. Isto posto, entre esta misteriosa tendência do mundo para estados sempre mais complexos e interiorizados, e a outra tendência (muito mais estudada e mais bem conhecida, aquela) que arrasta o mundo para estados sempre mais simplificados e exteriorizados — entre estas duas tendências, insisto, existirá uma relação? E qual? Os dois movimentos (vida e entropia), quantitativamente (dir-se-ia) de importância tão desigual, não teriam na realidade a mesma amplitude, a mesma ordem, e de certa forma não seriam complementares entre si? E, neste caso, sob que forma prever o equilíbrio final do fenômeno? Nesta última pergunta talvez se venha a concentrar e formular, para a ciência do futuro, o enigma essencial do Universo. \*

entre es numa resposta a esta quesião, resposta que de de ma grado recluzion de três proposições seguintes:

due a sida (definida per sens principals attibules de residencia, reprodução, heredimicabide e bonsciencia) atualmente se apresente à ciència não como anomalia l'aico quincien, mas antes como a forma extrema assumida sob cortas condições (temperatura favoráve), duração suficiente es treacformação, etc.), por uma propriedade universal, embora geralmente dissimulado, do estofo cósmico. O que equivale a dizer que a vida pode ser considerada como em persão, desde sempere e cara toda parte, no universo — nascendo, assim que pode, por toda a parte onde pode — e, conde asparecen, intensificande-se tanto quanto pode, nas burn sidôre du tempo e do espaço.

# A Biologia, Prolongada a Fundo, Poderá Levar-nos a Emergir no Transcendente?

À PERGUNTA se, prolongada a fundo numa certa direção, pode a Biologia levar-nos a emergir no transcendente, penso que se deva responder afirmativamente. Eis o motivo.

Embora o esqueçamos quase sempre, aquilo que chamamos de «Evolução» só se desenvolve em virtude de uma certa preferência interna pela sobrevivência (ou, se preferirmos, por «se sobreviver»), que, no Homem, assume nitidamente uma modalidade psíquica, sob forma de gosto de viver. Em última instância, é o gosto de viver, e nada mais, que ampara e sustenta o complexo inteiro de todas as energias bio-psíquicas cujo jogo condiciona experimentalmente a antropogênese.

Posto isto, que aconteceria se um belo dia percebêssemos que o Universo é tão hermeticamente fechado sobre
si mesmo que não poderíamos de forma alguma sair dele
— ou por sermos forçados a nele girar indefinidamente, ou
(o que dá no mesmo) por nos encontrarmos nele fadados
a uma morte total? — Imediatamente e ao mesmo tempo,
parece-me — justamente como mineiros ao descobrirem que
a galeria está entupida à sua frente — perderíamos «o coração» para agir, e o élan humano se veria radicalmente,
por desânimo e desgosto, freado e «esvaziado» para sempre,
no fundo de si mesmo.

Isto significa apenas que, ao se tornar reflexivo, o movimento evolutivo só pode continuar quando se reconhece irreversível — isto é, transcendente: pois a irreversibilidade completa de uma grandeza física, na medida em que

implica a evasão para fora das condições de «desagregabilidade» próprias do Tempo e do Espaço, nada mais é que a expressão biológica da Transcendência.

Saída em direção a algo que escapa à morte total, a evolução é a mão de Deus que nos torna a conduzir a Ele. \*

«Faça Ciência tranqüilamente, sem meter-se em Filosofia nem Teologia...»

Eis o conselho (e a advertência) que a autoridade me vem repetindo ao longo de toda a minha existência.

Tal é ainda, imagino, a diretriz imposta aos inúmeros e brilhantes poldros impelidos hoje, muito oportunamente, para o campo da Pesquisa.

Mas esta é igualmente a atitude quanto à qual, respeitosamente — e no entanto com a minha convicção baseada em cinquenta anos de vida passada no coração do problema — gostaria de observar, a quem de direito, ser psicologicamente inviável, e diretamente contrária, de resto, à maior glória de Deus.

## 1. Espírito científico e Fé no Adiante

Pesquisa, Trabalho

e Adoração

A fim de compreender o que se segue, é mister lembrar a relação orgânica e necessária que, em todos os domínios, faz com que a operação humana dependa de um atrativo suficientemente forte, exercido pelo termo dessa operação. Para atingir um ápice (quanto mais for ele abrupto), é mister que o escalador tenha a vontade ardente de atingir esse ápice. A lei é universal. Deve portanto encontrar sua aplicação no caso da ciência: esta famosa ciência cujas conquistas todos enaltecem e utilizam — mas

vinamia caolutiva si pode continuer quendo se reconhece

- Estudo escrito provavelmente em maio de 1951 (por ocasião da Semana dos Inte-

lectuais Católicos).

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> Últimas páginas remetidas pelo Pe. Teilhard antes de morrer. Foram escritas pouco após a última obra: *Le Christique*, que sairá posteriormente (N.E.).

sem nunca perguntar em que fonte psicológica profunda se alimenta um élan humano tão irresistível e tão generalizado.

Já faz um século, na Terra, a Pesquisa científica se tornou tanto quantitativamente (pelo número dos indivíduos empregados) como qualitativamente (pela importância dos resultados obtidos) uma das formas capitais — se não a forma principal — da atividade terrestre reflexiva.

Mas então deve existir um motor extremamente possante (qual o motor bastante possante?...) para sustentar e acelerar em torno de nós semelhante movimento.

Tentemos responder à questão.

A princípio (e com prolongamento do que já se observa nos animais superiores) o que torna o Homem um «sábio» é aparentemente o atrativo especulativo da curiosidade, combinado com o excitante econômico de uma vida mais fácil. Descobrir e inventar por prazer e ao mesmo tempo por necessidade — para melhorar em torno de si a existência. Pode-se justamente considerar esta dupla necessidade de distração e conforto como o estimulante inicial da Pesquisa.

Mas como não ver ao mesmo tempo que, ligado aos últimos desenvolvimentos do Conhecimento, vai um novo excitante psíquico muito mais poderoso aparecendo no Pesquisador de hoje: não somente apenas o gosto do bemestar, mas a sagrada e ardente esperança de alcançar o ser-mais.

Até bem recentemente, o Homem se havia aparentemente resignado com a idéia de que tudo o que poderia fazer de melhor neste mundo seria continuar existindo assim como é, nas melhores condições possíveis.

Mas eis que sob o efeito conjugado de dois fatores intelectuais novos, a saber:

- a) descoberta em primeiro lugar que a Vida era o resultado e a expressão de uma evolução;
- b) e descoberta, ao mesmo tempo, que, apoderando-se cientificamente das forças desta evolução, era possível a ele, Homem, fazer-se ultra-evoluir; eis então, repito, que uma nova perspectiva e uma nova ambição penetraram em nossos corações, não apenas so-

breviver ou viver bem, mas superviver, forçando a entrada de um domínio superior de Consciência e Ação o o o o o

Bem no fundo de si mesmo, doravante, nenhum pesquisador digno deste nome trabalha mais (nem pode trabalhar) a não ser sustentado pela idéia de levar mais longe, e até ao extremo, o Mundo em torno de si.

Noutras palavras, e virtualmente ao menos, todo Pesquisador se tornou hoje, por exigência funcional, um «crente no Adiante», alguém dedicado ao «ultra-humano».

Tal é, a meu ver, a situação presente — situação que implica as seguintes consequências práticas.

## 2. O Conflito Religião-Ciência e sua Solução

Aos olhos da autoridade religiosa a Ciência é perigosa porque, no espírito daqueles que se dedicam a ela, pode ameaçar multiplicar as «objeções» e desenvolver a tendência à dúvida.

Em virtude daquilo que acabo de afirmar, coloca-se o problema de maneira diferente e num nível mais profundo.

Na realidade, aquilo que deveria fazer os Superiores refletirem antes de mandar um jovem para o laboratório (ou para a oficina, o que dá no mesmo, no fundo) não é tanto o receio de vê-lo desenvolver um «espírito crítico» quanto a certeza de expô-lo ao fogo de uma nova fé (a fé no Homem), à qual não está provavelmente habituado.

Evolação cosmica, o sabio cristão se ve firustum grarUqui-

Quanto mais piedoso o indivíduo escolhido, tanto mais se pode apostar que, conforme os ensinamentos recebidos, há de considerar, religiosamente falando, os esforços e conquistas da Ciência como um simples acréscimo ou acessório do Reino de Deus.

E quanto mais garra apresentar cientificamente, por outro lado, tanto mais terá chance de se ver imediatamente seduzido por uma nova perspectiva que confere valor absoluto ao objeto natural de seus gostos mais profundos.

Queimar ou ser queimado (N.E.). 1000 10 enista : «Plus el Cego. (N.E.)

Em nossos dias, pela força das circunstâncias o Cristão não pode absolutamente mais dedicar-se sinceramente à Pesquisa (nem por conseguinte alinhar-se com o mesmo entusiasmo que seus camaradas não-cristãos), sem participar na visão fundamental que anima esta Pesquisa; isto é, sem solucionar previamente a contradição que existe ainda no fundo de si, em noventa por cento dos casos, entre os valores do Acima evangélico tradicional e os do novo Adiante humano.

Mandar por conseguinte um Religioso fazer Ciências sem permitir-lhe, ao mesmo tempo, que repense radicalmente toda a sua visão religiosa é o mesmo — como dizia eu inicialmente — que lhe dar uma missão impossível, e condená-lo de antemão a resultados mediocres, numa vida interior dividida.

Situação tanto mais «absurda» quanto, para sair do impasse, não se trata (passei a vida inteira a bradá-lo) de atenuar o espírito cristão (e inaciano) mas de revigorá-lo até a mais alta expressão de si mesmo.

Não é aqui o lugar para desenvolver mais uma vez minha tese familiar segundo a qual, num Universo de tipo convergente que a Ciência nos revela (e somente em tal Universo) o Cristo encontra afinal a plenitude de sua ação criadora, graças à existência, enfim percebida, de um centro natural e supremo de Cosmogênese onde se pode instalar.

Um ponto, porém, no qual me parece que se deve insistir, mais que nunca, é que, pelo simples fato dessa transferência do Cristo ressuscitado para um pólo superior da Evolução cósmica, o sábio cristão se vê não somente «equianimado», mas «superanimado» em relação ao sábio nãocristão, no seu élan pela Pesquisa. Pois então, a seus olhos, não simplesmente sob a forma de um vago Coletivo, mas sob os traços de um Alguém sumamente atraente e preciso se perfila, no Futuro, o ultra-humano.

No espírito e no coração do cristão que se tornou «trabalhador da Terra», por conseguinte, já não existe interferência a recear, mas estabelece-se uma magnífica ressonância entre a adoração do Acima e da fé no Adiante.

E portanto, no próprio terreno da devoção ao Mundo, o direito e o orgulho de poder dizer ao camarada humanista ou marxista: «Plus et ego»...

3. Um dispositivo prático que se há de considerar: Uma formação religiosa especializada para os que trabalham no laboratório ou na oficina

Como reconciliar (reconhecendo que são de fato uma só e mesma coisa) o Deus do Acima e o Deus do Adiante?

Já a partir de uns cinquenta anos, lançados ao acaso em «guerrilhas», padres pesquisadores e padres-operários sentiram como eu e, mais ou menos como eu, procuraram resolver o problema: «cada um por si».

Não teria já chegado o momento de separar cuidadosamente, codificar e transmitir sistematicamente aos novos recrutas os resultados desta experiência? — Ou seja, antes de lançar os jovens aos laboratórios (ou à oficina), não seria preciso agora não somente selecioná-los sob o ponto de vista de suas capacidades e seus gostos intelectuais, mas ainda mais talvez:

1º examiná-los e

2º educá-los sob o ponto de vista de sua aptidão espiritual para discernir e perseguir «o Crístico» em e através de um «ultra-humano»?

Esta medida se impõe, evidentemente.

Assim, com toda a naturalidade, o espírito sente-se levado a considerar, sob uma ou outra forma, a criação de «seminários especializados» onde (ou em curtos períodos de treinamento ou em estágios prolongados) os jovens pesquisadores ou trabalhadores de amanhã seriam iniciados pelos mais velhos bem escolhidos numa teologia mais atenta do que o foi até agora em explicitar os laços que ligam geneticamente entre si Reino de Deus e Esforço Humano.

Formação intelectual na base, portanto. Mas, bem entendido, educação espiritual também: e esta encontrando sua expressão na prática dos Exercícios, repensados (justamente como o Dogma) no sentido de uma melhor apreciação das virtudes ao mesmo tempo crísticas e cristificantes das operações e das obras humanas.

<sup>&</sup>lt;sup>3</sup> No padre-operário, a reivindicação "social" do melhor ser camufla a aspiração, a fé neo-humanística no ser-mais. Mas, a meu ver, esta fé está sempre aí, formando a parte principal e a mais viva do "espírito operário" (cf. os repetidos testemunhos de Paul Vaillant Couturier, do Dr. Rivet, etc.).

«O Fundamento», «o Reino», «os dois Estandartes» '...: uma vez que essas Meditações essenciais foram concebidas numa época em que o Homem ainda se via colocado num Universo estático, não levam em conta (sob sua forma atual) a legítima atração agora exercida sobre nós pelo Adiante. Não dão todo o valor santificante e comungante aos progressos da Hominização. Por conseguinte, não propiciam ao Pesquisador (nem ao Operário) modernos aquilo que tanto um como o outro esperam sobretudo de sua Fé: a saber (como o dizia um jocista), o direito de afirmarem a si mesmos que contactam e consumam diretamente o Cristo Total quando trabalham.

Assim como a Cristologia dogmática, na verdade, é a própria noção de perfeição cristã que pede para ser retomada e re-aprofundada (em seu sentido), uma vez que a transpomos num Universo novo (precisamente o dos laboratórios e da fábrica) onde a «criatura» não é somente um «instrumento que se deve utilizar» mas antes um «co-elemento que se há de integrar» pela Humanidade em gênese — e onde a velha oposição Terra-Céu desaparece (ou é corrigida) na fórmula nova: «Ao Céu pelo acabamento da Terra».

Portanto, outra teologia e um enfoque diferente da perfeição, obtidos pouco a pouco, nas casas de estudos e de retiros, para atender às novas necessidades e às novas aspirações dos «trabalhadores» que nos cercam.

E mais ainda talvez (na medida em que pesquisadores e operários de hoje são apenas a vanguarda da Sociedade em ascensão) uma nova e superior forma de adoração gradualmente descoberta pelo Pensamento e pela Oração Cristãos para uso de todos os crentes do futuro.\*

tendido educação espiritual conbém: e estas encontrando

ção des carudes ao memo tempo cristiças e cristifican

Parece-nos oportuno publicar aqui a carta dirigida pelo Pe. Teilhard a E. Mounier, no dia 2 de novembro de 1947, por ocasião dos diálogos que este presidia em Châtenay (N.E.).

CARO AMIGO,

Como me é de todo impossível assistir a suas sessões, quero ao menos enviar-lhe estas poucas linhas para dizer-lhe até que ponto, de coração, estarei com você e com todos vocês. Não tive tempo para lhe escrever um relatório. Devo entretanto ressaltar o seguinte ponto, quase self-evidente — que gostaria de ter apresentado e discutido com sua equipe.

Quando se fala de uma "teologia da Ciência moderna", isto não quer evidentemente significar que a Ciência possa determinar, por si só, uma imagem de Deus e uma religião. Mas isto significa, se não me engano, que, dado um certo desenvolvimento da Ciência, acham-se excluídas algumas representações de Deus e certas formas de adoração por não serem homogêneas com as dimensões experimentais do Universo. Esta noção de homogeneidade é certamente capital na vida intelectual, moral e mística. Se os diversos andares de nossa vida interior não se definem rigorosamente uns aos outros — devem no entanto combinar em escala, natureza e tonalidade. Noutras palavras, impossível obter uma verdadeira unidade espiritual em nós — o que é talvez a exigência mais legítima do Homem de hoje e do Homem de amanhã.

Isto posto, pode-se dizer, penso eu, que as grandes modificações trazidas pela Ciência à nossa percepção e concepção do estofo do Mundo são as seguintes:

1º Organicidade total do Universo no Tempo e no Espaço. No Mundo, tal como hoje nos aparece, todo elemento, todo acontecimento (ainda que limitado na sua trajetória individualizada, num curto segmento histórico) é realmente co-extensivo (em sua preparação, enquadramento e acabamento) à totalidade de um Tempo-Espaço, do qual não pode

<sup>\*</sup> Meditações dos Exercícios de Santo Inácio (N.E.).

\* Nova Iorque, março de 1955.

a nossa experiência emergir, nem para trás nem para a frente (a não ser, neste último sentido, por morte e êxtase).

2º Atomicidade do Universo. Com isso entendo a propriedade de o Mundo (suspeitada desde os gregos, mas estabelecida somente — e com que realismo prodigioso — a partir de uns cinquenta anos!) ser elementarmente composto por uma multidão incrível, enlouquecedora, de grãos elementares, sempre mais numerosos e pequenos para baixo — no ínfimo; daí, na base das coisas, o papel enorme, inevitável, do Acaso e das tentativas.

3º Por conseguinte, função primordial do Arranjo (ou Unificação), com a Consciência aparecendo em ligação experimental evidente com uma complicação gradual do arranjo no seio de sistemas corpusculares de ordem sempre mais elevada.

Uma teologia aceitável deverá, doravante, apresentar-se num quadro real definido por esses três eixos principais. A Metafísica abusou de uma idéia abstrata de ser, fisicamente indeterminada. Mas a Ciência nos define, por meio de certos "parâmetros" precisos, a natureza e as exigências, isto é, o estofo físico do ser "participado". Esses parâmetros deverão ser respeitados, doravante, por toda concepção de Criação, Encarnação, Redenção e Salvação — bem como, é claro, toda "demonstração" da existência de Deus.

Faça o que quiser com estas reflexões. Mas não as publique...\*

Mais uma vez, boa sorte.

Seu

\*Pela obediência religiosa o Pe. Teilhard estava proibido de publicar seus escritos, excetuando alguns artigos científicos (N.E.).

Este livro foi composto e impresso nas oficinas gráficas da Editora Vozes Limitada Rua Frei Luís, 100 Petrópolis, Estado do Rio de Janeiro, Brasil.



Rua Frei Luís, 100. Tel.: 42-5112 ° Caixa Postal 23. End. Telegr.: Vozes 25.600 Petrópolis, Estado do Rio C.G.C. 31.127.301/0001 Inscr. Est. 39.030.164

#### Filials:

Rio de Janeiro: Rua Senador Dantas, 118-I Tel.: 242-9571 São Paulo: Rua Senador Feljó, 158/168 Tels.: 33-3233 - 32-6890 Belo Horizonte: Rua Tupis, 85 Loja 10 — Tel.: 22-4152 Porto Alegre: Rua Riachuelo, 1280 Tel.: 25-1172

#### Representantes:

Recife: NORDIS-Nordeste Distribuição de Editoras Ltda. Rua da Conceição, 106. Tel.: 21-4306 Fortaleza: Ceará Ciência e Cultura Ltda. Rua Edgar Borges, 89. Tel.: 26-7404